

BANG!

REVISTA DE LITERATURA E FANTÁSTICO

FEVER
EIRO
2009

5€

ficção
ensaio
crítica
opinião
e design
para te
revirar os
olhinhos

A MELHOR DIVERSÃO
DA CIDADE **Gerðon**
Lodi-Ribeiro

Nº 7

O INDESCRITÍVEL SR.
SALCEDO
Renato
Carreira

LIVROS
MÍTICOS
António
Macedo

NA GUERRA
COM BRUXAS
Richard
Matheson



uma publicação
Saída de Emergência

agora é
sempre a
abrir

pois é, daqui para a
frente a revista Bang!
promete sair de 3
em 3 meses. MESMO!



EDITORIAL



NA GUERRA COM BRUXAS,
por Richard Matheson



A MELHOR DIVERSÃO DA CIDADE,
por Gerson Lordi-Ribeiro



HORDA PRIMITIVA,
por Vasco Curado



A PREOCUPAÇÃO FUNDAMENTAL,
por Valéria Rizzi



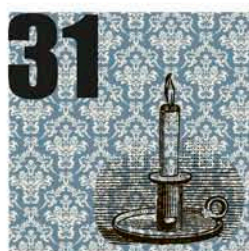
O KRAKEN,
por Alfred Tennyson



O DRUIDA DE SOMERSBY,
por Octávio dos Santos



A COMPANHIA DOS CEGOS,
por David Soares



O INDESCRITÍVEL SR. SALCEDO,
por Renato Carreira



H. P. LOVECRAFT - UM ÍCONE
DA CULTURA OCIDENTAL
CONTEMPORÂNEA 2ª PARTE,
por José Carlos Gil



LIVROS MÍTICOS OU A
BIBLIOTECA (QUASE) INVISÍVEL,
por António de Macedo



LUZES, CÂMARA... BANG!,
por Nuno Fonseca



DE A A BD - WATCHMEN,
POR DETRÁS DA MÁSCARA,
por Ricardo Venâncio



OS LIVROS DAS MINHAS VIDAS,
por João Barreiros

Ficha Técnica

Propriedade e edição

Edições Saída de Emergência
Todos os direitos reservados.

Editores

Luís Corte Real
e Nuno Fonseca

Direcção de Arte

Edições Saída de Emergência

Colaboradores nesta edição

Richard Matheson, Vasco
Curado, João Barreiros, Valéria
Rizzi, Gerson Lodi-Ribeiro,
Octávio dos Santos, David
Soares, Renato Carreira, José
Carlos Guerreiro Gil, António
de Macedo, Ricardo Venâncio

Redacção

Av. da República, nº 861, Bloco
D, 1º Dto, 2775-274 Parede

Pré-impressão e Impressão

Publidisa

Tiragem

150

Copyrights

Textos propriedade da editora
e/ou dos respectivos autores

Editorial **BANG!**

Caros leitores, apresento-vos, aqui ao meu lado, o novo co-editor da Bang!: o Nuno Fonseca. Nuno, apresento-te, aqui à nossa frente, os verdadeiros leitores portugueses de fantástico. E por quê um co-editor, perguntam vocês? Por duas razões: a Saída de Emergência, com a prata da casa, já não conseguia manter a revista em andamento. E, mais importante, porque só valia a pena manter a revista se fosse para a melhorar. Nas vossas mãos está o número 7. Acreditamos que é a melhor de sempre. Leiam e digam de vossa justiça.

Para marcar esta evolução na revista Bang! voltámos a imprimir alguns exemplares que vão vender-se na nossa página online. Vamos no entanto continuar a disponibilizar uma versão gratuita em PDF. Mesmo que vendamos todos os exemplares impressos, a editora não vai ganhar um centimo. Pelo contrário. Mas esperamos conquistar novos leitores para o género fantástico, incentivar outros a escrever e, em última instância, dar a conhecer a melhor colecção de literatura fantástica em Portugal: a Colecção Bang!

2010 entrou-nos pela porta adentro. O que podemos esperar para além da crise? Da parte da Colecção Bang!, muito!

Dune de Frank Herbert, considerado o melhor romance de ficção de sempre, vai ter direito a uma edição de excelência com nova tradução. *Flashforward* de Robert J. Sawyer, um clássico moderno da ficção, chega já em Março, Tim Powers mais no

final do ano com *O Portal de Anúbis*. A fantasia vai continuar a dar cartas: Raymond E. Feist, Jacqueline Carey e Laurell K. Hamilton são as novidades, mas Mervyn Peake, Robin Hobb,

H. P. Lovecraft e George R. R. Martin vão ter o seu lugar. Temos ainda o novo romance de David Soares, *O Evangelho do Enforcado*, já em Fevereiro, e pelo menos duas antologias garantidas para este ano: *Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa* (edição fac-similada organizada pelo historiador

Luís Filipe Silva com a melhor pulp nacional dos últimos cem anos) e o *Almanaque do Dr. Thackery T. Lambshead para Doenças Exêntricas e Desacreditadas* com muita ficção original portuguesa.

Mas agora é hora da Bang! 7. Votos de uma boa leitura e, se a considerarem satisfatória, ajudem-nos a divulgá-la e encontrem-se connosco no número 8, já daqui a 3 meses.

LCR

LUÍS CORTE REAL é editor da Saída de Emergência.
Fã de fantástico, banda desenhada e bons livros em geral.

Este é o primeiro número do ano e também aquele em que a Bang! começa a ensaiar novos autores e conteúdos. Uma publicação tem de se renovar constantemente, pisar novos territórios, abraçar novas ideias. E sendo a nossa área a do fantástico, um género em franca evolução mas ainda com muito caminho a percorrer no nosso país, não podemos deixar de sentir uma certa ideia de responsabilidade e de missão, algo que nos leve a ser melhores. Foi por isto tudo que aceitei o feliz convite do Luis Corte Real para co-editar a Bang!

Todas as publicações possuem uma história particular e um carisma próprio, algo que nos esforçamos por respeitar e manter, mas sobre o qual achámos indispensável inovar e para melhor. Os leitores que pegarem neste número da Bang! continuarão a reconhecê-la, mas detectarão as mudanças - uma tendência que se irá acentuar ao longo do ano e que esperamos seja do vosso agrado. Porque uma revista nada é sem os seus leitores e é para vocês que nos esforçamos. O género Fantástico tem uma sólida presença na literatura, mas as suas modernas expressões denotam alguma dificuldade em penetrar no nosso mercado. Não só questões de respeitabilidade, como de qualidade, são usualmente esgrimidas. Ora a Bang! sempre se posicionou não só a favor do género como também pugnando pela sua vitalidade, encorajando novas vozes e novas abordagens. Neste número damos-vos uma boa dose de ficção e de não-ficção com elevadas doses de interesse e através de opiniões sobre obras fundamentais do fantástico em áreas tão diferentes como as do cinema, da banda desenhada ou da literatura. Poderão ler, a par de tradicionais contribuintes como João Barreiros, António de Macedo, Vasco Curado e David Soares, novas vozes como a de Valéria Rizzi e Ricardo Venâncio, conhecer as ideias iconoclastas do brasileiro Gerson Lodi-Ribeiro que também se estreia nas nossas páginas mas que já é conhecido do grande público. E não esquecer a oportunidade de ler uma extraordinária poesia de Tennyson, que se acompanha de um estupendo ensaio sobre este poeta da autoria de Octávio Santos.

Como vêem, as novidades são bastantes e estamos entusiasmados com elas. Trabalhámos afincadamente neste número para vocês, os amantes de um género que adora a emoção, a aventura, o maravilhoso. Esperemos que gostem.**NF**

NUNO FONSECA nasceu no ano de Woodstock e da ida do Homem à Lua, eventos que o condicionaram a uma vida de amor pela literatura do fantástico e em especial da Ficção Científica. Fugindo a uma vida comercial e administrativa, mergulhou de cabeça no género e não se espera que volte a sair. Foi editor da e-zine Nova, escreve regularmente para o site de literatura generalista Orgia Literária e para o internacional World SF News blog.

na guerra com/

bruxos

por richard matheeson

CONTO ORIGINAL: WITCH WAR

Sete meninas bonitas, sentadas em fila. No exterior, noite e chuva – clima belicoso. No interior, um calor delicioso. Sete meninas bonitas a conversarem, comportadinhas. E na placa da parede podia ler-se: Centro de Apoio Parental.

O céu tossiu um trovão e sacudiu caspa relampejante dos seus ombros imensuráveis. A chuva amainou a terra, refrescando-a e acariciando as árvores. O edifício cúbico, rasteiro, com uma janela de acrílico numa das paredes.

E lá dentro, a conversa sussurrada de sete meninas bonitas.

‘E então eu disse-lhe – “Nem penses nisso, Senhor Sabichão”. E ele disse: “Ah, é?” E eu respondi-lhe: “Ah, pois é!”’

‘Ai, meu Deus, que isto nunca mais acaba... Vi um chapéu liiindooo na última vez que foi às compras. Ai, meu Deus, o que eu não *daria* para poder usááá-looo!’

‘Tu? E achas que eu também não queria? Mas é impossível conseguir ter um cabelo de jeito com este tempo. Porque é que *eles* não se livram da chuva?...’

‘Homens! Metem-me tanto nojo.’

Sete ademanos, sete atitudes, sete risinhos retinindo à luz dos relâmpagos. Sorrisos de meninas com os dentes à mostra. Dedos pequeninos, inquietos, desenhando figuras invisíveis no ar.

Centro de Apoio Parental. Raparigas. Sete e todas bonitas. Nenhuma delas com mais de dezasseis anos. Caracóis. Trancinhas. Bandeletes. Beicinhos feitos com bocas pequeninas – sorridentes, descontentes; emoções, *muitas emoções*. Olhos jovens e brilhantes – cintilando, piscando; cumplicidades e desconfianças.

Sete corpos sadios, endiabrados, nas cadeiras de madeira. Perninhas adolescentes e delicadas. Meninas – meninas bonitas – *sete*.

Um exército de homens horrorosos, indistintos, a ras-tejar na lama, a avançar com esforço pela estrada enlameada e às escuras.

A chuva em catadupa. Baldes dela, atirados à bruta para cima dos homens exaustos. As botas a pisarem a lama e a fazerem barulhos – *splosh! splosh!* Barulhentas e todas emporcalhadas de lama castanha e amarela.

Homens obstinados – centenas deles – ensopados, arrasados, deploráveis. Rapazes curvados que nem velhos. Bocas à banda, chupando ar frio; línguas sem vida, olhos encovados que não viam nada e nada revelavam.

Pausa.

Homens a afundarem-se na lama de barriga para o ar com o peso das mochilas. Cabeças caídas, bocas abertas, chuva a ricochetejar em dentes sujos. Mãos imóveis – membros mirrados feitos de carne e ossos gastos. Pernas sem força – palitos de *khaki* tão quebradiços quanto madeira bichada. Centenas de braços e pernas inúteis, atarracados a corpos desnecessários.

Atrás, à frente, nos lados, o rugido dos camiões e dos tanques e dos jipes. Pneus gordos espalhando lama. Lagartas pesadas espalhando-a, abrindo escaras no solo. Chuva rufando o ritmo no metal e no vinil.

Flashes sem as máquinas fotográficas: explosões brevíssimas de luz. O rosto da guerra iluminado por um segundo – rugas de canos ferrugentos de armas, veículos cercados e soldados atónitos.

Trevas. A noite encobriu as luzes tempestivas. Chuva empurrada pelo vento a tornar escorregadias as estradas e os campos, alagando trincheiras e veículos de caixa aberta. A terra sulcada sangrou lama e chuva. Raios e trovões.

Uma apitadela. Homens que estavam mortos ressuscitaram. Botas na lama, outra vez – *splosh, splosh!* Mais fundo, mais perto. Mais perto de uma cidade que interrompia o caminho de outra cidade que barrava o caminho para outra cidade que...

Um oficial sentou-se na sala de comunicações do Centro de Apoio Parental. Olhou para o operador, curvado sobre o painel de controlo com auscultadores na cabeça. Anotava um recado.

O oficial olhou para o operador. *Eles estão aí a chegar*, pensou. *Todos molhados, a tremer de frio e de medo. Marcham para aqui*. Ele rangeu os dentes e fechou os olhos.

Abriu-os, de repente. Visões encheram-lhe as pupilas enegrecidas – imagens de fumo espesso, homens incinerados, horrores inimagináveis que dispensavam comentários.

‘Meu sargento’, disse o operador, ‘uma mensagem do posto avançado de observação. O exército inimigo foi avistado.’

O oficial levantou-se, dirigiu-se à mesa do operador e agarrou o papel. Leu-o e ficou lívido com a boca transformada num parêntesis.

‘É verdade’, disse.

Virou-se para trás e caminhou para a porta. Abriu-a e entrou na sala. As sete meninas calaram-se. Fez-se silêncio absoluto.

O oficial ficou voltado de costas para a janela de acrílico. ‘Inimigos’, disse, ‘a três quilómetros daqui. Mesmo à vossa frente.’

Virou-se e apontou para a janela.

‘Nesta direcção a três quilómetros de distância. Alguma pergunta?’

Uma das meninas riu.

‘Há carros?’, perguntou outra.

‘Há’, disse o oficial. ‘Cinco camiões, cinco jipes e dois tanques de assalto.’

‘Oh, isso é canja’, disse a menina, penteando o cabelo com os dedos.

‘É tudo’, disse o oficial. Caminhou para a porta. ‘Façam-se a eles!’, acrescentou. Em voz baixa, sussurrou: ‘ *Suas bestinbas!*

Saiu.

‘Ai, meu Deus’, disse uma das meninas, ‘lá vamos nóóós outra vêêêz.’

‘Que chatice’, disse outra. Abriu a boca perfumada, tirou a pastilha-elástica e colou-a debaixo da cadeira.

‘Até que enfim que parou de chover’, comentou a ruiva, apertando os atacadores dos sapatos.

As sete raparigas olharam umas para as outras. *Estamos prontas?*, perguntaram sem palavras. *Eu acho que estou*. Repimparam-se nas cadeiras, rindo, arranjando os cabelos e suspirando. Prenderam os pés nas pernas das cadeiras. Todos os chicletes tinham sido postos de parte. Lábios plissados em beicinhos pudicos. As meninas bonitas estavam prontas para brincar.

Calaram-se. Uma delas respirou fundo. E outra. Todas deram as mãozinhas brancas e apertaram-nas com força. Uma delas coçou depressa a cabeça e voltou a dar a mão. Outra matou um espirro, soltando um guinchinho.

‘Agora’, disse a menina da ponta do lado direito.

Sete pares de lindos olhinhos fecharam-se. Sete mentes infantis e inocentes começaram a imaginar, a visualizar, a transportar-se.

Lábios descaíram, sem vigor. Rostos perderam a cor. Corpos estremeceram com violência. Dedos trementes, concentrados. *Sete meninas bonitas foram à guerra*.

Os homens aproximaram-se do edifício, vindos do topo de uma colina, quando foram atacados de surpresa. O pelotão da infantaria que ia à frente irrompeu em chamas, misteriosamente.

Não houve tempo para gritar. Deixaram cair as armas na lama e os olhos caíram, queimados. Tombaram, carbonizados, e fizeram a água da chuva assobiar.

Os homens gritaram. As fileiras desorganizaram-se. Agarraram as armas e começaram a disparar à toa para a escuridão. Mais soldados se incendiaram e morreram.

‘Separem-se!’, gritou um oficial antes da mão dele puxar fogo e a cara ser lambida por uma labareda amarela.

Os homens olharam para todo o lado. Estupefactos e cheios de medo procuraram pelo inimigo. Abriram fogo para os campos e para a mata. Atingiram-se uns aos outros. Desertaram, atrapalhados, pelos caminhos enlameados.

Um camião foi envolvido pelo fogo. O motorista saltou para o chão já transformado numa tocha com duas pernas. O camião seguiu desgovernado e saiu da estrada; escorregou pelo campo abaixo e chocou com uma árvore. Explodiu e



foi consumido pelo incêndio radiante; sombras dançaram entre as chamas. Gritos rasgaram a noite.

Todos os homens pegaram fogo e caíram com a cara na lama. Fagulhas incandescentes chicotearam a escuridão húmida – gritaria – acendalhas ambulantes, crepitando, refulgindo, morrendo – um exército quente – camiões cremados – tanques a explodir.

Uma pequena lourinha com o corpinho teso de tanta excitação. Lábios trêmulos; um risinho entupindo-lhe a garganta. Narinas dilatando – estremecendo com o frisson. Imaginou, imaginou...

Um soldado correu pelo descampado, inclinado para a frente e a gritar; os olhos doentes de medo. Um pedregulho gigantesco despenhou do céu e esmagou-o. O corpo dele foi calcado para dentro da terra mole; os dedinhos dele tremelicaram sob a pedra pesada. A rocha ergueu-se no ar e caiu, novamente: martelo improvisado. Esmagou um camião incendiado e desapareceu a voar pelo céu.

Uma pequena moreninha, febril de alegria. Pensamentos marotos cocegaram-lhe o cérebro virginal. A pele do rosto estava esticada pelo êxtase. Os dentes arreganhados. Um soluço de terror, ou de prazer, escapou-lhe. Imaginou, imaginou...

Um soldado caiu de joelhos. A cabeça caiu-lhe para as costas. Rodeado de camaradas incendiados, ele olhou, incrédulo, para a onda que se agigantava à frente dele.

A onda precipitou-se e varreu-lhe o corpo pelo terreno enlameado, enchendo-lhe os pulmões de água salgada. A onda cavalgante ribombou pelo descampado e afogou centenas de soldados queimados; atirou-os ao ar em ruidosos repuxos de espuma.

Subitamente, a água parou: desintegrou-se em milhões de partículas e desapareceu.

A adorável ruivinha tinha as mãos fechadas em punhinhos cruéis debaixo do queixo e, entusiasmada, insuflou o peito. Os lábios tremaram-lhe. Ela respirou fundo mais uma vez, fazendo subir e descer a garganta branquinha. A ponta do nariz mexeu-se como o focinho de um coelho: estava radiante de felicidade. Imaginou, imaginou...

Um soldado em fuga chocou com um leão à solta. Sem conseguir ver no escuro da noite apalpou-lhe a juba, aterrorizado, e tentou atingi-lo com a coronha da arma. A cara foi-lhe arrancada apenas com uma patada. O rugido selvagem do leão mostrou-se soberano sobre todos os gritos.

Um elefante de olhos vermelhos pisoteou à bruta tudo o que encontrou e pescou homens com a tromba para os atirar ao ar e esmagá-los com as patas.

Lobos formaram-se da própria escuridão e atiraram-se aos pescoços dos soldados. Gorilas ululantes cabriolaram pela lama e agarraram aqueles que tentavam fingir-se de mortos.

Cintilante à luz dos cauterizados, um enorme rinoceronte carregou a toda a velocidade na direcção de um tanque que estava a resistir ao fogo; o veículo de assalto virou-se e foi atirado para a escuridão da noite para nunca mais ser visto.

Presas – garras – dentes afiados – gritos de angústia – barridos – rugidos. Choveram serpentes.

Silêncio. Um silêncio espesso que se infiltrou em tudo. Não soprava vento, não caía chuva, nem tão-pouco se ouviam trovões à distância. A batalha tinha acabado.

A cinzenta névoa matinal desenrolou-se sobre os estorricados, os mutilados, os afogados, os esmagados, os envenenados e os esquartejados.

Camiões imóveis – tanques silenciosos exalaram pequenas fumarolas de óleo queimado das carcaças derrotadas. O território estava coberto por uma grande mortandade. Mais uma batalha numa outra guerra.

Vitória – estavam todos mortos.

As meninas espreguiçaram-se, lânguidas; esticaram os braços e estalararam as omoplatas. Lábios rosados desabrocharam em bocejos lindos. Olharam umas para as outras e desviaram os rostos, sorrindo de embaraço. Algumas coraram. Poucas pareceram sentir-se culpadas.

Então, todas se riram em voz alta. Abriram mais pacotes de gomas e pastilhas, tiram as caixinhas de maquilhagem dos bolsos e falaram entre elas, com intimidade, em sussurros de meninas da escola, em suspiros de meninas da faculdade.

Os risinhos quentes, mais leves que o ar, subiram até ao tecto e aqueceram o quarto.

‘Somos tão mazinhas!’, disse uma delas, pondo pó de arroz na ponta do nariz arrebitado.

Depois desceram e tomaram o pequeno-almoço. **BANG!**



Richard Burton Matheson é um autor americano e argumentista. As suas obras são principalmente dos géneros de fantasia, terror e ficção científica. Nascido em Allendale, New Jersey, Matheson cresceu em Brooklyn. Alistou-se e passou a Segunda Guerra Mundial como soldado de infantaria. Em 1949 obteve o seu bacharelado em jornalismo na Universidade de Missouri-Columbia e mudou-se para a Califórnia em 1951. Casou-se em 1952 e tem quatro filhos, três dos quais são autores de ficção científica e argumentistas. O seu primeiro conto, “Born of Man and Woman” (Nascido homem e mulher), apareceu na “Magazine of Fantasy and Science Fiction” em 1950.

HORDA PRIMITIVA

POR VASCO CURADO

A minha primeira visita ao colégio do padre Sousa tinha-me deixado impressionado com a sua personalidade. Agora sei que me deixei iludir pelas aparências e, quanto a isso, o que eu fui encontrar na minha segunda visita não deixou margem para dúvidas.

O padre, que conheci numa conferência, convidara-me a dar aulas de Moral e Conduta Cívica no colégio. Ouvira histórias sobre ele, a forma corajosa e destemida como defendera, no passado, as suas missões em países instáveis. Homem de acção, nunca foi uma pessoa que tentasse demover obstáculos só com o poder da palavra ou com uma abnegação exemplar; à violência que muitas vezes o ameaçara, respondia com uma violência de força igual, para defender os seus interesses e as pessoas que tinha à sua guarda.

Ao vê-lo, eu podia imaginá-lo nesses momentos de risco. O facto de falar pouco era mais um elemento que reforçava a imposição da sua vontade, pois quando abria a boca era para dizer, seca e objectivamente, qualquer coisa que

não podia ser contrariada, o que lhe dava ainda mais autoridade.

Regressando das suas missões, o padre fundara um colégio para rapazes órfãos e abandonados. Aí estes podiam encontrar tecto, comida, formações profissionais básicas, uma linha de orientação para a vida. Acedendo ao convite para conhecer o colégio, antes de aceitar o lugar, fui ao seu encontro.

O padre Sousa recebeu-me no seu gabinete. Inspirou-me segurança com o seu olhar enérgico. Com a sua atitude objectiva, imbuiu-me também de um espírito prático e objectivo, o que é raro em mim, mais propenso que sou à divagação e à incerteza.

Falou um pouco do muito trabalho que tinha ali entre mãos, naquele momento, mas sem o mínimo tom de queixa.

Fi-
quei
com a
impressão de
que estava apenas a
dar-me alguns minutos
para me habituar à sua própria
pessoa. Depois levou-me a
conhecer as instalações.

Os rapazes estavam nas oficinas e nos pavilhões. Cruzámo-nos ocasional-

mente com alguns que levavam pastas e materiais. Notei que o padre não olhava para eles, embora eles olhassem para ele, empertigando-se levemente para não parecerem relaxados, ou como se devessem mostrar que reparavam na sua passagem.

No final da volta, estávamos na hora do almoço.

— Vamos à cantina — disse ele. — Almoça comigo.

Quando nos aproximávamos da cantina ouvi o bulício e o vozear naturais

que
deixavam
adivinhar uma
sala cheia de rapazes
barulhentos. Assim que a
figura do padre assomou à porta,
o barulho de tantas vozes desencontradas, que ecoavam ali como o bater de asas numa gaiola, desapareceu num ápice. Foi quase imediato: o padre a pôr um pé dentro da cantina e o silêncio a instalar-se, sem uma transição gradual do ruído ao silêncio. Dirigimo-nos para uma mesa. A maioria das crianças e jovens não precisava de olhar para saber que ele estava ali.

A meio da refeição, fiz uma observação que andava a mastigar há longos minutos:

— Parece que a sua simples presença disciplina os rapazes.

— Tem de ser assim — respondeu. — Não pode ser de outra forma. Senão, não tinha mão neles.

Após uns segundos, acrescentou:

— Já lidei com todo o tipo de pessoas, incluindo loucos, doentes, assassinos, desesperados... Mas nada exigiu mais vigor da minha parte, até agora, do que esta centena e meia de rapazes que estão aqui. A força que há nestes rapazes pertence à Natureza, não a condições especiais de vida, a revoluções ou guerras. É qualquer coisa de vulcânico que ameaça rebentar todos os limites, todos os constrangimentos.

— Não acha que estes rapazes estão debaixo de condições especiais de vida? São órfãos...

— Bem mais importante do que isso - interrompeu-me ele —, fazendo submergir isso como um rio que submerge as margens, é o facto de eles serem uma força violenta da Natureza. Olhe à sua volta. O que é que vê?

Olhei e vi todas aquelas cabeças rapadas viradas para o prato.

— Ninguém diria que há aqui qualquer coisa de muito violento, pois não? — disse o padre, com um sorriso maquinal. — Todas as pessoas acham que a violência infantil, quando existe, é resposta à violência do meio, é um protesto, um pedido de socorro da criança... Nada disso. A violência latente que há aqui é algo de mais elementar, visceral mesmo, é uma possibilidade orgânica. Isso é o que encontramos em cada criança. Agora multiplique isso por cem ou cento e cinquenta indivíduos e ficará com uma noção do poder com que nos confrontamos aqui.

Enquanto o ouvia, incrédulo, eu imaginava aqueles rapazinhos, assaltados por um furor explosivo, a saltar para cima das mesas, a atirar pratos e comida para o ar, soltando urros e gritos inarticulados, agredindo-se entre si, partindo tudo.

Tentando perceber melhor o seu pensamento, perguntei:

— Eles já fizeram coisas graves, como um motim, uma revolta?

— Não, nunca — respondeu secamente.

— Já houve algum tipo de desordem?

— Nada por aí além — disse o padre, rapidamente, concentrando-se no manejo dos talheres.

Depois, ao notar que me deixava um pouco desconcertado com estas

respostas, que aparentemente contrariavam as suas ideias, juntou:

— A violência fundamental de que falo não tem de se manifestar em motins ou em desacatos rebeldes. É algo mais básico, arcaico... apetece-me dizer: mitológico. Conhece com certeza os mitos antigos. Pois digo-lhe que isso o pode ajudar a compreender estas crianças. O conhecimento da infância da Humanidade ajuda a conhecer a infância dos homens.

O padre falava num tom tão incisivo e autoritário que não encontrei ensejo para lhe colocar mais questões. Surgia-me com outros aspectos que não a objectividade prática que eu julgava caracterizá-lo. Agora ele parecia-me dado a especulações e elocubrações estranhas, às quais, no entanto, conferia o mesmo tom determinado.

Após uns minutos de silêncio, em que as palavras do padre pesavam nos meus pensamentos, ele disse:

— Eles eram uma horda primitiva que eu transformei num grupo civilizado. Mas não nos iludamos. É ténue o verniz da civilização! Por trás de toda a influência educativa permanece o magma palpitante, vulcânico, selvagem, intratável, que reclama os seus direitos orgânicos e pode, não se sabe quando, emergir, violando todas as regras e todos os códigos.

— Vejo, então — disse eu — que as minhas aulas de Moral e Conduta Cívica vão ter de me confrontar com esse adversário respeitável.

Aqui o padre olhou para mim com tal intensidade que eu temi que não lhe agradasse a minha tentativa de fazer espírito. Mas disse, com ardor, na primeira vez que o ouvi falar com algum ardor:

— E podemos perguntar-nos se valerá a pena. Valerá a pena enxertar normas morais e cívicas, e outras, se elas não chegam a tocar nesse fundo de violência arcaica, hereditária, básica? Valerá a pena alguma outra coisa quando nos confrontamos com esta força imensa, que em si mesma é majestosa, magnífica?

Por momentos pareceu-me que o padre estava fascinado com aquilo que me descrevia, como se para ele isso

fosse mais interessante do que os seus esforços educativos.

Esta foi a minha primeira visita ao colégio. A minha segunda visita destinava-se a apresentar-me formalmente aos alunos e começar a trabalhar. Quando cheguei, vi um carro da polícia junto ao portão. Entre o portão e a porta de entrada estavam algumas pessoas que conversavam em voz baixa, gravemente; reconheci alguns professores, os restantes eram agentes policiais.

Trocavam impressões enigmáticas, em surdina. Eu podia perceber que alguma coisa grave sucedera. Perguntei onde estava o padre Sousa e disseram-me que morrera naquela manhã.

O que me contaram então começou por ser para mim tão chocante como foi para todos. Naquela manhã, estavam poucos funcionários no colégio. As duas cozinheiras tinham ido ao mercado; o carpinteiro fora fazer umas encomendas; um dos contínuos ainda não tinha chegado. O padre estava sozinho na cantina com todos os rapazes, que tomavam o pequeno-almoço. No edifício do colégio só estava a lavadeira e um contínuo a quem o padre encarregara de fazer um trabalho administrativo no seu gabinete. A meio da manhã, este contínuo foi procurar o padre e estranhou que estivessem todos ainda na cantina. Mais estranho ainda: as duas portas da cantina estavam trancadas. Percebeu que eles ainda lá estavam porque os rapazes faziam barulho, o que não seria de esperar sabendo que o padre estava ali com eles. Falavam em voz alta, gritavam, riam. Havia ali rebuliço de brincadeiras. Em si mesmo, este rebuliço não era anormal, apenas não costumava existir na presença do padre. O contínuo bateu várias vezes à porta, chamou, mas não obteve nenhuma resposta.

Voltou ao gabinete por mais uns minutos, sem saber muito bem o que pensar daquilo. Tornou à cantina, mas aí tudo continuava na mesma. Portas trancadas, o rebuliço juvenil. Prestou

mais atenção e julgou ouvir o barulho de apetrechos de cozinha, como se houvesse actividade junto aos fornos e fogões. Mas as cozinheiras ainda não tinham voltado. Inquieto, o contínuo resolveu espreitar por uma janelinha que havia junto ao tecto. Subiu por um escadote, espreitou e viu um cenário inesperado. As mesas da cantina estavam dispostas em círculo. No centro havia mais mesas, com tachos, panelas, pratos. Os rapazes circulavam alegremente por toda a parte ou sentavam-se a comer. Não viu o padre, mas o ângulo de visão não lhe permitia ver todo o espaço da cantina

nem a cozinha adjacente. O contínuo chamou pelo padre, mas nem este apareceu nem os rapazes lhe ligaram. Chamou também por alguns deles, que estavam mais próximos da janela, mas apenas lhe lançaram um olhar distraído e indiferente. O contínuo desceu e foi bater vigorosamente na porta, não se cansando de chamar. Por fim a porta foi aberta, não pôde ver por quem. Entrou na cantina e logo se lhe adiantou um dos rapazes, gritando:

— Quem é que lhe abriu a porta?

Ninguém se pronunciou. Houve gargalhadas, piadas gritadas. O contínuo avançou. De repente, formou-se uma barreira de rapazes à sua frente, com modos resolutos, intimando-o a retroceder. A barreira adensou-se e cresceu para ele. Empunhavam facas e adagas, e havia nos seus rostos uma tal resolução que o contínuo recuou assustado e saiu da cantina. A porta fechou-se e foi novamente trancada.

Agora o funcionário tinha motivos para estar preocupado. O padre não respondia, os rapazes tinham-se barricado na cantina. Chamou a polícia. Quando os agentes chegaram, explicou-lhes as suas apreensões. Não sabia o que acontecera ao padre, mas o facto de estarem perante uma revolta dos rapazes justificava que arrombassem uma das portas. Desta vez, os rapazes não reagiram à nova intrusão. Já passava do meio-dia, estavam ali fechados há muitas horas.

A turbulência foi-se acalmando

e dando lugar a um silêncio não menos estranho e inquietante. Foi-lhes perguntado onde estava o padre, o que é que eles estavam ali a fazer, por que razão se tinham fechado. Não respondiam. Reagiam com

apatia a todas as interpelações, como se tivessem acabado de acordar de um transe.

Olhando em volta era evidente que os rapazes, trancando-se na cantina, tinham-se entregue às delícias de um festim feito só por eles, um banquete privado e ilegal onde nenhum estranho fora admitido.

O contínuo foi à cozinha e depa-rou com as roupas ensanguentadas do padre. Chamou os polícias. Revistaram fornos, baldes do lixo, e encontraram ossos humanos meio descarnados. A cabeça do padre estava intacta dentro do frigorífico. Um terror arcaico apoderou-se dos adultos. Já não podiam mais evitar os factos: o padre fora assassinado, esquartejado e comido pelos rapazes. Os adultos olhavam para eles, estupefactos. Os jovens estavam quietos e calados, naquela estranha apatia. Entretanto foram chegando os outros funcionários do colégio.

Quando eu cheguei os rapazes estavam ainda na cantina, mas agora contidos aí pelos polícias. Foi perguntado aos rapazes quem era o líder ou líderes, quem realmente matara, o que acontecera exactamente. Mas eles não respondiam a nada. O silêncio era a mais tenaz e inviolável das suas defesas.

Ao saber do sucedido, e vencendo os primeiros momentos de incredulidade, recordei a minha última conversa com o padre. Ele falara de uma força instintiva que nenhuma influência educativa poderia eliminar nos rapazes. Isto parecera-me uma elocubração fantástica, mas agora estávamos perante factos concretos. A violência fundamental e visceral, que suspeitara nos rapazes, era qualquer coisa que teria expressão em cenários mitológicos. Passou-me pela cabeça se tudo aquilo não seria uma reencenação compulsiva de um

mito antigo, originário, que jaz nos fundamentos da nossa cultura e do nosso inconsciente. Eles mataram o Pai, pensei eu subitamente. Mataram-no e comeram-no num banquete ritual, repetindo uma necessidade ancestral que persiste em estado latente e procura uma reactualização. Comeram o Pai admirado e temido para escapar ao seu poder e, simultaneamente, absorver as suas qualidades. A reemergência do mito, a sua urgência em ser repetido e vivido, surgia claramente aos meus olhos.

Receei o esplendor terrível desta suposição. Ocorreu-me se o padre, fascinado, não teria de alguma forma proporcionado o que acontecera. Se não teria ido ao encontro do seu próprio fim, favorecendo o desenrolar dos acontecimentos. Para viver plenamente a situação mítica, para se tornar ele próprio mito.

Perguntávamo-nos uns aos outros o que fazer dos rapazes. Sugeriu que fossem separados em grupos tão restritos quanto possível e que estes fossem espalhados por diferentes colégios. O mito, apesar de manejar uma força natural, devia ser demasiado forte para a consciência dos indivíduos. Seria melhor que eles fossem separados, para nunca terem de recordar, na presença uns dos outros, a perigosa atracção do mito. **BANG!**



Vasco Luís Curado nasceu em 1971. Publicou o livro de contos "A Casa da Loucura" (Ausência, 1999) e o romance "O Senhor Ambíguo" (Escritor, 2001). Colaborou com um conto intitulado "A hora" na colectânea "A Sombra Sobre Lisboa" (Saída de Emergência, 2006) e alguns contos seus têm aparecido na Bang! Psicólogo clínico, publicou uma tese de mestrado em Psicopatologia, "Sonho, Delírio e Linguagem" (Fim de Século, 2000).

ANITA DEVORADA POR DRAGÃO



ESTÁ NAS SUAS MÃOS EVITAR ISTO.
NUNCA COLOQUE A COLECÇÃO TEEN NA ZONA INFANTIL.



Todos sabemos que a TEEN é a mais bonita, luxuosa e emocionante colecção juvenil-adulto do mercado. Mas nunca deve ser colocada ao pé dos inocentes livros infantis. É que a TEEN está cheia de dragões sanguinários, guerreiros vingativos, batalhas épicas e heróis impetuosos. Por uma questão de segurança, coloque sempre a TEEN na zona juvenil-adulta.

COLECÇÃO
TEEN

A Preocupação Fundamental Por Valéria Rizzi

O sol nasce a leste, emitindo
desenfreadas hordas de fotões sobre os
planos geológicos. Desenovelam-se as circu-
laridades inevitáveis dos processos naturais:
cristais de sílica refractantes, cloroblastos em
ebulição, dióxido de hidrogénio em calma
acumulação térmica. Parece calmo. Um
cenário ideal para o drama zoófilo que
se anuncia sobre esta praia



Do cimo da cúpula, bem na crista da linha de combate mas oculto pela palha seca, o General sentiu o vento e ficou satisfeito. Dispostos em grelha por logaritmo próprio, os líderes e sargentos controlavam as tropas. Ou quase: de onde estava, sentiu o desequilíbrio químico, um milésimo de segundo antes de o detectar pelos meios convencionais. Arrastou o arcaboijo na sua direcção para o identificar.

Não era uma alteração complexa, pelo que concluiu tratar-se de medo corrente, embora com intensidade para furar as hormonas de controlo. Provinha do líder do esquadrão 43721-C/31, agregado à força de ataque 4-Alpha que estava ali perto, na margem Sul do quadrante 231B Norte. Uma picuinha fácil de resolver: emissão química apropriada e, um pouco mais acima, numa abrigada zona de dunas cheia de cardos, os corpos negros dos Reguladores puseram-se a caminho. Não pensou mais no assunto e reposicionou o corpo. Sentia-se algo pesado, com as entranhas algo quentes e balouçando demais, mas não era hora de se distrair.

O pesadelo normal de uma batalha era a logística. Multiplicados pormenores a ter em conta na manutenção e uso dos imensos milhares de componentes orgânicos, obrigavam a um uso intemperado de processamento neural. E mesmo assim, o preço que, como General geneticamente escolhido, pagaria como Centro — a dissolução ao final da campanha, manifestação última da completa perfeição — não lhe parecia grande: mais do que a glória ou a simples vitória, manter-se-ia o Ganzzz, o Bio-Equilíbrio.

Calculou a temperatura da quente manhã que terminava, bem como a distribuição de força ecológica, suficiente para não haver baixas por mero cansaço, e ficou satisfeito. Não queria cair no erro de há cinco dias, quando na sequência do toque de reunião, milhares de soldados se tinham des-

conchavado nas correntes de ar frias e traiçoeiras sobre as falésias. Um fenómeno a todos os títulos imprevisível, embora ele devesse ter estabelecido um perímetro de recepção e encaminhamento... ser o General não lhe dava grande margem para erros destes. O Ganzzz, reflectiu, não é flexível o suficiente para tais coisas.

Para além da simples e prosaica ocupação do terreno, a preocupação fundamental, a sua e de mais nenhum subalterno posto, era a alimentação e propagação das tropas. As suas terminações nervosas, magnificadas pelo poder de processamento do total das espécies aliadas reunidas, cuidava de tudo. Até de ataques suicidas por elementos neuróticos, um dos poucos elementos de caos aceitáveis na horda. A tirania eterna das pequenas coisas.

Sob o areal, as forças inimigas não os tinham ainda detectado. Para além de sujeitas à organização mono-espécie, bem como aos padrões de referência informacional unívocos que não proporcionavam dados externos inteligíveis, davam às forças aliadas esta absurda vantagem. Era certo que o inimigo tinha grande expressão a nível aéreo, mas não em número preocupante: antes do fim da batalha, pensou o General com o cuidado de o retransmitir subliminarmente aos líderes de esquadrão, o céu seria deles. Ocultou as pulsões primárias na mensagem: não convinha que os soldados percebessem a possibilidade do contrário, da morte total e absoluta, do olvido, do Impensável Zsoth. Assinou a última transmissão feromonal com a imagem do campo de batalha, um extenso areal, deitado em frente como um crescente fértil, contendo alimento suficiente para várias gerações...

Com um subtil trejeito de asa, o General Moscardo, único sem nome ou posto entre os milhões dispostos no terreno, ordenou subsonicamente a pré-sequência de ataque à horda de mosquitos que vinha no vento, percorrendo a orla das praias.

No areal, o ambiente de tensão era calmamente alimentado pelos líderes de esquadrão e sargentos posicionais à custa da administração de judiciosas doses de massas biológicas em vários estados de necrose. Todos tinham uma vaga noção da importância daquela Intervenção; mesmo os mais estupidamente neófitos, na pujança hormonal das suas forças anímicas, entretinham ideias de glória futura, povoada de grandes orgias copulatórias de propagação no momento da vitória. Para estes, o Ganzzz era um conceito demasiado esotérico para ter em conta.

A coberto de uma duna cheia de cardos mitopoéticos, as forças terrestres reunidas com as suas tropas iam-se aguentando. Um mistura de espécies, com centopeias, escaravelhos, moscas, aranhas, aranhas, libelinhas, e muitas mais; até os ratos, notoriamente associas em questões inter-espécies, tinham aceitado o repto de limpeza ecológica.

Os sargentos, com as trelas hormonais possíveis, bem como a mole de individualistas Reguladores, tratavam de manter as hostes preparadas sem ruído. O líder do esquadrão 43721-C/32 sabia que o General esperava que a eminência do ataque galvanizasse as tropas o suficiente para a matança, mas mantê-las ao mesmo tempo calmas estava a provar-se difícil. Há pouco entrara em pânico quando um dos soldados quisera sair a correr areal fora, sozinho que nem um louco, de encontro ao inimigo. Ele próprio o apanhara, mas não sem antes ter emitido um pouco de medo. Os Reguladores tinham vindo rapidamente. Não tinham sido meigos e ia sentir falta daquela pata, mas fazer o quê senão aguentar e calar a matraça? Aguentou estoicamente o castigo: *Tudo pelo Ganzzz!*

Fixou as suas polifacetadas oculares no céu intensamente azul, tentando ser frio e calculista como uma boa aranha. Em segundos, o azul celeste e limpo começou a ser filtrado por milhares de verrugas gnósticas em busca de corpos quentes.

A visão era encantadora. Se os mosquitos não fossem uma tão radical antítese filogenética, seriam uma linda manifestação das inúmeras potencialidades do Ganzzz. Gostaria de ser uma melhor aranha, de conseguir filosofar ao nível do General Moscardo... mas já tinha problemas suficientes a comandar estes malandros, não precisava de trabalhos complexos; tinha era de mandar como deve ser ou os Reguladores viriam aí outra vez.

— Deixem-nos pousar — Comunicou com as pinças para o seu esquadrão.

De entre a filamentar palha acastanhada de fa-

brico humano, o General, que embora oculto tudo percebera, deu o seu tácito aval, não comentando.

No que tocava à arraia-miúda, ao soldado no terreno, a expectativa era enorme e ensandecedora. Não havia lembrança de uma força invasora de mosquitos com aquela envergadura. Algo na memória eidética partilhada fazia-os sentir que, tanto a ameaça como a reacção deles próprios, não eram recentes. Mas de memória, nada.

Impacientes por dar início à matança, as tropas moviam-se sobre e sob a areia, presos aos juncos e detritos, ocultos pelas ervas altas e cardos, zumbindo nervosamente. Alguns elementos individuais não resistiam à pressão, atacando-se mutuamente; nada que um rápido empregar de açaimes hormonais pelos sargentos, ou pelo esporádico ferrão dos Reguladores, fiéis unidades de irascibilidade controlada, não resolvesse antes que houvesse estragos a sério.

A mole de humanos que como vacas cegas em pasto dourad'azul esperava indolente, ignorava a enormidade do ataque eminente. As nuvens eclipsantes do inimigo aproximavam-se.

Através dos balouçantes cardos, as tropas aliadas deixaram que eles enchessem os abdómenes.

O ataque anofelectico espalhou-se como um manto vivo pelos corpos humanos deitados na areia. Enxames de centenas zumbiam em torno das carnes expostas. Mesmo junto à água, os mosquitos caíram-lhes em cima com uma sanha mais genética que calculada, mas nem por isso menos feroz. Pequenos batalhões picantes acumulavam-se orgiasticamente para a aplicação caótica dos proboscídeos e subsequente devoragem de doces leucócitos.

Nesse instante o moscardo General saiu da protecção da palhota, voando verticalmente: chegara o momento.

Seguiu-se a confusão somática total. Milhões de dados em input desordenado. Análises teórico-práticas extensas. Teoria complexificada do Caos. E os seus polimórficos contrários. Tudo de acordo com o habitual. O sol brasa a imponência do apogeu climático de que é capaz. Porém, lá em baixo, isso pouca diferença faz...

O General faz pequenos voos circulares de modo a abarcar o cenário convenientemente. Vê como em pouco tempo e na ânsia da fuga os humanos entupiram as vias terrestres de acesso ao areal. Amon-

toavam-se como patos a abater, ignorantes das verdadeiras capacidades mortíferas do adversário, sem meios ou saber que lhes valesse. No fundo, pensou ao vê-los agarrados aos seus pertences e entrando nos inadequadamente defensáveis veículos de locomoção, os humanos não têm Ganzzz.

As forças aliadas continuavam a atacar o inimigo, com pequenas unidades de guerrilha, começando a fazer notórios estragos, especialmente ao longo das dunas.

Quando já quase não havia humanos, o inimigo começou a comemorar a vitória, o sucesso do seu cego bugblitzkrieg. Ainda não se tinham apercebido do ataque na orla geográfica protegida, entre as ervas.

Nada mais se via sobre a areia senão nuvens de mosquitos em delírio orgiástico; muitos deles, de barriga cheia, dedicavam-se a tarefas propagatórias. Tudo muitíssimo contente e distraído.

Nesse inolvidável momento, as forças aliadas de defesa da costa fecharam o cerco.

Sob a escuridão radial das oculares do General, milhares de insectos saíram da areia e das dunas circundantes, empurrando bolas de minas-estrume e lançando teias ao vento, enquanto brigadas de peixes de várias espécies se posicionaram à espera da insana derrocada do inimigo em direcção ao mar. O resto das tropas limitou-se a morder, picar e devorar.

Um clássico e brutal movimento de tenaz.

A carnificina durou o resto da tarde e boa parte da noite, após o que o General se imolou satisfatoriamente perante as mandíbulas dos seus próprios líderes e sargentos. Fora atingida a perfeição. E o Ganzzz.

— Achas que a praia já está boa? — Perguntou o rapaz à namorada, enquanto passavam desconfiados pelo pequeno trilho que levava à praia. — É tentar.

A praia continuava deserta. Na parte mais seca, milhares de milhões de pontinhos pretos jaziam entre os cristais de sílica, os pedaços de palha e

o lixo variado. A água da maré cheia não chegara completamente ao cimo, à zona mais alta onde as dunas davam lugar à falésia, o que só aconteceria mais para a noite.

O casal foi para mais perto da linha de água.

Sobre o mar ainda se via alguma agitação, apesar de não haver ondas. Abraçados, com expressões de perplexidade a ensombrar os rostos bronzeados, resolveram não ligar para a espuma e para a aparente profusão de peixes e gaivotas.

Namoraram assim, tranquila e lentamente, com pequenos encostos e carícias. Só pararam o crescente de inevitável ousadia quando resmas de famílias, seguindo a diminuição do calor como nómadas portadores de criancinhas esfomeadas por natureza, começaram a aparecer por todo o lado.

A maior praga do amor, murmurou o rapaz, é a existência dos outros. Ela nada disse, mas abraçou-o mais apertado.

Acabaram por se afastar em direcção ao abrigo provisório das dunas.

Estimulados pela emissão de feromonas e com a serena leveza de quem está firmemente plantado na terra, os juncos e demais ervas daninhas, sebes, cardos e árvores de pequeno porte, observavam tudo.

Algumas discussões filosóficas, sobre os acontecimentos das últimas horas e sobre a integração das actividades falhadas dos humanos como espécie, viriam ainda a reverberar entre elas durante muitos e bons anos.

Principalmente entre as duas correntes onto-antagónicas-simples. Entre os que defendiam que nenhum animal, por definição, podia ser inteligente e viável, e os que afirmavam o contrário. Preocupações discursivas elementares. Tudo debaixo do agradável sol do Verão. BANG!

Valéria Rizzi é uma jovem escritora filha de pai italiano e mãe francesa que vive em Portugal desde os 3 anos de idade. Espreita para o mundo das janelas góticas da sua vivenda no Estoril e adora praia, mas do que realmente gosta é de ler e escrever sobre este mundo como sendo algo de verdadeiramente fantástico. Esta é a sua primeira colaboração para a Bang!



A MELHOR DIVERSÃO DA CIDADE

POR
GERSON LORDI-RIBEIRO



Caminho de um bordo a outro no convés descoberto, inquieto, distribuindo ordens aos subordinados. O *Ventos Uivantes* já recolheu as espias de atracação e está pronto para zarpar.

Os tripulantes não me respeitam mais. Não posso culpá-los. Não depois da experiência vergonhosa e traumática que me acometeu dias atrás naquele quarto do *Estrela Azul*.

O pior são as risotas dos subordinados. Os cutucões mútuos junto à amurada do convés e as piadinhas murmuradas proa afora, enquanto deslizo entre eles e finjo ignorar seus cochichos maldosos. Nunca alto o bastante para que eu os possa repreender por indisciplina e no entanto, perfeitamente audíveis. *Aleijão! Perversido!* Não há o que fazer. Qualquer medida disciplinar terá a eficácia de um tiro pela culatra e o opróbrio virá à baila outra vez.

A agonia profunda aflora do meu âmagο e me aflige na região atingida. O formigamento me incomoda até hoje. Dor surda; fantasma de um membro amputado.

Não é mera questão de dor física. É dor moral. A dor da vergonha, da honra maculada. A nódoa que devo carregar sobre os ombros de agora em diante.

Em suas juras de amor, minha Tee’lak prometeu que jamais me traria dor; só o prazer inconcebível. Cumpriu sua promessa. Também manifestou confiança em que eu me tornasse um humano inteiro de novo. Esta esperança não se concretizou.

A ignorância mútua a respeito das incompatibilidades de nossas anatomias conduziram nosso relacionamento à ruptura traumática.

E eu, que nutrira tantos planos...

Não sei quanto a Tee’lak, mas para mim restou apenas o sofrimento da desonra e o escárnio dos amigos e conhecidos.

E pensar que minha desdita começou numa cálida noite de folga no *Estrela Azul*...

Muita gente finge ignorar a existência de estabelecimentos como o *Estrela Azul*. Contudo, o fato é que há um lugar desse tipo na maioria das cidades e vilas às margens do Rio da Névoa.

Exemplar típico de sua classe, o *Estrela Azul* é aquele tipo de antro de prazeres escusos, que em geral consiste numa mistura mais ou menos harmônica de hospedaria para aliens, bar mal freqüentado, onde a nata da marginalidade do Vale da Neblina se reúne, e bordel capaz de saciar todos os apetites variados — dos mais inocentes aos in-

confessos, mesmo sob tortura — das tripulações dos mercantes e das guarnições das belonaves que singram as águas pujantes do rio mais longo deste lado das Cordilheiras.

Uma espelunca como aquela não seleciona freguesia. Tanto é que costuma admitir até a presença de humanos entre os frequentadores. E é bom que o faça. Afinal, ao contrário do que dizem Vale adentro, não somos a escumalha do Hemisfério Oriental.

E foi de uma mesa do *Estrela Azul* que vislumbrei o semblante luminoso de Tee’lak, em nossa segunda noite em terra, depois de nossa primeira atracação no porto de Nebulosa, após vários anos de ausência.

Os tripulantes do *Ventos Uivantes* ignoram o significado da palavra “castidade”. Muito ao contrário, o sexo sempre rolou solto a bordo, no porto e em viagem. O tempo todo. Nem poderia ser de outro modo, com uma tripulação fixa de trinta e poucos machos e fêmeas humanos e quatro aliens, subindo e descendo o Rio por anos a fio, da nascente no equador, ao sopé oriental das Cordilheiras, até a foz, no Golfo Amaldiçoado, quase no círculo polar sul.

Sexo rotineiro, no entanto. Sempre as mesmas velhas caras. As velhas genitálias de sempre. Os mesmos parceiros. E, ainda por cima, parceiros tão humanos quanto eu...

Ora, eu tenho coisa melhor do que isto em casa.

Sexo com nossos tripulantes aliens? Nem pensar!

A bordo não havia como exercitar minha predileção particular.

Porque, além de anatomicamente incompatíveis conosco, nossos três tripulantes insecta e o pseudodino consideram o sexo uma necessidade fisiológica tão tediosa e insípida quanto respirar. É claro que jamais consentiriam na cópula com humanos. Ademais, embora aliens, insecta e pseudodinos não constituem exatamente meu tipo. Posso gostar de aliens, mas não sou tão doente assim...

A maioria dos tripulantes humanos, contudo, parecia satisfeita com a rotina sexual reinante a bordo do *Ventos Uivantes*. Por isto, de toda a tripulação, apenas eu, Radda-mesh, nascido em Verdegris, uma vila nortenha da margem oeste do Rio, primeiro-oficial de convés dessa veloz embarcação mercante, procurava a cada porto que atracávamos os prazeres proibidos da cópula com fêmeas aliens.

A paga de oficial era boa. Isto, para não falar na participação nos lucros do transporte e da venda de mercadorias. Estamos no comércio de especiarias, onde as margens de ganho costumam ser vultuosas. É por este motivo que — mesmo com duas famílias para sustentar em dois trechos distintos do Rio, e impostos a pagar nas duas cidades onde elas residem — em cada porto que atracávamos, eu me concedia a liberdade de procurar um estabelecimento como o *Estrela Azul*: um lugar discreto onde, com a leniência das autoridades locais, um tripulante em trânsito podia negociar algumas horas de prazer alien com uma profissional atraente.

Na primeira noite de folga em terra, permaneci no bar do *Estrela Azul*, encarrapitado num tamborete alto demais para um humano. Não descobri ninguém interessante. Na segunda noite, sentado à mesa junto com outra tripulante e dois aliens, vi Tee’lak ondular majestosa rampa abaixo num vestido longo, vinda do segundo andar do estabelecimento.

Lorelei, a outra tripulante, apertou meu biceps esquerdo e acenou com a cabeça em direção à alien que descia a rampa.

— Olha só, Radda. Acho que aquele pitêu é mais ou menos o teu tipo.

Grunhi uma resposta ininteligível e engasguei com um gole da boa cerveja escura, fabricada a partir da fermentação criteriosa das fezes dos insetóides selvagens da Grande Floresta.

Ela era linda!

Minha amiga estava certa. A beldade era o meu tipo: definitivamente alien e, no entanto, muito, muito humanóide, se é que vocês entendem o que eu quero dizer...

A epiderme era de uma tonalidade azul encantadora, que resplandecia na penumbra do bar. Seus olhos negros, enormes e brilhantes, atraíram-me de imediato com fulgores ígneos insondáveis, como discos de acreção de dois buracos negros gêmeos... Dois pares de seios, cones protuberantes perfeitos, dispostos um par em cima e o outro embaixo, ao longo de seu tórax esbelto, fazendo-a parecer muito mais mamífera do que uma humana. Seriam glândulas mamárias, ou outro órgão qualquer?

E os quadris? Meu Bom Espírito Galáctico, que quadris! Largos e redondos. Ancas de uma fêmea capaz de parir filhotes com crânios indubitavelmente maiores do que o de um recém-nascido humano...

Inteiramente aparvalhado, só consegui balbuciar:

— Quem... quem é ela?

Os dois aliens de nossa mesa trocaram olhares e riram abertamente, antes de responder em seus próprios idiomas. Mesmo siderado pelo álcool, consegui ler a tradução que seus emissores de símbolos projetaram sobre nossas cabeças.

— Essa é Tee’lak, uma fêmea dos calípagos. — O comerciante reptiliano respondeu, erguendo a caneca alta de cerveja em direção à humanóide azulada, que retribuiu o cumprimento com um sorriso de dentes opalinos pontiagudos.

— Uma autêntica deusa do prazer! — O emissor do amebóide disparou uma série de ideogramas holográficos miúdos, característicos do tom de confidência. — Dizem que oferece o melhor estímulo oral deste lado do Vale da Neblina... Não que eu possa confirmar pessoalmente, é claro. Mas, vocês humanos apreciam a prática, não é?

— Muito... — Sussurrei com a garganta seca, apesar dos goles generosos da boa cerveja da Grande Floresta. Meu holotransceptor lançou aquele ideograma solitário, retratando com fidelidade minha admiração e expectativa. — E vocês acaso sabem se ela aceita copular com aliens... com humanos?

O comerciante silvou e o cidadão borbulhou, gargalhando, cada um a seu modo, e acompanhados nessa ação pelo riso cristalino de Lorelei.

— Meu bom amigo, como comerciante fluvial, você decerto não ignora que tudo nesta vida é uma questão de preço. — O reptiliano replicou, serpenteando a língua trifurcada gotejante de saliva e cerveja. — Até mesmo copular com um macho humano!

Novas gargalhadas.

— Além disso, se Tee’lak recusasse cópulas com aliení-

genas, teria que escolher outra profissão ou mudar de cidade, visto existirem bem poucos calípagos aqui em Nebulosa. — O amebóide comentou com ideogramas de matiz filosófico. — Se o amigo consentir, posso intermediar a negociação com a bela Tee’lak. Naturalmente, só cobrarei meus honorários se o acordo for selado.

— Naturalmente. — Lorelei respondeu, acorrendo em defesa de meus interesses, ante meu silêncio embebecido.

O intermediário amebóide foi bem sucedido. Incluindo os honorários dele, o contrato custou-me dez dias de paga. A despeito da soma exorbitante, senti-me o humano mais feliz de todo o Vale da Neblina.

Como Tee’lak já estivesse comprometida para aquela noite, meu negociador marcou nosso encontro para a noite seguinte.

Regressei para bordo do *Ventos Uivantes* mais cedo do que de costume, vagando trôpego por vielas mal iluminadas, sob o céu eternamente nublado que inspirara o nome daquele núcleo ribeirinho.

Deitado em meu catre, no interior do camarote exíguo, não consegui conciliar o sono, tamanha era a expectativa de conhecer e desfrutar dos prazeres de Tee’lak.

— Então, é você o oficial humano que contratou uma noite de amor comigo? — Tee’lak me espantou naquele primeiro instante com seu domínio perfeito de nosso idioma. Constatei que não portava sintetizador de fala. Notando meu assombro, ela se apressou em explicar. — Fiz uma intervenção cirúrgica em meus órgãos fonadores para poder articular seus vernáculos. Nutro predileção especial pelos clientes humanos...

Seus olhos fulgurantes capturaram de imediato minha atenção. Como era fácil me afogar nas profundezas escuras daquele olhar...

Observando-a de perto, pude perceber que sua boca possuía uma série de tentáculos curtos, que se agitavam por detrás dos dentes azuis afiados, como uma miríade de línguas diminutas, lembrando os apêndices de uma anêmona-do-mar.

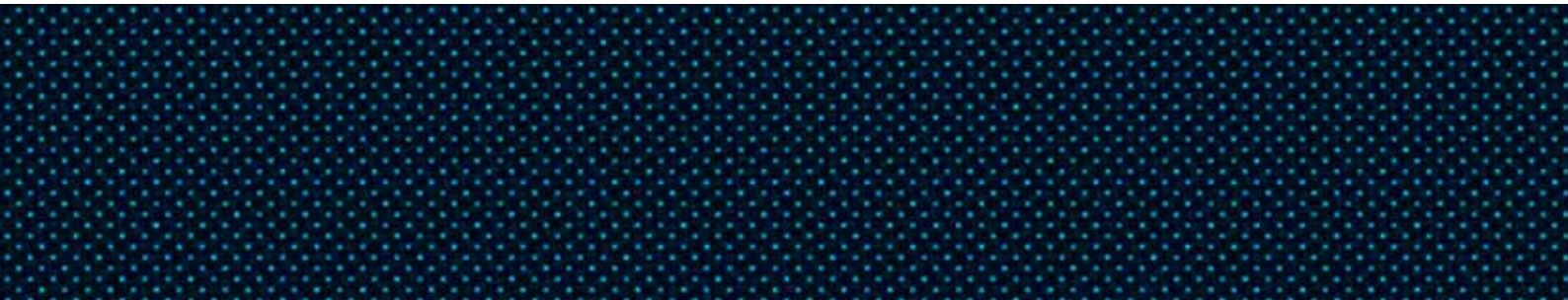
— Vamos subir até meu quarto? Podemos ficar mais à vontade lá em cima.

Tomando meu assentimento por certo, não esperou resposta para se dirigir à rampa que conduzia aos quartos existentes no segundo andar do *Estrela Azul*. Hipnotizado pelo bamboleio daqueles quadris fabulosos, segui atrás, perto o bastante para inspirar o delicioso aroma floral que exalavam.

Tee’lak era uma criatura de sonho. Moldada sob medida, pela natureza e pela biotecnologia, para atender meus mínimos desejos.

A porta de seus aposentos particulares fendeu-se à nossa frente e tornou a cerrar-se após nosso ingresso.

A iluminação indireta espalhava uma luz alaranjada suave por todo o aposento, fazendo com que a pele azul da calífaga brilhasse com matizes púrpuras. Perguntei-me se aqueles tons corresponderiam às lembranças que seu povo mantinha de seu planeta natal, decerto deixado para trás há inúmeras gerações.



Imaginei que iríamos nos despir e deitar naquele leito amplo e acolchoado.

Não houve tempo para especulações deste tipo.

Seus braços azuis enlaçaram meu pescoço e ela colou aquela boca maravilhosa e onnipresente em meus lábios, no meu rosto e em minha nuca.

Creio que ela segregou alguma espécie de feromona, pois mal seus lábios me tocaram, comecei a me sentir enlevado por um arrebatamento calmo, um êxtase atenuado que jamais me abandonou, até o fim da relação.

Aqueles arremedos de tentáculos distenderam-se quando nossos lábios se tocaram, tomando minha boca de assalto, pressionando e acariciando minha língua, Tateando-me as paredes internas das bochechas e o céu da boca, ásperos mas macios, espetando como mil agulhas minúsculas. Após breves e ligeiríssimas picadas de dor, um formigamento prazeroso invadiu primeiro a mucosa bucal, espalhando-se em seguida e aumentando em intensidade. Dominou-me a língua e as narinas, como o aroma mais saboroso, como se eu tivesse acabado de mastigar o primeiro naco do prato mais suculento do melhor banquete...

O que aquela feiticeira calífga fizera a meu corpo e espírito?

Em poucos segundos, ainda de pé e abraçados, desfizemo-nos de nossas roupas. Uma vez despida, Tee'lak não pareceu tão humanóide assim. Havia um terceiro par daqueles montes cônicos semelhantes a seios, menores e abaixo dos quatro outros. Os quadris estonteantes perderam boa parte do volume imponente quando uma cauda, mais grossa que meu pulso e tão azul quanto a pele em volta, desenrolou-se pouco a pouco de seu ventre e ancas, alongando-se, desenvolta, até exibir-se por inteiro, com mais de um metro de comprimento. A aparição da cauda revelou a vulva recoberta por penugem densa, do mesmo branco leitoso das cerdas cranianas da calífga, só que mais curta e macia ao toque.

Durante um ou dois segundos, a admiração com as novidades anatômicas recém-descobertas paralisaram minha iniciativa. Contudo, como já me tornara presa da magia feromonal de Tee'lak, despertei daquela inação embevecida e acedi, ávido, quando ela envolveu a glânde inchada de meu pênis com a palma da mão e me conduziu, delicada, até seu leito acolchoado.

Atirou-se sobre mim aos beijos, tão logo pousei a cabeça numa almofada do leito. E, que beijos!

Seus lábios e aqueles minitentáculos extasiantes exploraram minha boca e minha língua até me deixarem louco.

Fiz menção de agarrá-la e puxá-la para mim, mas Tee'lak desvencilhoun-se de meu abraço e desceu os lábios até meus mamilos. Em seguida, sua boca fabulosa visitou meu abdômen, explorou meu umbigo e desceu até meu ventre, mordiscando e brincando em meus pêlos pubianos com seus dentes e tentáculos.

Segurou a haste de meu pênis com a mão esquerda e baixou a cabeça, abocanhando a glânde intumescida. Como boa profissional, posicionou-se de modo que eu pudesse observar a felação.

A experiência foi algo novo e extraordinário. Muito diferente do sexo oral recebido de humanas ou outras aliens...

Os tentáculos da boca de Tee'lak envolveram a haste de meu membro, espetando-a em centenas de pontos, enquanto os lábios e outros tentáculos começaram a me sugar

a glânde com a sofreguidão de um filhote faminto agarrado ao seio materno.

Tee'lak me deixou ali, pelo que me pareceu horas a fio, suspenso nos píncaros do orgasmo iminente, numa tortura atroz deliciosa. Tornou-se senhora absoluta de meu prazer e eu, seu escravo submisso, que teria preferido morrer mil vezes a ter aquela boca maravilhosa afastada de meu obelisco de carne ígnea e pulsante.

O gozo chegou enfim, numa explosão súbita e inesperada, que se prolongou por vários minutos, pois minha amante alterou o ritmo das carícias bucais, mas não as interrompeu, nem quando, saciado e exaurido, implorei que o fizesse.

Talvez tenham sido as feromonas que ela exalava. Talvez tenha sido a excitação imensa induzida pelas artes daquela mestra do prazer. O fato é que minha ereção não apenas se manteve intacta após o orgasmo, como, surpreso, percebi-me prestes a gozar outra vez!

O segundo orgasmo se abateu sobre meu corpo exausto com um impacto ainda mais forte e devastador que o do primeiro.

Quando esse segundo gozo finalmente se exauriu, senti que as forças me faltavam. Os músculos de minhas pernas e costas latejavam doloridos. Minha pele arrepiava-se, recoberta por uma película fina de suor.

Tee'lak acariciou meu peito e levou as pontas de seus dedos aos lábios. Debruçou-se então sobre meu tórax e abdômen, e começou a lambe as gotículas de transpiração acumuladas em meus pêlos com seus tentáculos bucais.

As lambidelas me revigoraram de algum modo, porque, após relaxar por alguns minutos, percebi que não estava tão exausto assim.

O que aquela feiticeira calífga fizera a meu corpo e espírito?

Agarrei-a pela cauda, puxando seus quadris para mim. Ela ronronou como uma gata e cedeu, posicionando-se sobre mim exatamente como eu queria, com aquela bela vulva alienígena, tão úmida e cheirosa quanto a de uma humana, a poucos centímetros do meu rosto.

Era uma beleza estranha. Se havia um clitóris imerso em sua farta penugem pubiana, jamais o encontrei. Em compensação, os lábios vaginais eram repletos de lindas volutas e circunvoluções, que os tornavam muito mais proeminentes que os de uma humana. Além disso, terminavam em protuberâncias oblongas diminutas, bastante parecidas com os tentáculos bucais.

Uma vulva cujas dobras e reentrâncias pareciam decoradas com a inspiração mística e o requinte arquitetônico de uma catedral primeva.

Curioso e extasiado com o aroma inebriante de flores exalado pela vagina de Tee'lak, comecei a mordiscar e lambe seus tentáculos vulvares. Ela gemeu baixinho, incentivando-me a continuar. A cauda flexível ondulava e tremia, descontrolada, quase um metro acima da minha cabeça.

Sem escrúpulos, Tee'lak montou em meu peito, esfregando a vulva úmida em meu rosto. Quando a imobilizei, agarrando-a pelas coxas e quadris, e voltei a lambe seus tentáculos intumescidos, ela baixou a cabeça sobre meu ventre, apoiou os cotovelos no leito e abocanhou meu pênis outra vez.

Pelos gemidos e urros que Tee'lak emitiu, imagino que tenha gozado pelo menos três vezes. Se bem que, em se tratando de fêmeas aliens, nunca podemos ter certeza... De qualquer modo, só parei quando ela se confessou saciada.

Minha ereção persistia, pois, apesar da atenção que Tee'lak me dedicara, eu não consegui gozar enquanto sugava seus tentáculos vulvares. Por isto, coloquei-a deitada de costas sobre o leito acolchoado e me deitei por cima, apondo meu pênis rígido em direção à sua entrada vaginal.

— Não costume copular assim... — Ela sussurrou em meu ouvido, enquanto procurava me manter afastado com as palmas das mãos apoiadas em meu peito. — Pelo menos, não com alienígenas. Só devo ser penetrada por machos da minha espécie.

— Mas, por quê, minha querida? Não te satisfaço? Não estou te fazendo feliz?

— Está, sim. Nunca foi tão gostoso assim com um alienígena! É raro que eu goze com um cliente. Você me lambeu de um jeito que nenhum amante calífgo soube fazer... Mas é que... Você não conhece a fisiologia sexual do meu povo.

— Tee'lak, querida, acredite, eu conheço muito bem tudo o que é preciso para copular contigo. Por favor, deixe-me provar o que afirmo.

— Conhece mesmo?

— Pode confiar em mim.

— Humanos não podem...

— Este humano aqui é diferente, meu amor.

— Tem certeza de que é isto mesmo que você deseja?

— Absoluta. — Respondi, confiante.

— E você sabe mesmo o que está fazendo?

— Claro que sei, minha querida.

Ela assentiu satisfeita e entreabriu as coxas azuis. Eu me acomodei entre elas e iniciei a penetração devagar. Ela enlaçou minhas coxas com as pernas bem torneadas e cravou suas unhas duras em meus ombros, arranhando e rasgando minhas costas. A penetração foi difícil. A vagina de Tee'lak mostrou-se mais apertada do que eu imaginara. Gemeu baixinho em meu ouvido. Dor ou prazer? Não pude saber ao certo, embora torcesse para que houvesse sido um pouco de ambos.

Não imaginei que a cópula com uma calífga pudesse ser tão maravilhosa...

Os tentáculos de sua vulva acariciaram meu púbis e testículos, à medida que eu a penetrava mais fundo a cada nova investida. Seus lábios sequiosos encontraram os meus. Minha língua foi outra vez enlaçada por aqueles tentáculos bucais que eu já sabia capazes de me levar à loucura.

Estimulado na boca e no pênis pelos tentáculos e feromônios de Tee'lak, meu corpo era um dínamo conectado num curto-circuito de prazer, fustigado por vagas orgásticas crescentes.

Ondas de calor e excitação percorreram minha medula de cima a baixo, enquanto eu continuava bombeando vigorosamente para dentro da calífga.

Não sei quando comecei a gozar, mas meu orgasmo pareceu interminável. A explosão prolongada de prazer me deixou cego e eu só ouvia as batidas de nossos corações descompassados e os haustos de nossas respirações ofegantes. Então, penetrei até o âmago de Tee'lak e parei de me mexer, mas continuei abraçado a minha bela alien, gozando, gozando e gozando...

Devo ter desmaiado. Porém, mesmo desfalecido, creio que continuei imerso nas profundezas daquele orgasmo cósmico por vários minutos ou horas. Afogava-me no universo fluido, quente e escuro do meu próprio prazer.

Voguei naquele oceano universal e senti meu corpo se dissolver pouco a pouco. Desintegrei-me. Minha individualidade se diluiu, até se fundir ao ovo cósmico de um nirvana explosivo de gozo.

Não imagino por quantas horas permaneci desacordado no abraço cálido e apaixonado de Tee'lak.

Houvesse eu perecido ali, nos braços de minha amada, e teria morrido feliz.

Quando despertei afinal, julguei que ainda estava dentro de Tee'lak, embora não sentisse mais a ereção.

Rolei de cima dela e então senti aquele formigamento esquisito, mas de modo algum doloroso, espalhando-se pelas virilhas.

Tentei me tocar e, assustado, descobri que minha mão não conseguia encontrar meu membro!

Levantei de um salto, apavorado, e olhei para baixo, constatando a ausência de meu pênis. Em seu lugar, havia apenas esta cicatriz horrível. Este buraco recoberto por grossa crosta de ferida.

— Pelos Poderosos! O que você fez comigo?!

Ainda sonolenta, Tee'lak abriu os olhos e levantou a cauda, observando a cicatriz sangrenta entre minhas pernas.

— Ora, seu órgão sexual foi digerido durante a cópula. — Ela informou no tom mais cândido deste mundo.

— Digerido, como?!

— Querido, você não me assegurou que sabia tudo sobre a fisiologia sexual de meu povo?

— Não!

— Bem, julguei que soubesse que, entre os calífgos, o macho não ejacula dentro da vagina da fêmea. — Ela esclareceu, impávida. — Os gametas masculinos permanecem dentro do pênis. Para que as sementes do macho se unam à da fêmea, é preciso que a vagina dissolva o pênis...

— Tee'lak, pelo amor dos Poderosos, o que você me fez? É claro que eu não sabia...

— Ao contrário do que eu temia, você não sentiu dor alguma durante a digestão. Como nossos machos, você só sentiu o prazer intenso e prolongado que sou capaz de induzir com a secreção de meus tentáculos. Como você é alienígena, temi que o transe orgástico não funcionasse contigo. Por isto, hesitei tanto em me deixar penetrar.

Eu já estive com muitos humanos, mas jamais havia sido penetrada por um, até hoje. Felizmente, meus temores eram infundados. Você afirmou saber o que iria acontecer. Quando o processo funcionou direito conosco e você permaneceu gozando por várias horas, eu soube que você estava certo, que havia falado a verdade. Você é de fato um humano diferente!

— Tee'lak, você desgraçou minha vida!

— Não exagere, querido. Sei perfeitamente que muitos machos se sentem deprimidos na primeira vez que seus pénis são digeridos. Como se a ausência do órgão implicasse perda de status ou masculinidade. Mas não importa. Logo crescerá um novo para substituir o que eu consumi.

— Ah, meu Espírito Galáctico! — Comecei a chorar.

— Você está querendo dizer que não vai nascer um pénis novo? — Num átimo, o tom de Tee'lak passou da condescendência simpática a um pesar assustado. — Mas você me levou a crer que era um humano diferente... que era igualzinho aos calípagos neste ponto...

Esta foi a história de minha paixão infinita de uma só noite por minha bela calífaga Tee'lak.

No amanhecer de nossa longa noite de amor, naquelas primeiras horas de desespero após a descoberta de minha perda horrenda, tive ganas de estrangulá-la com minhas próprias mãos. Mas depois, caí em mim. Tee'lak não teve culpa. Fui vítima de minha própria ignorância.

Ainda que reconhecesse a inocência dela, não me foi possível permanecer em seus aposentos ou no *Estrela Azul*. Vesti-me como um autômato e saí para a rua aos tropeções. Desnorteadado, vagueei ao acaso até chegar ao *Ventos Uivantes* lá pelo meio da manhã.

A comandanta e os oficiais já começavam a se preocupar comigo.

Foi impossível ocultar minha desgraça por muito tempo.

Logo me tornei alvo de chacotas. Só então percebi o quão poucos amigos de verdade eu possuía a bordo desse mercante que eu considerava meu lar.

E descobri o quanto eu sempre fora menosprezado pelos preconceituosos que se abrigavam sob as cobertas de nossa nau, sujeitos que jamais aceitaram meu apetite por alienígenas e que agora parecem secretamente satisfeitos com minha desdita. Como se julgassem que recebi a paga devida e que agora devo expiar por meus pecados...

A comandanta afirmou ter ouvido falar que, fora do Vale da Neblina, algures a leste do Planalto do Desespero, quiçá no legendário Império das Mil Raças, que muitos garantem existir junto ao longínquo Oceano Oriental, há núcleos humanos com tecnologia biomédica avançada. Talvez os sábios de lá possam reconstituir o órgão que Tee'lak consumiu naquela única noite de paixão tórrida.

Sei que, mais cedo ou mais tarde, tomarei coragem e sairei do Vale da Neblina para tentar encontrar esses nú-

cleos humanos avançados. Só espero que esse tal Império não seja apenas mais uma lenda deste planeta amaldiçoado!

Um dia, depois de superar a vergonha, enfrentarei minhas famílias e confessarei a minhas esposas e filhos de que forma perdi minha masculinidade. Só então poderei me desfazer de tudo o que tenho e deixá-los amparados, antes de romper com a vida que conheci ao longo do Rio da Névoa e partir em peregrinação às regiões desconhecidas do oriente, em busca da cura para minha deformidade.

É só o que me resta.

Enquanto o *Ventos Uivantes* singra para norte, demandando contra a corrente do Rio da Névoa, eu me recordo das horas de paixão ao lado de Tee'lak.

Iludo-me, afirmando para mim mesmo que, soubesse eu do risco imenso que corria, jamais me teria aproximado da calífaga.

No fundo, sei que tal afirmação não passa de bravata vazia.

Pois, por mais negro que o futuro me possa hoje parecer, não consigo sentir a mínima ponta de arrependimento.

Vergonha pela desonra da masculinidade perdida, isto sim.

Remorsos? Algumas vezes.

Arrependimento, jamais.

Afinal, guardo uma certeza em meu íntimo, bem mais fundo do que a dor da vergonha que ora me consome: pudesse eu voltar atrás no tempo e começar tudo de novo com Tee'lak, faria tudo igual.

Porque, apesar de tudo, hoje compreendo que ter desgraçado minha vida foi um preço ínfimo a pagar, pela glória absoluta daquela noite de amor com Tee'lak.

E eu não trocaria minhas recordações daquela noite de sonho, nem mesmo pela possibilidade de restaurar minha masculinidade e, com ela, minha honra perdida.

É provável que muitos de vocês não compreendam o porquê de eu não nutrir arrependimento.

Não posso culpá-los.

Vossa ignorância, no entanto, serve para comprovar o quão pouco vocês alienígenas conhecem das motivações dos machos humanos... **BANG!**

CONTO INSPIRADO NUMA IDÉIA DE CARLA CRISTINA PEREIRA.



Gerson Lodi-Ribeiro é um escritor brasileiro de ficção científica, com formação em engenharia eletrônica e em astronomia pela UFRJ. Foi oficial da Marinha do Brasil, presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica e recebeu o Prêmio Nova 1996 de Melhor Trabalho de FC e Fantasia por "O Vampiro de Nova Holanda", já publicado entre nós.

Esta é a sua primeira colaboração para a Bang!

OKRAKEN (1830)

POEMA DE ALFRED TENNYSON

Debaixo dos trovões das profundezas superiores,
 muito, muito abaixo
 no mar abismal,
o seu antigo, sem sonhos, não invadido sonho
o Kraken dormia: desmaiadas luzes solares voavam
à volta dos seus lados sombrios; acima dele inchavam
enormes esponjas de crescimento e altura milenárias.
 E muito longe na
 luz doentia
de muitas maravilhosas e secretas células
 inumeráveis e
 enormes pólipos
joeiravam com braços gigantes verduras vicejantes.
Aí estava ele estendido há séculos, e assim continuará
cevando-se sobre enormes vermes do mar no seu sono
até o último fogo aquecer as profundezas;
E assim que por homem e por anjos for visto
 rugindo ele se erguerá
 e na superfície
 morrerá.

O DRUIDA DE SOMERSBY

POR OCTÁVIO DOS SANTOS

I809 não foi só o ano em que nasceram Abraham Lincoln, Charles Darwin e Edgar Allan Poe: foi também o ano em que nasceu Alfred Tennyson, o mais importante poeta de língua inglesa do século XIX, cuja influência se espalhou e estendeu até aos nossos dias. Na verdade, a sua obra abrange uma grande variedade de temas e de estilos, mas a fantasia, o fantástico, o maravilhoso e o misterioso estão presentes em muitos dos seus trabalhos. E «Poemas», que a Saída de Emergência acaba de editar (a primeira tradução para língua portuguesa, por mim realizada, exclusivamente deste autor em livro), inclui alguns desses textos em que a imaginação impera: variações sobre a mitologia greco-romana, como «Ulisses» e «Titone»; seres e lugares (mais ou menos) irrealis, como «O Kraken», «As fadas do mar», «Os comedores de lótus» e «O Palácio da Arte»; «encontros especiais», ou com figuras femininas do passado em «Um sonho de mulheres formosas», ou com a consciência interior em «As duas vozes»; lendas de Camelot, em «A Senhora de Shalott», «Sir Galahad», «Sir Lancelot e a Rainha Guinevere» e «Morte de Artur».

Em 2009 não só se comemora o bicentenário do seu nascimento mas também o centésimo quinagésimo aniversário da sua visita a Portugal. E nas paisagens do nosso país pode ter encontrado muita da «magia» que havia procurado... e que o influenciaria em obras posteriores.

20 21

Alfred Tennyson nasceu a 6 de Agosto de 1809 em Somersby, Lincolnshire, Inglaterra, quarto filho (de um total de 12) de George Clayton Tennyson e de Elizabeth Fytche. Tanto o pai como o avô materno eram homens do clero anglicano, tendo sido, respectivamente, vigários das vilas de Grimsby e de Louth. Foi na escola desta última que Tennyson iniciou em 1816 os seus estudos. Incentivado pelo pai, ele próprio um amador da arquitectura, música, pintura e poesia, começou a escrever os seus próprios poemas, frequentemente procurando seguir o estilo de um ídolo da juventude: George Byron.

O ano de 1827 é fundamental na vida de Alfred Tennyson por mais de um motivo: publica, juntamente com os seus irmãos (mais velhos) Charles e Frederick, o seu (e deles) primeiro livro, «Poems By Two Brothers»; e entra na Universidade de Cambridge, mais concretamente no Trinity College; aí, em 1829, conhece e torna-se o melhor amigo de Arthur Henry Hallam, dois anos mais novo e filho de um historiador eminente da época, Henry Hallam. Também em 1829 vence um prémio literário da universidade – a Medalha de Ouro do Chanceler – com o poema «Tímbuctoo», e tanto ele como Hallam são admitidos nos Apóstolos de Cambridge, uma sociedade (intelectual) secreta. No Verão do ano seguinte ambos decidem alistar-se num exército revolucionário espanhol contra o Rei Fernando VII; estacionados nos Pirenéus, acabaram por não entrar em qualquer recontro militar. Nesse mesmo ano de 1830 Tennyson publica «Poems, Chiefly Lyrical».

Porém, o início da década de 30 virá a revelar-se funesto para Alfred Tennyson. Em 1831 morre o pai, o que faz com que se veja obrigado a deixar a Universidade de Cambridge sem concluir os seus estudos nem obter um diploma, para prover à sua mãe viúva e

restante família. No ano seguinte, Edward, um dos seus irmãos mais novos, é declarado louco e é internado num asilo, onde viria a morrer. E em 1833 morre, súbita e inesperadamente, em Viena, vítima de uma hemorragia cerebral, Arthur Henry Hallam... que nesse mesmo ano havia ficado noivo de Emily, uma das irmãs de Alfred. Tudo isto, conjugado com as críticas negativas ao seu mais recente livro «Poems» (publicado em Dezembro de 1832 mas com data de 1833), faz com que Tennyson entre numa grande tristeza e mesmo em profunda depressão, e ele promete a si próprio

não publicar mais qualquer livro durante os dez anos seguintes. No entanto, continua a escrever: «The Two Voices» («As duas vozes»), composto em 1834, é bem significativo do estado de espírito do poeta nesse – terrível, e até trágico – período da sua vida.

Nos anos que se seguem o silêncio sobre Alfred Tennyson vai sendo – elogiosamente – quebrado, não tanto pelo próprio artista, mas por um número crescente de prestigiados admiradores, entre os quais John Stuart Mill, Leigh Hunt, Samuel Taylor Coleridge, Thomas Carlyle e William Thackeray. E enfim, em 1842, terminada a «década de abstinência» que ele impusera a si próprio, publica (o também intitulado) «Poems», obra em dois volumes – um contendo poemas inéditos e outro contendo poemas já conhecidos mas entretanto revistos. Desta vez as críticas são generalizadamente generosas, muito positivas. Todavia, o azar não deixa de o assediar: em 1843 perde praticamente toda a sua pequena fortuna – cerca de três mil libras – com a falência de uma empresa de trabalhos em madeira na qual investira dois anos antes. A sua frágil situação financeira – e a sua frágil saúde – só conhecerão melhoras em 1845 quando o então primeiro ministro do Reino Unido, Robert Peel, lhe concede uma pensão governamental vitalícia de 200 libras anuais – a pedido de Henry Hallam, o pai do seu grande amigo falecido 12 anos antes.

A retribuição pelo favor concedido será feita, pode dizer-se – depois de ter publicado em 1847 «The Princess», outra das suas obras mais conhecidas (uma sátira sobre a educação das mulheres, que será inclusivamente adaptada ao teatro musical por W. S. Gilbert) – em 1850: Alfred Tennyson publica, finalmente, «In Memoriam A. H. H.», talvez a sua obra-prima, e que é uma elegia, um tributo em honra do seu companheiro tão prematuramente desaparecido. Aliás, esse ano, a meio do século XIX, acaba por se revelar o mais importante da vida de Tennyson, tanto ao nível profissional como pessoal: em Novembro foi nomeado poeta laureado (isto é, poeta oficial) do Reino Unido, por proposta do Príncipe Alberto (marido da Rainha Vitória) em substituição – e após a morte – de William Wordsworth; antes, em Junho, casou-se com Emily Sellwood, após um namoro/noivado/namoro que durou 14 anos!

Alfred Tennyson retomara o convívio com a sua futura esposa (já se conheciam desde a infância porque o pai dela fora solicitador da família Tennyson durante muitos anos) em 1836, ano em que o seu irmão Charles se casou com Louisa Sellwood... uma das irmãs de Emily. Ela e Alfred ficaram noivos em 1838, mas o noivado foi rompido dois anos depois – supostamente, não só devido à instável situação monetária do poeta mas também devido à sua religio-

sidade «insuficientemente ortodoxa» (pelo menos para Emily). Aspectos que, aparentemente, só dez anos depois terão ficado satisfatoriamente consolidados, esclarecidos e resolvidos. O infortúnio abateu-se sobre o casal: um primeiro filho nasceu morto em 1851; mas tal já não aconteceu em 1852, com o nascimento de Hallam, e em 1854, com o nascimento de Lionel. O casamento também significou o final de uma itinerância de Tennyson por várias localidades: com a esposa estabeleceu-se em Twickenham, perto de Londres, e em 1853 alugou (três anos depois compraria) a Casa de Farringford, em Freshwater, uma pequena cidade da ilha de Wight – onde permanecerá pelo menos uma parte de cada ano até ao fim da vida. Antes havia residido, após a morte do pai e com ou sem a família, em Epping, Tunbridge Wells, Boxley, Cheltenham e também na capital inglesa.

A estabilidade familiar e financeira de Alfred Tennyson começa a ter consequências (positivas) na sua obra. Em 1854 escreve, enquanto poeta laureado, aquele que é talvez o seu poema mais famoso, «The Charge of the Light Brigade» («A Carga da Brigada Ligeira»), que enaltece um acto de coragem do exército britânico durante a Guerra da Crimeia, ocorrido naquele ano; este poema será incluído em «Maud, And Other Poems», livro publicado em 1855. Durante toda a década de 50 os seus poemas são crescentemente objecto de disputa entre várias publicações periódicas, que oferecem somas consideráveis pelo privilégio de os publicar em primeira mão – o nome de Tennyson aparecerá assim nas páginas da Cornhill Magazine, Examiner, Fraser’s, Macmillan’s Magazine, Morning Chronicle, New Review, Nineteenth Century, Once a Week, Punch, entre outras. Em 1859 é editada (a primeira parte de) «Idylls Of The King», obra que o consagrará definitivamente, não só enquanto o poeta de língua inglesa mais importante do seu tempo, mas também enquanto um dos principais responsáveis pelo revivalismo, no século XIX (e que se prolonga pelo século XX e até aos nossos dias), do chamado «Ciclo Arturiano» – as lendas de Camelot, do Rei Artur, Merlim e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Foi igualmente um enorme sucesso: terá vendido cerca de 10 mil exemplares só na primeira semana após o lançamento, em Junho.

Dois meses depois, a 21 de Agosto, chega de navio a Lisboa para uma visita à capital de Portugal e aos seus arredores, em particular Sintra. O poeta quis conhecer as mesmas paisagens que, além de George Byron (exactamente 50 anos antes, em Julho de 1809), Robert Southey e William Beckford haviam conhecido e elogiado. No nosso país é então Rei D. Pedro V; António José Sousa Manuel de Meneses Severim de Noronha, Duque da Terceira, é primeiro ministro... e Fontes Pereira de Melo é ministro. Alexandre Herculano tem 49 anos, Camilo Castelo Branco tem 34... e Eça de Queiroz 14.

Apesar das dificuldades por que foi passando nos anos anteriores, Alfred Tennyson ia conseguindo ocasionalmente os meios e as oportunidades para fazer viagens a outros países europeus. Em 1832, ainda com Arthur Henry Hallam, percorreu (na actual Alemanha) a região do Reno; em 1846

foi à Suíça com Edward Moxon, o seu editor; em 1848 deslocou-se à Irlanda; em 1851 visitou a Itália com Emily.

A viagem a Portugal foi feita na companhia de dois amigos: Francis Turner Palgrave, que viria a notabilizar-se não só enquanto poeta, crítico e professor de poesia (na Universidade de Oxford), mas também, e principalmente, por ser o organizador da antologia «The Golden Treasury of English Songs and Lyrics», em cujo primeiro volume, publicado em 1861, colaborou Alfred Tennyson; e Florence Craufurd Grove, então estudante de Direito, mas que, mais do que advogado, ficaria conhecido como alpinista, tendo escalado os Alpes e o Monte Elbrus, e escrito, a propósito deste último (a maior montanha da Europa, na Rússia), o livro «The Frosty Caucasus» (1875). Os pormenores da visita do poeta inglês a seguir referidos foram retirados do artigo «Tennyson e Portugal», de Maria Aline Ferreira, publicado na Revista de Estudos Anglo-Portugueses (do Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), N° 4, 1995 (páginas 133 a 149).

Hospedados no Hotel Bragança, os três amigos percorreram Lisboa ainda a 21 e a 22 de Agosto... dias de muito calor. Visitaram o Mosteiro dos Jerónimos, a Sé, a Igreja de São Vicente de Fora e o Jardim Botânico da Ajuda... e gostaram tanto da «exótica e luxuriante vegetação» do jardim que o visitaram uma segunda vez. Alfred Tennyson terá ficado tão impressionado com o local que poderá tê-lo recordado, e utilizado, enquanto inspiração para poemas posteriores, em especial «Enoch Arden»; porém, ficou desagradado por encontrar o cemitério (inglês) protestante encerrado... porque queria ver o túmulo de Henry Fielding, o autor de «Tom Jones», falecido na capital portuguesa em 1754. A 23 de Agosto partiram para Sintra, onde chegaram após uma viagem de três horas; visitaram o castelo, o Parque e o Palácio da Pena, o Palácio da Vila, a Quinta e o Palácio de Monserrate (onde William Beckford habitara quase 70 anos antes), Colares e a Praia das Maças – onde «permaneceram longamente, admirando os pescadores, a grande quietude do local e o oceano Atlântico». De volta a Lisboa a 26 de Agosto, os três ingleses assistiram a uma tourada no Cam-



po de Santana, tendo apreciado a «forma menos violenta e cruel (em comparação com Espanha) de tratar os touros». A 5 de Setembro, e já sem Grove, que entretanto partira, Palgrave e Tennyson foram a Santarém, onde, mais do que do castelo (em ruínas...), dos conventos e das igrejas, gostaram da vista sobre o vale da cidade e as «longas curvas do verde Tejo». Finalmente, a 7 de Setembro, embarcaram de regresso a Inglaterra – não concretizando, assim, o plano inicial da viagem, que previa também viagens a Cádiz, Granada, Málaga, Sevilha, Gibraltar e Tânger.

As cartas e as entradas dos diários sobre a viagem a Portugal escritas por Alfred Tennyson e pelos seus companheiros demonstram que a impressão inicial não muito agradável – ou mesmo desagradável – se tornou numa impressão final agradável, ou pelo menos favorável. Na verdade, além de com as pulgas, os mosquitos e as moscas, os viajantes ingleses penaram principalmente, como seria de esperar, com o calor – Tennyson chegou mesmo a sofrer (além de uma dor de dentes) uma insolação, que, apesar de ligeira e prontamente tratada por um médico seu compatriota, o levou a recear que poderia ter o mesmo destino de Henry Fielding.. Além disso, admitiu, em carta enviada à esposa, que «Sintra desapontou-me à primeira vista, e talvez vá continuar a desapontar-me, apesar de, para os olhos do Sul, os seus sempre verdes pomares, em contraste com o aspecto árido e ressequido da paisagem, deverem parecer muito adoráveis.» Mas a beleza dos lugares (apesar de não corresponderem, então, à antiga imagem superlativa desenhada por Byron, Southey e Beckford) e a simpatia das gentes levaram-no a escrever depois que «eu gosto muito mais do sítio à medida que o vou conhecendo melhor». Isto apesar de não ter conseguido manter o anonimato: de nada serviu registar-se no Hotel Bragança como «E. Tennyson» porque foi reconhecido por um jornalista... inglês, de apelido Lewtes, correspondente do Daily News, que escreveu e fez publicar, na edição do Jornal do Commercio de 23 de Agosto, uma notícia dando conta da chegada a Lisboa de «Mr. Alfredo Tennyson, o poeta laureado da Inglaterra (...), (que) pode ser considerado como o primeiro poeta inglês da actualidade. Se é inferior a Byron e a (Thomas) Moore, pode pôr-se a par de Southey e de

Wordsworth. (...) Publicou há apenas dois meses “Idylls Of The King”, (que) se por um lado lhe granjeou muitos inimigos, por outro lhe atraiu numerosos amigos e admiradores e suscitou grande controvérsia entre as parciaisidades literárias pela novidade do seu estilo caprichoso que não tem imitador na língua inglesa.» E que terminava com o desejo de que «o ilustre poeta encontre no delicioso retiro de Sintra amena distracção e descanso dos seus trabalhos literários, longe das contendas de escolas rivais.» A partir daqui Tennyson «não parou de ser assediado por admiradores» e caçadores de autógrafos, vários dos quais «membros destacados da aristocracia (portuguesa), desejosos de o conhecer.» Alguns de entre eles o poeta não conseguiu identificar – refere nas suas cartas «o Marquês de Figueros ou outro som parecido» e «um certo D. Pedro qualquer coisa». Contudo, haverá alguém que se lhe apresenta sem deixar margem

para dúvidas: João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun,

Duque de Saldanha. O veterano marechal dirigiu-se ao visitante inglês na sala de jantar do Hotel Bragança e «descreveu-se a ele próprio como “tendo combatido sob o grande Duque (de Wellington, Arthur Wellesley, durante as invasões francesas), e tendo estado em duzentos e quarenta combates e bem sucedido em todos, e tendo casado com duas esposas inglesas, ambas mulheres perfeitas”... e terminou apoderando-se da minha mão e exclamando: “Quem é que não conhece o poeta laureado de Inglaterra?”»

Já em Farringford, e em carta de 3 de Outubro de 1859 dirigida ao seu amigo George Campbell, Duque de Argyll, Alfred Tennyson recorda que «fui (a Portugal) para ver aquela Sintra que Byron e Beckford fizeram tão famosa; mas as laranjeiras estavam todas mortas de doença, e os caudais cristalinos, com a excepção de alguns regatos salpicantes à beira da estrada, ou secaram ou foram desviados através de não vistos túneis para o grande aqueduto de Lisboa. Ademais, o lugar é castiço (*«cockney»*, *no original*) e quando eu estive lá estava abarrotado com janotas lisboetas e nobreza portuguesa. (...) Sintra não deixa de ter as suas belezas, sendo uma montanha de verdes pinheiros erguendo-se de uma região árida e trigueira circundante, com um fantástico castelo mourisco no cume, que comanda uma grande extensão do Atlântico e a boca do Tejo; aqui na torre mais alta sentou-se o Rei – dizem eles – dia a dia nos velhos tempos de Vasco da Gama vigiando o seu regresso, até que ele o viu entrar no rio; esse talvez fosse um momento merecedor de ter sido esperado.»

Ainda em 1859, em Dezembro, é editada a primeira edição ilustrada de «The Princess» - que se tornará uma das principais, e preferidas, prendas de Natal inglesas durante os 10 anos seguintes. Além das reedições, outros novos livros se seguirão a um ritmo mais ou menos regular de

publicação: «Enoch Arden» (1864); «The Holy Grail, And Other Poems» (1869); «The Window» (1870); «Gareth And Lynette» (1872, segunda parte de «Idylls Of The King»); «The Lover's Tale» (1879); «Ballads, And Other Poems» (1880); «Tiresias, And Other Poems» (1885); «Locksley Hall Sixty Years After» (1886); «Demeter, And Other Poems» (1889); «The Death Of Oenone, And Other Poems» (1892). Isto em poesia. Entretanto, Alfred Tennyson também experimentou o teatro: «Queen Mary» (1875, estreada no palco em 1876); «Harold» (1876); «The Falcon» (1884, estreada no palco em 1879); «The Cup» (1884, estreada no palco em 1881); «Becket» (1884, estreada no palco em 1893); «The Foresters» (1892, estreada no palco no mesmo ano – uma peça baseada na lenda de Robin dos Bosques).

Em 1862, Alfred Tennyson tem, em Abril, a sua primeira audiência com a Rainha Vitória – uma ocasião que se revelou emocional para ambos devido à morte recente do Príncipe Alberto (em Dezembro de 1861). O encontro entre a soberana e o poeta laureado deu-se no Palácio de Osborne, então a residência de Verão da família real inglesa, na (zona leste da) ilha de Wight. Ou seja, eram quase vizinhos. E a Casa de Farringford (na zona oeste da ilha) começou também a ficar conhecida pelos amigos, convidados e visitantes que Tennyson atraía, entre os quais Charles Darwin, George Frederick Watts, Guiseppe Garibaldi, Henry James, Lewis Carroll, Robert Browning e Julia Margaret Cameron. Esta, uma das pioneiras da fotografia, retratista do poeta e de outros notáveis da época, foi também tia-avó de Virginia Woolf, que escreverá, em 1923, uma peça de teatro intitulada «Freshwater: A Comedy» sobre as individualidades que confluíam na pequena cidade da ilha de Wight. No entanto, Farringford não será a última casa a ser habitada por Tennyson: em 1868 iniciou-se a construção – numa colina denominada Blackdown que o poeta comprou – de Aldworth, a sua residência em Haslemere, Sussex, que ficou concluída no ano seguinte. É de realçar que a última morada de Tennyson foi desenhada pelo arquitecto James Knowles, que também delineara, dez anos antes, a remodelação/reconstrução (que definiu a forma actual) do Palácio de Monserrate, em Sintra.

Serão os seus dois lares que comporão o título nobiliárquico atribuído pela Rainha Vitória a Alfred Tennyson. A 11 de Março de 1884 tomou o seu lugar na Câmara dos Lordes, no Parlamento de Londres, como Barão de Aldworth no Condado de Sussex e de Freshwater na Ilha de Wight. O seu amigo William Gladstone (com quem fundou, em 1869, e com outros pensadores proeminentes daquele período, a Sociedade Metafísica), então (novamente) primeiro ministro do Reino Unido (e também nascido em 1809, mas a 29 de Dezembro), terá finalmente conseguido em 1883, após uma viagem que ambos fizeram à Dinamarca, convencer o poeta laureado a tornar-se também o primeiro escritor inglês, súbdito, cidadão comum, a ascender à nobreza pelos seus méritos enquanto artista; antes, desde meados da década de 60, várias tentativas nesse sentido haviam falhado perante a recusa de Tennyson, duas das quais conduzidas por outro primeiro ministro, Benjamin Disraeli. Esta honra pode ter constituído igualmente para o poeta como que uma vingança, um ajuste de contas com o destino... e com uma parte da família: o pai de Tennyson, George Clayton, havia sido deserdado pelo seu pai, George, a favor do irmão mais novo, Charles, que acrescentaria o apelido d'Eyncourt ao de Tennyson. Apesar de muito mais rico e de também ter

tentado, sem sucesso, obter um título nobiliárquico, o tio de Tennyson – que não se eximia de criticar publicamente, e depreciativamente, a obra do sobrinho, além de nunca o ter auxiliado em particular nem à família do irmão em geral – acabaria por assistir ao aumento da fama e da fortuna do poeta... e à sua ascensão social.

Na fase final da vida de Lord Alfred Tennyson a sua aclamação enquanto figura pública foi constante e até crescente; todavia, na esfera privada, pessoal e familiar conheceu momentos amargos e doces. Em 1878 nasceu o seu primeiro neto, Alfred Browning Stanley Tennyson, filho de Lionel; este, porém, morreu prematuramente, em 1886, vítima de malária, a bordo de um barco perto de Aden, numa viagem da Índia para Inglaterra. Hallam foi por sua vez pai em 1889: o segundo neto de Alfred Tennyson recebeu o nome de Lionel Hallam Tennyson; o pai, por sua vez, distinguiu-se enquanto autor da biografia «Alfred Tennyson: A Memoir», publicada em 1897, e por ter sido Governador Geral da Austrália; morreu em 1928, em Farringford. Enfim, o poeta laureado morreu a 6 de Outubro de 1892 em Aldworth, e foi sepultado na Abadia de Westminster em Londres.

Lord Alfred Tennyson foi, e é, o poeta inglês mais popular do século XIX e um dos mais famosos e admirados de sempre; a dignidade, frontalidade, profundidade e versatilidade (em estilos e em temas), características da sua poesia, foram também características da sua vida. Por algum motivo ele é o segundo nome com mais citações no «The Oxford Dictionary of Quotations», só atrás de William Shakespeare. Contudo, e ao contrário do «bardo de Stratford-upon-Avon», sobre o «trovador (ou druida?) de Somersby» não existem quaisquer dúvidas quanto à sua identidade e à autoria das suas obras. BANG!

24



Octávio dos Santos nasceu em Lisboa a 16 de Abril de 1965. É jornalista e foi redactor, entre outras, das revistas Cyber.Net, Inter.Face e Comunicações. Por artigos nelas publicados foi distinguido (com, respectivamente, um primeiro lugar, uma menção honrosa e um co-primeiro lugar ex-aequo) em três anos consecutivos (1998, 1999 e 2000) com Prémio de Jornalismo Sociedade da Informação. Colaborou também com, entre outros, o Diário de Notícias, Diário Digital, Diário Económico, Expresso, Público e Vértice. É autor de «Visões», livro inserido na colecção Bibliotheca Phantastica dirigida por António de Macedo (2003, Hugin; áudio-livro em 2005, SbH). É co-autor de «Os Novos Descobrimentos – Do Império à CPLP: Ensaios sobre História, Política, Economia e Cultura Lusófonas» (2006, Almedina). Foi o organizador e um dos 14 autores participantes de «A República Nunca Existiu!» (2008, Saída de Emergência). É autor de «Espíritos das Luzes» (2009, Gailivro). É membro, entre outras entidades, da Simetria - Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico onde desenvolve, desde 2006, o projecto Simetria Sonora.

A COMPANHIA DOS CEGOS

por
DAVID
SOARES

“Atravessaram uma praça onde havia grupos de cegos que se entretinham a escutar os discursos doutros cegos, à primeira vista não pareciam cegos nem uns nem outros, os que falavam viravam inflamadamente a cara para os que ouviam, os que ouviam viravam atentamente a cara para os que falavam.”

ENSAIO

A prerrogativa de se ser humano talvez consista em, como escreveu Walter Benjamin, «*contemplar a nossa destruição como um requintado prazer estético*»¹. Um significado que atribuo a esta transcrição é que a catástrofe torna-se em verdadeira apoteose ao ser virada do avesso; e, como tal, ascende para lá do alcance da moral para ser introduzida no reino dos sentidos. Se, nesse caso, já não nos é permitido julgar a tragédia, nem as suas causas ou sequer calcular os danos, é verdade que podemos saboreá-los. Existem escritores que conseguem exprimir muitíssimo bem essa noção, seja em que género narrativo for, mas uma área da literatura em que ela é amplificada com maior arrojo é o Fantástico; em particular na ficção científica e no horror.

A desagregação da sociedade é um assunto que se apresenta com diversos disfarces; aquele que me interessa observar neste texto é o tema do indivíduo solitário contra um mundo que se transformou num cenário distinto daquele que ele conheceu toda a vida. Vou-lhe chamar, provisoriamente, o tema da “Inconformidade”; e é sob essa orientação que vou olhar para dois livros em que o objecto é similar. Um título de literatura erudita e outro de literatura popular, escolhidos por mim; tal como é prescrito pelo desafio do editor da revista BANG!, ao qual respondo: *Ensaio Sobre a Cegueira* de José Saramago (Editorial Caminho, 1995) e *O Dia das Trífides* de John Wyndham (Doubleday, 1951). Em ambas as histórias, a desagregação da sociedade, mencionada no início deste parágrafo, cumpre-se pelo artifício da cegueira colectiva, num contexto em que toda a gente fica cega de um momento para o outro, de modo misterioso. Toda a gente, excepto uma pessoa; e é dessa singularidade que nasce o drama.

No livro de Saramago, a personagem com a qual o leitor se identifica é uma mulher e no livro de Wyndham é um homem. Ela é dada a conhecer, somente, pela denominação de “a mulher do médico”; ele atende pelo nome de Bill Masen. Está estabelecida uma das diferenças entre os dois objectos que analisarei: a história de *Ensaio Sobre a Cegueira* ocorre num local sem nenhuma referências espaciais e temporais que o caracterizem como baseado no real; o enredo de *O Dia das Trífides* é plasmado na Inglaterra, durante a década de cinquenta do século XX. A falta de alusões no romance de Saramago opera um efeito interessante: transmite ao leitor uma sensação de cegueira distanciada – não uma meta-cegueira, mas uma infra-invisualidade. Contudo, penso que será mais justo esclarecer que prefiro o livro escrito por John Wyndham; e que essa preferência, subjectiva, frui da seguinte percepção: esse autor reflectiu de modo mais

1 “Illuminations” (Schocken, 1969. Pág. 242).

pertinente sobre os efeitos que uma cegueira colectiva poderia surtir; não só na esfera íntima das células que são as personagens, como no todo do organismo que é o mundo em que o contágio enigmático se espalha. Por conseguinte, não me interessa discorrer sobre se o livro escrito por José Saramago se inscreve no género do Fantástico e, por inclusão, na área da ficção-científica (mesmo identificando um elevado grau de parentesco entre o registo que costuma estar presente em obras dessa natureza e aquele que se pode ler em *Ensaio Sobre a Cegueira*). A minha curiosidade é estimulada pela busca em perceber como o mesmo tema, neste caso o da Inconformidade, por intermédio de uma cegueira partilhada, é desenvolvido tanto por um autor de literatura popular, como por outro escritor de literatura erudita; e se já revelei uma preferência, elegendo *O Dia das Trífides* como o predilecto, admito que farei o possível para que ela não se transforme numa *tendência*; ou seja, a apreciação será imparcial.

É útil condensar o enredo dos trabalhos, em duas sinopses, antes de avançar.

Ensaio sobre a Cegueira Numa fila de trânsito, um automobilista anónimo é atingido por uma cegueira repentina, que o faz ver tudo branco, e que contagia aqueles que com ele contactam; a origem da doença nunca é revelada no decurso do romance. A cegueira branca mostra ser muitíssimo virulenta e, aparentemente, incurável. O governo elabora um plano para evitar que o contágio se espalhe pelo resto do país e ordena ao exército que reúna todos os cegos, assim como os suspeitos de contágio, para os isolar num manicómio abandonado. Dentro do edifício, deteriorado e com péssimas condições de higiene, os cegos e os não-cegos são deixados às suas sortes, sem qualquer assistência médica, e lutam desesperados por encontrar uma rotina que se assemelhe a uma vida que já não é sua. Depois de um conflito armado, que opõe cegos e militares, um pequeno grupo de cegos, liderado pela mulher de um médico, a única personagem que consegue ver (e que, entretanto, tem servido de enfermeira aos incapacitados), escapa do encarceramento e encontra na cidade envolvente um mundo hostil que urge evitar a todo o custo. Durante esse percurso terrível, os cegos vão encontrar mais personagens. Em seguida, o grupo refugia-se numa casa onde tenciona recuperar a dignidade perdida, mas a cegueira branca, de súbito, desaparece tão inesperadamente quanto apareceu. Incrédu-

los, os ex-cegos olham pelas janelas e não compreendem a alegria sentida pelos cidadãos que deambulam entre a miséria. O mundo deles nunca mais voltará a ser o mesmo.



O Dia das Trífides Certa noite, uma raríssima passagem de asteróides, de bizarra luminescência verde, cega toda a população mundial que assiste ao fenómeno. Na manhã seguinte, Bill Masen desperta num hospital de Londres, onde recupera de um acidente que o obriga a ter os olhos cobertos por ligaduras; horas depois, quando suspeita que ninguém virá vê-lo, levanta-se da cama, intrigado, tira as ligaduras e descobre que é, até prova em contrário, o único homem que consegue ver. Como se a cegueira não fosse mal suficiente, o risco aumenta quando uma espécie vegetal, chamada Trífide, se aproveita do caos para invadir a cidade e atacar os indefesos. Na narrativa, as trífides são plantas que possui um comportamento animal: têm o poder de se desenraizar e usar três pedúnculos para se locomoverem. Usam um apêndice tóxico para paralisar as pessoas. Como esta espécie, de origem desconhecida, já coexistia com os homens, sendo até usada para a manufactura de diversos produtos, Masen é incapaz de responder se ela apenas aproveitou a cegueira repentina para tomar conta do mundo ou se toda aquela situação faz parte de um plano elaborado. Na fuga às trífides, que estão espalhadas por todo o lado, tendo sido perfeitamente integradas na sociedade durante anos, Masen encontra múltiplos grupos de cegos e de não-cegos que se organizaram das mais variadas formas: uns encontram na adversidade uma razão criar laços de cumplicidade, outros deixam-se levar pelos piores instintos. Inversamente a *Ensaio Sobre a Cegueira*, a doença de *O Dia das Trífides* nunca chega a ser vencida. Num mundo falido, Masen acaba sozinho; fazendo o possível não só por sobreviver, mas por encontrar sentido numa existência que se esgota a si própria. O mundo inteiro nunca mais voltará a ser o mesmo.

Poder e vulnerabilidade: rituais de sujeição

Tanto *Ensaio Sobre a Cegueira* como *O Dia das Trífides*, ao fazerem da cegueira o objecto dos seus horrores sociais e físicos, escolheram concentrar-se nas reacções de personagens pertencentes à classe média: não existem personagens de outras classes que tenham uma voz activa nesses dois romances. Esta definição “média” esconde, de cer-

teza, opiniões políticas e serve de memorando para o facto que a classe média é, na verdade, vital para o funcionamento do sistema social que foi instaurado no mundo ocidental após o término da Segunda Grande Guerra. É interessante notar, ainda, o seguinte: Wyndham nunca oferece uma origem para as trífides, mas sugere, pela voz de Masen, um funcionário que trabalhou a vida toda em contacto com essa espécie, que ela foi desenvolvida artificialmente nos laboratórios da União Soviética (uma escolha autoral que, de certeza absoluta, se alimentou do burburinho que foi provocado pelo trabalho de Trofim Denisovich Lysenko, o director do Instituto de Ciências Agrícolas do Partido Comunista, durante a ditadura de Estaline, cujas medidas geneticistas para otimizar o crescimento dos cereais apavoraram as opiniões públicas europeia e norte-americana quando os preceitos começaram a ser utilizados para purgar as populações de instintos capitalistas). Atentando a isso é fácil descobrir receios de uma invasão comunista em *O Dia das Trífides*, publicado no período clássico da guerra-fria; um receio que, de modo menos transversal, está contido em *A Invasão dos Violadores* de Jack Finney (1954). Contudo, as trífides também poderão ter uma origem extraterrestre; ideia reforçada pela passagem da chuva de asteróides, responsável pela cegueira – estariam à espera desse momento para se revelarem como invasoras? Sejam as trífides produtos transgénicos ou organismos oriundos de outra galáxia, Wyndham não perde tempo com elaborações sobre a origem delas e investe, com agilidade, no desenvolvimento do drama pessoal de Masen e a sua busca por outros indivíduos que consigam ver. Nessa óptica, assemelha-se à direcção que Saramago imprime em *Ensaio Sobre a Cegueira*: os efeitos provocados pela epidemia têm uma dimensão maior que a especulação sobre a sua procedência ou a busca por uma cura.

O tema da Inconformidade é introduzido aqui: as personagens nas quais os leitores se reconhecem (a mulher do médico e Bill Masen) são aquelas que se cifram como anormais, face à maioria. O conflito de sentimentos experimentado pelo leitor é poderoso: ele sabe que a razão, a norma, está do lado delas (e do dele), mas num mundo às avessas as coisas assumem diferentes configurações. No final das leituras sente-se um gosto amargo na boca; um estranho embaraço quando se considera a comicidade que as situações narradas possuem. Na realidade, fomos todos obrigados a uma “abdicção do ser” para conseguir levar a leitura até ao fim, porque, no decurso desse exercício, os vilões, os monstros, fomos nós.

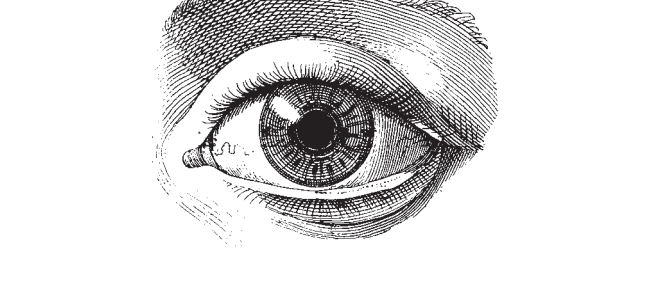
Todavia, a leitura de *Ensaio Sobre a Cegueira* obriga um inesperado adiamento da abjecção, paralelamente à demissão do ego que *O Dia das Trífides* também produz. Obriga a uma *suspensão da náusea*. Essa é uma qualidade a reter, na minha visão daquilo que a arte deve oferecer; e eu encontro-a em inúmeros romances, desde *O Pássaro Pintado* de Jerzy Kosinski, passando por *Viagem ao Fim da Noite* de Céline, até *Os Cantos de Maldoror* de Isidore Ducasse e as obras mais verrinosas de Sade e Bataille. Porém, evito incluir o *Ensaio Sobre a Cegueira* nesse rol de títulos “*grand-quignolescos*”. O que existe em *Ensaio Sobre a Cegueira* é mais uma paródia ao abjecto que uma visão autoral sobre o abjecto – e penso que isso faz toda a diferença.

Esse juízo foi-me reforçado pelo desfecho da narrativa: não pude deixar de me sentir ludibriado quando li o final em que a cegueira se dissipa e toda a gente recupera a visão. As violências coagidas nas personagens, pelos cegos e

pelos não-cegos, dentro do manicómio isolado transmitem, nesse molde, mais uma apreciação negativa sobre um estilo cosmopolita de viver, uma aversão sentida pela cultura capitalista, que uma escarpelização da inumanidade que pode ser influenciada pelo cativoiro². *O Dia das Trífides* é, nesse sentido, mais sincero: numa curva ascendente gulliveriana, Masen vai contactando com várias bolsas de população que sobrevivem de acordo com muitas filosofias diferentes. A personagem encontra grupos que se aproximam mais do lado esquerdo do espectro político e outros que estão mais à direita: existe uma pluralidade que está ausente no romance de Saramago, porque no livro dele parece que só existe uma forma de ser mau e uma forma de ser bom.

A monstruosidade em *Ensaio Sobre a Cegueira* e *O Dia das Trífides* não é, com efeito, uma consequência da cegueira. Nasce, com maior autoridade, das nossas próprias noções sobre o que é normal e higiénico; da ideia que, na cultura ocidental, qualquer coisa que se distancie, pela singularidade, dos modelos afeiçoados aos cânones, se transforma numa contagiosa fonte de horrores. Quando lemos sobre um cego a apalpar as fezes dos companheiros de reclusão enquanto procura o buraco da latrina para se aliviar, não podemos fazer nada a respeito disso. E quando lemos sobre trífides a alimentarem-se de corpos em decomposição, também não. Ambas as situações são obscenas fugas à norma – *acidentes de percurso*: testemunhá-las deixa-nos muitíssimo vulneráveis. Uma vulnerabilidade que se mistura com o nojo, mas esse sentimento é, em última análise, de pechisbeque diante da biologia. Convido-vos a uma pequena experiência: façam uma bola de saliva dentro da boca e engulam-na; em seguida, façam outra bola de saliva, cusпам-na para dentro de um copo e engulam-na. Se não tiveram problemas em realizar a primeira operação, certamente irão recusar-se a fazer a segunda. Mas porquê? A saliva é a mesma; não adquiriu, magicamente, propriedades tóxicas ao ser vertida para o copo. A experiência mostra que o conceito que classifica o que é asqueroso nada tem a ver com a biologia, mas tem tudo a ver com a cultura. «*Pode ser que o nojo tenha uma estrutura que se impõe nas nossas noções culturais?*», pergunta William Ian Miller no livro *The Anatomy of Disgust* (Harvard University Press, 1997. Pág. 62). O livro de Miller é o melhor ensaio que conheço sobre a temática do nojo, enquanto agente formador do humano;

2 «(...) se não nos parecer suficiente o que entregarem, simplesmente não comem, entretenham-se a mastigar as notas de banco e a trincar os brilhantes.» “Ensaio Sobre a Cegueira” (Editorial Caminho, 1995. Págs. 140-141). «Entalado entre dois carros, o corpo de um homem apodrece. A mulher do médico desvia os olhos. O cão das lágrimas aproxima-se, mas a morte intimida-o (...) Atravessaram uma praça onde havia grupos de cegos que se entretinham a escutar os discursos doutros cegos, à primeira vista não pareciam cegos nem uns nem outros, os que falavam viravam inflamadamente a cara para os que ouviam, os que ouviam viravam atentamente a cara para os que falavam. Proclamavam-se ali os princípios fundamentais dos grandes sistemas organizados, a propriedade privada, o livre câmbio, o mercado, a bolsa, a taxação fiscal, o juro, a apropriação, a desapropriação, a produção, a distribuição, o consumo, o abastecimento e o desabastecimento, a riqueza e a pobreza, a comunicação, a repressão e a delinquência, as lotarias, os edifícios prisionais, o código penal, o código civil, o código de estradas, o dicionário, a lista de telefones, as redes de prostituição, as fábricas de materiais de guerra, as forças armadas, os cemitérios, a polícia, o contrabando, as drogas, os tráficos ilícitos permitidos, a investigação farmacêutica, o jogo, o preço das curas e dos funerais, a justiça, o empréstimo, os partidos políticos, as eleições, os parlamentos, os governos, o pensamento convexo, o côncavo, o plano, o vertical, o inclinado, o concentrado, o disperso, o fugido, a ablação das cordas vocais, a morte da palavra. Aqui fala-se de organização, disse a mulher do médico ao marido. Já reparei, respondeu ele, e calou-se.» “Ensaio Sobre a Cegueira” (Págs. 295-296).



uma das ideias que o autor avança, para interrogar como é que ele se manifesta, relaciona-se com o tema da Inconformidade: «(...) *coisas que metem nojo porque falham em se encaixar nas nossas expectativas. Explica-se, desse modo, o nojo que pode provocar a pele de um homem que possua o toque das escamas de um réptil e o nojo que pode provocar as escamas de um réptil que possuam o toque da pele humana.*»³ Nessa perspectiva, os militares e os cegos “malvados” [sic] de Saramago, mais os *booligans* de Wyndham possuem uma falsa humanidade: são humanos só porque não são, morfologicamente, monstros!... Esse papel está, em exclusivo, reservado às trífides.

Em suma: nós, leitores desprevenidos, podemos sentir nojo pelo médico cego que tacteia na trampa em busca da cloaca⁴, mas imagino que uma enfermeira, por exemplo, que contacta com fezes, escarros e sangue o dia inteiro, tenha

“Os efeitos provocados pela epidemia têm uma dimensão maior que a especulação sobre a sua procedência ou a busca por uma cura.”

uma reacção diferente ao ler o mesmo texto. Talvez piedade. Ou *ennui*... Outro livro que recomendo a quem deseja ler com maior rigor sobre esta temática é *Pouvoirs de l’Horreur: Essai Sur l’Abjection* de Julia Kristeva (Seuil, 1980), mas *The Anatomy of Disgust* é que é o título fundamental. Para rematar esta sumária incursão sobre o asco, e o modo como essa emoção se relaciona com a cultura, transcrevo esta passagem de *A Insustentável Leveza do Ser* de Milan Kundera (apenas porque o trecho é muito adequado a este tópico): «*Quando eu era pequeno, punha-me a olhar para uma imagem de Deus Nosso Senhor de pé, em cima de uma nuvem que havia no Antigo Testamento, contado às crianças e ilustrado com gravuras de Gustave Doré, que costumava folhear. Era um senhor bastante velho, com olhos, nariz, uma grande barba, e eu achava que, como tinha boca, também devia comer. E, se comia, também devia ter intestinos. Mas ficava logo assustado com a ideia porque, embora a minha família fosse quase atea, percebia bem a blasfémia que era pensar que Deus Nosso Senhor tinha intestinos. Sem a mínima preparação teológica, com toda a espontaneidade, a criança que eu era então já compreendia, portanto, a fragilidade da tese fundamental da antropologia cristã, segundo a qual o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Das duas, uma: ou o homem foi criado à imagem de Deus e Deus tem intestinos, ou Deus não tem intestinos e o homem não se parece nada com ele. Os gnósticos antigos sentiam-no tão claramente como eu, aos cinco anos. Para acabar de uma vez por todas com este maldito problema, Valentino, grão-mestre da Gnose do século II, afirmava que Jesus “comia, bebia, mas não*

³“The Anatomy of Disgust.” Pág. 62.

⁴ “Ensaio Sobre a Cegueira”. Págs. 96-97.

defecava”. *A merda é um problema teológico mais difícil do que o mal. Deus ofereceu a liberdade ao homem e, portanto, pode admitir-se que ele não é responsável pelos crimes da humanidade. Mas a responsabilidade pela existência da merda incumbe inteiramente àquele que criou o homem, e só a ele.*»⁵ O que é bem verdade: é que a primeira coisa que se desenvolve no embrião humano, pelo processo iniciático conhecido por gastrulação, é o ânus!...

O regresso do rei

Após a queda das Twin Towers do World Trade Center, em 2001, não podemos ler certas passagens de *O Dia das Trífides* sem sentir um calafrio na espinha; com honestidade, o calafrio já lá estava, enrolando-se como uma serpente, mas as imagens pós-11 de Setembro oferecem-nos ícones certosiros para dar substância a determinadas frases que, sem esse suporte visual, poderiam ser anediadas pela negação da imaginação. Quando lemos sobre os indivíduos cegos que se suicidam na primeira parte do romance, atirando-se das janelas, não são os cidadãos a precipitar-se no asfalto de *Manhattan*, para fugir ao incêndio que destrói os escritórios, aqueles em que pensamos? «*By the window he paused. With one hand he felt his position very carefully. Then he put both arms around her, holding her to him. “Too wonderful to last, perhaps”, he said softly. “I love you, my sweet, I love you so very, very much”. She tilted her lips up to him to be kissed. As he lifted her he turned, and stepped out of the window.*»⁶ No livro de Saramago, as imagens que vêm à memória são as que construímos com base no que vimos sobre os campos de concentração dos diversos regimes totalitários do século XX; o que não deixa de alçar interrogações interessantes: se, 1) ao contrário do livro de Wyndham, a cegueira colectiva está, de início, localizada numa pequena amostra de indivíduos, então 2) qual é a lógica do “governo” [sic] montar um oneroso aparato pseudo-nazi (ou pseudo-estalinista), com a ajuda do exército, para deixar meia-dúzia de cegos a morrer à míngua? De facto, não é descrita nenhuma tentativa por parte das autoridades em compreender os sintomas da cegueira ou como se poderia achar uma vacina. A acção deliberada é, apenas, o isolamento dos doentes, em condições que não garantem nenhuma forma de evitar que a cegueira se espalhe fora de portas. As intenções do autor são, neste sentido, demasiado evidentes para que surtam um efeito genuíno: ou o leitor aceita ser manipulado e avança na leitura ou não aceita e fecha o livro. Não existe mesmo um meio-termo. O mesmo tipo de artifício está presente no livro *Ensaio Sobre a Lucidez* (Editorial Caminho, 2004), que possui muitos pontos em comum com *Ensaio Sobre a Cegueira* (tantos que pode ser considerado uma sequência), mas enquanto este se aproxima da ficção-científica, o outro tem uma tonalidade de romance policial: a segunda metade de *Ensaio Sobre a Lucidez* lê-se como uma novela de detectives. Ambos os títulos contêm ideias que, à partida, oferecem oportunidades excelentes para se escrever ensaios interessantes sobre relações de poder, a fragilidade da democracia

e o que significa ser-se humano em condições desumanas: convido-vos a ler os livros para concluirém sobre o sucesso desses empreendimentos, já que a este texto apenas compete uma leitura paralela entre *Ensaio Sobre a Cegueira* e *O Dia das Trífides*, sem incorrer num desvio para à análise crítica; que vise, ou não, olhar para o conjunto formado pelas obras dos dois autores.

Em *O Dia das Trífides* pode-se ler o seguinte: «*”Make a rule for yourself not to speak to anyone, and nobody’s going to guess you can see. It was only being quite unprepared that landed you in that mess before. In the country of the blind the one-eyed man is king.” “Oh yes – Wells said that, didn’t he? Only in the story it turned out not to be true.” “The crux of the difference lies in what you mean by the word ‘country’ – patria in the original,” I said. “Caecorum in patria luscus rex imperat omnis – a classical gentleman called Fullonius said that: it’s all anyone seems to remember about him. But there’s no organized patria, no state, here – only chaos. Wells imagined a people who had adapted themselves to blindness. I don’t think that is going to happen here – I don’t see how it can.”*»⁷ Wyndham refere-se à história *The Country of the Blind* de H. G. Wells, publicada na revista *The Strand*, em 1904.

O conto de Wells fala sobre um alpinista chamado Nunez que, por acidente, encontra uma aldeia de indígenas cegos; o recém-chegado depressa compreende que a cegueira é congénita e pensa em tornar-se líder da comunidade: *em terra de cegos quem tem um olho é rei*, pensa. Contudo, adaptados a uma vida inteira sem o sentido da visão, os aldeões não compreendem as descrições de Nunez, nem entendem o conceito de ver; tomando-o por um louco inofensivo, deixam-no à sua sorte. Mais tarde, o alpinista enamora-se por uma índia chamada Medina-Saroté; para casar com ela, concorda em que lhe sejam furados os olhos, devido à suspeita partilhada pelos restantes que a tal visão seja, afinal de contas, uma doença perigosa. Todavia, na noite anterior à cerimónia, Nunez foge, decidido a encontrar o caminho de regresso à civilização; apesar de conseguir sair do vale perdido, morre, desorientado, nas montanhas. A máxima de Fellonius entrou no léxico ocidental pela mão de Erasmus de Roterdão, que a compilou no volume *Adagia* (1500); o conto de Wells mostra que, por vezes, possuir uma vantagem pode tornar-se em desvantagem.

O tema da Inconformidade está presente em outras obras literárias bastante conhecidas, como *A Peste* de Albert Camus (1947), *A Metamorfose* de Franz Kafka (1915) e *Os Filhos do Homem* de P. D. James (1992); um exemplo muitíssimo curioso é uma peça teatral de Eugène Ionesco chamada *Rhinocéros* (1959), na qual a Inconformidade advém da transformação em rinocerontes de todos os habitantes de uma vila francesa. Recupero aqui aquilo que escrevi sobre a temática

“Coisas que metem nojo porque falham em se encaixar nas nossas expectativas.”

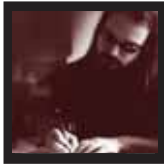
⁵ “A Insustentável Leveza do Ser” (RBA Editores, 1994. Pág. 260).

⁶ “The Day of the Triffids” (Modern Library, 2003. Pág. 68).

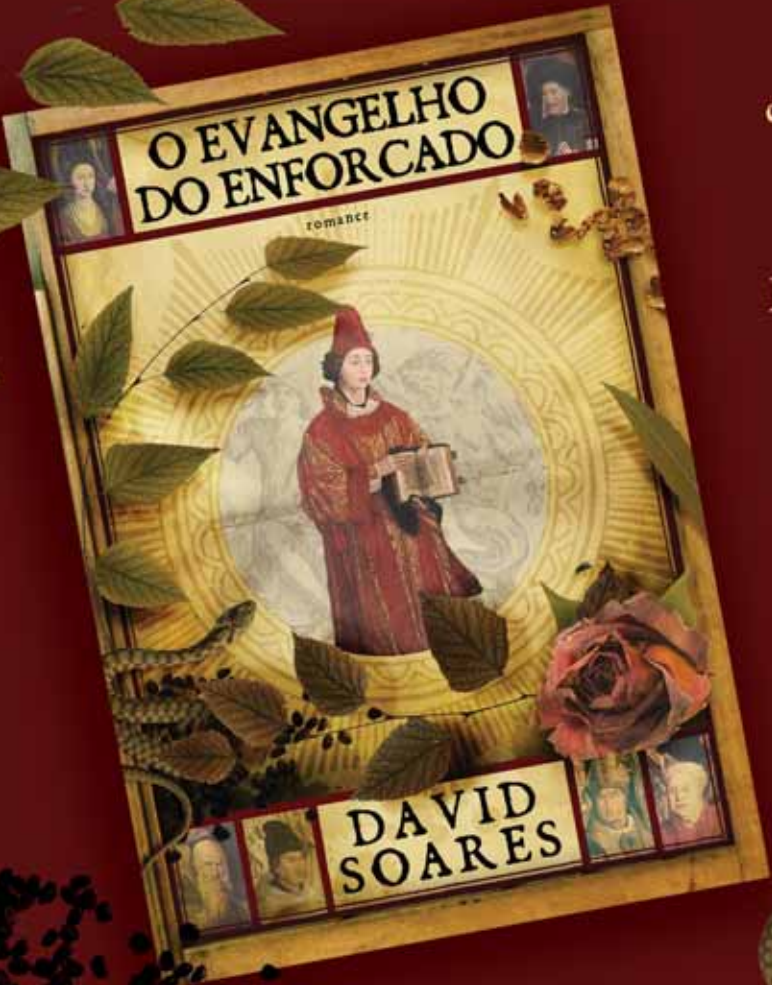
do nojo: que, segundo a intuição de Miller, ele nasce porque as coisas falham em se encaixar nas nossas expectativas. Na verdade, as histórias de transformações escritas por Ionesco e Kafka são excelentes exemplos disso: a repulsa, o ódio e o asco dirigem-se contra os inconformes que falham em se encaixar nas expectativas das personagens que os rodeiam.

Os cegos de Saramago e Wyndham poderiam muito bem ser criaturas tão exóticas quanto os rinocerontes de Ionesco e o insecto gigante de Kafka, mas não são: em *O Dias das Trífides*, como já vimos, o ónus da monstruosidade compete às plantas malignas; e o *Ensaio Sobre a Cegueira*, apesar do rol de violações e crueldades que contém, não mergulha na monstruosidade. Como Narciso, a olhar o reflexo, fica-se pela superfície. Infelizmente, é esse reflexo que nós olhamos quando lemos o livro; também por virtude da pessoa heterodiegética do narrador, voz invasora que tudo comenta sem participar na narrativa. A atentar ao conteúdo perverso do romance, a presença deste género de narrador até faz lembrar os vetustos bufões romanos, onanistas, proibidos de participar nas orgias que assistiam. **BANG!**

7 "The Day of the Triffids". Pág. 65.



O escritor e ensaísta David Soares é o autor do romance "A Conspiração dos Antepassados", sobre o encontro do poeta Fernando Pessoa com o mago Aleister Crowley (Saída de Emergência, 2007), e dos livros de contos "Os Ossos do Arco-Íris" (Saída de Emergência, 2006), "As Trevas Fantásticas" (Polvo, 2005) e "Mostra-me a Tua Espinha" (Círculo de Abuso, 2001). Participa regularmente em antologias relacionadas com o género Fantástico, sendo de referir "A Sombra Sobre Lisboa" (Saída de Emergência, 2006), "Contos de Terror do Homem-Peixe" (Chimpanzé Intelectual, 2007), "Ficções Científicas e Fantásticas" (Chimpanzé Intelectual, 2006) e "O Homem que Desenhava na Cabeça dos Outros" de Pedro Zamith (Oficina do Livro, 2006). Traduziu para português o romance "A Voz do Fogo" de Alan Moore (Saída de Emergência, 2006). Escreveu e gravou um trabalho em 'spoken word' intitulado "Lisboa" (2002).



“DAVID SOARES TEM UMA
ESCRITA FORTE
EM IMAGENS E CARÁCTER,
ENTRE VERDADE, LENDA
E MITO.”

- Rui Tavares,
escritor e historiador



O Indescritível Sr. Salcedo

por Renato Carreira

O interior não tinha mau aspecto. O único defeito seria um excesso de minimalismo na decoração. E também um excesso de cabedal. Um bar de madeira escura ao canto, com bancos altos de cabedal castanho. Uma mesa de jantar sem nada por cima, com duas cadeiras revestidas a cabedal castanho de cada lado e mais uma em cada extremidade. Um grande quadro na parede branca poderia ser uma paisagem africana ou apenas uma sobreposição de riscas vermelhas, castanhas e amarelas com pintas pretas. Era impossível dizer ao certo sem pedir opinião a um crítico de arte.

Ao lado da casa, havia uma galeria em tijolo vermelho e com grandes janelas que permitiam ver arte no interior. Pelo menos, supus que fosse arte. Era possível que estivessem a remodelar o espaço. Nesse caso, a peça que fazia lembrar um escadote coberto com plástico salpicado de branco era mesmo o que parecia. Passei o carro-patrolha estacionado à entrada, junto a uma árvore de copa baixa no pequeno jardim, que tapava parte da fachada e quase escondia o portão. Baixei-me e entrei. A porta principal estava encostada e com a fechadura arrombada, o que ia contra as regras da segurança do lar, mas, pela informação que me tinha sido transmitida, o proprietário não se importaria. O interior não tinha mau aspecto. O único defeito seria um excesso de minimalismo na decoração. E também um excesso de cabedal. Um bar de madeira escura ao canto, com bancos altos de cabedal castanho. Uma mesa de jantar sem nada por cima, com duas cadeiras revestidas a cabedal castanho de cada lado e mais uma em cada extremidade. Um grande quadro na parede branca poderia ser uma paisagem africana ou apenas uma sobreposição de riscas vermelhas, castanhas e amarelas com pintas pretas. Era impossível dizer ao certo sem pedir opinião a um crítico de arte. Talvez houvesse um disponível na galeria ao lado. Ou podia mandar a investigação às urtigas e iniciar uma carreira como apreciador de arte profissional. Teria de averiguar qual era o salário base.

Sentados no grande sofá de cabedal castanho, dois patrulheiros mantinham-se de costas para a rua e de olhos colados no LCD de última geração. O que a mulher no ecrã fazia ao cavalheiro bronzeado que a acompanhava era proibido pela maioria das religiões. Ou mesmo por todas. Mais uma coisa a averiguar quando tivesse tempo. Bati com os dedos na porta envidraçada que separava a sala do átrio.

— Se estiverem ocupados posso voltar mais tarde — disse.

Levantaram-se os dois ao mesmo tempo e olharam-me como se tivessem treze anos e acabassem de ser apanhados em flagrante pela mãe. Um deles, revelando maior espírito de iniciativa, pegou no comando e tentou desligar a televisão. Depois de aumentar o volume dos gemidos para um nível embaraçoso à primeira tentativa, acabou por conseguir à segunda.

— Senhor inspector — disse o outro. — Estávamos à sua espera.

— Pois estavam. — Apontei o LCD com o queixo. De-

pois de uma pausa, perguntei: — O nosso homem?

Saíram da sala e percorreram o corredor. Segui-os. A cozinha estava equipada com o recheio de catálogos modernos e caros. O cadáver na cadeira seria um extra. Era o dono da casa, sentado à sua mesa de *design* com a cabeça caída sobre o peito, como se olhasse com reprovação a poça de sangue que ensopava as páginas do livro à sua frente e se alongava até ao cálice prateado, semelhante aos que se usam na missa. Havia uma mancha a condizer nos armários por trás e mais salpicos do que seria possível limpar. Aproximei-me e agachei-me junto à cadeira. A bala entrara quase no centro geométrico da testa. O autor da obra não disparara uma arma pela primeira vez. Pelo que se conseguia ler do livro ensanguentado, estava escrito com letras cirílicas ou gregas. O amarelo envelhecido das folhas combinava com o vermelho dos miolos do leitor. Diante do livro, havia uma peça de charme. Uma vela grossa preta com pingos de cera solidificados sobre uma bandeja de aço inoxidável. Seria também arte? Quantas vezes pensara em arte naquele dia? Talvez a ideia da apreciação artística não fosse totalmente descabida. Além da vela, havia uma caixa de fósforos fechada e um único fósforo queimado num cinzeiro de folha.

Pairava no ar um cheiro a pêlo queimado.

— Alguém grelhou um cão? — As duas caras de parvo que me fitaram indicavam que não faziam ideia do que queria dizer com aquilo. Decidi mudar de rumo com urgência e apontei a vela. — Estava apagada?

Acenaram os dois com a cabeça, dizendo-me que sim. Não me parecia particularmente relevante, mas era conveniente manter nos agentes de giro o apreço pelo trabalho enigmático dos inspectores.

O cálice tinha o brilho baço da prata maciça e, colocada por cima, a faca tinha lâmina do mesmo material e cabo de osso. Não era longa e estava manchada de vermelho. Alguns pingos de sangue tinham sido vertidos para o fundo do recipiente.

— Pensamos que o sangue na faca possa ser do assassino — disse um dos patrulheiros. A placa na camisa azul dizia-me que se chamava Anjos. Luís Anjos.

— Está na cozinha a ler à luz da vela um livro de receitas comprado num alfarrabista de Moscovo. Para tirar ideias para o jantar. Entra alguém que lhe aponta uma pistola à cabeça e defende-se com a faca de descascar fruta. É mais ou menos esta a teoria?

Baixaram a cabeça ao mesmo tempo. Era óbvio que tinham depositado grande fé numa explicação simples e que os deixaria ir para casa mais cedo, sem necessidade de relatórios demorados.

— Se não é do assassino, de quem é? — perguntou o outro. A placa anunciava: Alberto Marques.

O morto tinha a mão direita caída e a esquerda estava pousada sobre o tampo da mesa com a palma voltada para baixo. Puxei um pano pendurado no puxador de uma gaveta e usei-o para lhe erguer a mão. Ali estava. Ergui mais a mão, mostrando-lhes o corte diagonal na pele.

— Isto também explica o papel manchado.

— Qual papel manchado? — perguntou-me Anjos.

Lancei o pano para dentro do lava-louça.

— Estou a ver que se aplicaram antes de investigarem a colecção de canais badalhocos do tipo — disse-lhes. — Nem sequer olharam para baixo da mesa?

Curvaram-se os dois e olharam. Perto do pé direito, havia um papel branco manchado de vermelho. Podia ser um lenço descartável, um guardanapo ou um pedaço de papel higiénico. Amarrotado como estava era difícil perceber. E não lhe mexeria até chegarem os melindrosos da polícia científica.

— E os outros? — perguntei. Começavam a odiar-me. Achei melhor não referir o tecto chamuscado por cima da mesa. Seria abusar da sorte.

Voltámos ao corredor. A viagem foi curta, mas bastou para me informarem do que sabiam. Não era muito.

— Não traziam carteira, mas um tem ar de russo ou ucraniano. O outro não se percebe — disse Marques. — Pistolas com silenciador e com os números de série raspados. Parecem profissionais. O amigo ali na cozinha chamava-se Luís Torres. Há cartas endereçadas na mesa do átrio. Parece que tem cadastro.

— E não é pequeno — confirmei. Conhecia o falecido de ginjeira. Não lhe sentia a falta. — Chamavam-lhe Luís Espanhol.

— Espanhol? — repetiu Anjos. — Porra. Lá teremos de avisar a embaixada.

— Só se for a embaixada da Trafaria. Era uma alcunha. Não sei de onde veio. Era tão espanhol como um prato de bacalhau à Brás.

Estávamos parados à frente de uma porta fechada. Marques pôs a mão sobre a maçaneta. Parecia ansioso por abrir e partilhar o conteúdo. Preparei-me mentalmente. Por norma, já vinha preparado quando me mandavam a cenários de homicídio, mas precisava de um ou outro reforço. A porta continuou fechada. Os sacanas gostavam de fazer *suspense*.

— Que fazia ele na vida? — perguntou Anjos.

Excelente. Uma pergunta capaz de queimar uns bons minutos.

— Geria uma empresa de camionagem — respondi. — É a melhor fachada para uma carreira de sucesso no tráfico internacional.

— Droga? — perguntou Marques.

— Droga, tabaco, bebida, mulheres. O que aparecesse. Era muito polivalente. Mas pisou os calos aos ucranianos e andavam às turras. O nosso Luís estava a perder. Parece que o jogo acabou hoje. Só falta saber quem limpou o sebo aos gajos que vieram eliminar a concorrência. Como foi? Pistola à queima-roupa? Caçadeira?

Não me agradou o sorriso pateta que trocaram um com o outro. Onde estava a graça?

— Tivemos de arrombar a porta para entrar — disse Anjos. — O ferrolho estava corrido por dentro. E as janelas têm grades. Quem entrou, não saiu. E não há mais ninguém. Fomos às divisões todas.

Se o objectivo era tornar a coisa intrigante, tinham conseguido. Pelo menos, por enquanto.

— Quem avisou?

— Uma vizinha do prédio ao lado — respondeu Marques. — Diz que ouviu gritos. Estava à porta quando chegámos e insistiu em entrar connosco. Raio da velha.

— Tem antecedentes?

— Não vimos. Mas tem oitenta e dois anos. — O sorriso de Anjos ficou ainda maior e mais pateta.

Marques abriu, finalmente, a porta.

— Foda-se. — Foi a coisa mais eloquente que consegui dizer. O comentário era perfeitamente ajustado.

— Então? Qual é a teoria? — perguntou Anjos.

O que vi dentro da casa de banho fez-me dar graças por ainda não ter almoçado.

O tipo tinha a cabeça encaixada na sanita. O suficiente para não sair com facilidade. Um braço estava caído no chão e o outro sobre o bidé. O tronco estava na vertical e as pernas penduravam-se para trás. A coluna vertebral estava dobrada a meio das costas e os pés tocariam a cabeça se esta não estivesse tão bem resguardada.

— Foda-se — repeti.

Marques aplicou-me uma palmada nas costas.

— Deixe lá. Eu disse o mesmo. Três vezes.

— Ainda vai a tempo da terceira — disse Anjos, atravessando o corredor e abrindo outra porta.

Tinha razão. A face ensanguentada parecia russa. Mesmo que nunca tivesse visto um russo com uma broca de aço espetada na cabeça, entrando-lhe pelo olho direito e saindo pelo lado oposto do crânio, prendendo-o à parede. O outro olho estava aberto e parecia mirar-nos a fivela do cinto. Se estivesse de pé, olhar-nos-ia directamente nos olhos, mas dificilmente o efeito conseguiria ser mais perturbador do que já era. Continuava a segurar o berbequim com as duas mãos erguidas. A ferramenta era grande, verde e parecia pesada e cara. Dei comigo a pensar se teria sido ele a comprá-lo. Um homem devia ter direito a desconto quando compra um berbequim que será usado para lhe provocar uma morte atroz. Naquele caso, parecia ter tirado a própria vida, mas era difícil acreditar que conseguisse resistir o tempo necessário para que a broca lhe atravessasse a cabeça.

Consegui afastar os olhos do corpo e olhei em redor. Era o escritório. Havia gavetas no chão, com o conteúdo espalhado. Também sobre a secretária havia papéis dispersos. Um armário ao canto estava aberto e, sobre uma prateleira, um cofre pequeno com dois furos. O pó e as aparas metálicas misturavam-se com o sangue no chão. As outras prateleiras continham uma selecção desordenada de velas de diversos tamanhos e cores, recipientes de várias formas e materiais, alguns frascos cujo conteúdo preferia não identificar. Tarde demais. Antes de olhar novamente o corpo, percebi que um dos frascos continha ossos de animais pequenos.

— Tem os braços rígidos. Não solta o berbequim por nada — disse Anjos. — Nunca vi nada igual.

Nem eu. Mas não lho disse. Não podia fazer mais nada ali. Havia muito pouco no que vira que fizesse sentido e preferia ignorar o que tudo aquilo me sugeria. Havia recordações que não queria avivar. Além disso, era inútil gastar

tempo com o assunto até a casa ser virada do avesso à procura de impressões digitais e de outros indícios invisíveis a olho nu. Despedi-me e saí.

Não perdi muito tempo a pensar na morte de Luís Espanhol. A explicação oficial (homicídio motivado por actividade criminosa e retaliação por autor desconhecido) tinha alguns buracos incontornáveis, mas ninguém mostrava grande vontade em preenchê-los e nenhuma das vítimas merecia o esforço. Fechei os olhos às incoerências, arqueei o assunto na categoria mental de “casos passados” e segui em frente. Um mês depois, o caso acabou por me cair novamente em cima.

Passei por um corredor decorado com fotografias de operacionais mortos em serviço, uma coisa longa e deprimente a que chamava “álameda dos coitadinhos” sem partilhar a graça com ninguém. Não podia evitar passar por ali porque era a única forma de alcançar a “área de lazer”, designação criativa para uma sala acanhada contendo um sofá encardido, um cesto com revistas e jornais pré-históricos, uma máquina de café e outra de doces e aperitivos. Quase junto à porta, dois patrulheiros olhavam uma fotografia que nunca vira antes. Passei por eles, sem interromper a conversa que decorria em tom sóbrio, olhei brevemente a fotografia, avancei dois passos e voltei atrás para ver melhor. Reconheci Anjos, um dos agentes que me recebera em casa de Luís Espanhol. Com farda de gala e exibindo o sorriso pateta que tanto me irritara, agora eternizado em monumento fúnebre. Os dois patrulheiros continuaram a falar, virando-se para me acolher na conversa sem qualquer estranheza.

— O mais esquisito é terem morrido os dois no mesmo dia em sítios diferentes — disse um. — Foi quase como se estivesse destinado.

Ai.

— Juntos em patrulha, juntos na eternidade — comentou o outro, beberricando café do pequeno copo de plástico branco que segurava numa mão.

— O Marques também morreu? — A pergunta saltou-me dos lábios antes que tivesse tempo de pensar no que dizia. Responderam-me com acenos de cabeça pesarosos. — Onde está a fotografia?

— Caiu da varanda de casa — explicou o outro. — Não estava de serviço. Diz-se muita coisa, mas a mulher estava lá com os filhos e jura que parecia normal.

Aparentemente, havia mortes mais dignas de enfeitar paredes do que outras.

— Como foi? — perguntei, apontando a fotografia de Anjos.

— Atravessou-se na estrada a correr. Há quem diga que corria atrás de um carteirista, mas não há certezas — respondeu o do café. — Não viu o eléctrico. Há exactamente quinze dias. No mesmo dia e quase à mesma hora. Até custa a crer.

Custava, realmente.

— E o Raimundo — disse o outro. Esperei que elaborasse. Não me desiludiu. — O Jorge Raimundo da científica. Teve um acidente de mota no fim-de-semana. Só respira pela máquina. Morte cerebral. Os médicos esperam autorização da família para desligar o interruptor.

Senti um tilintar incómodo na nuca. Com o passar dos anos, fui-me convencendo de que era fisicamente alérgico a sarilhos. Agoniavam-me e tentava evitá-los sempre que possível. Mas, daquela vez, não conseguiria escapar. Jorge Rai-

undo. Para os dois patrulheiros que miravam a fotografia, o destacamento tinha perdido três agentes no mesmo mês. Era uma coincidência trágica. Para mim, havia algo mais. Fora Raimundo a varrer a casa de Luís Espanhol à procura de indícios. Três dos polícias enviados ao local mortos. Se fosse só uma coincidência, óptimo. Se, por um acaso, fosse algo mais, o quarto elemento não esperaria calmamente a sua vez.

Reli o relatório que escrevera à pressa. Não era uma das minhas produções literárias mais inspiradas, mas continha a informação que procurava. O departamento não enviara mais ninguém ao local do crime. Além dos polícias, apenas mais dois elementos tinham entrado na casa: dois técnicos da Medicina Legal, encarregados de atestar as três mortes (convenhamos que não lhes deu muito trabalho) e de remover os cadáveres para autópsia (o que foi bastante mais complicado). Contactei os serviços do instituto e perguntei por eles. Um estava fora em serviço. O outro gozava umas férias merecidas na Polinésia, de onde regressaria com forças redobradas e com um sorriso que levaria meses a esbater. Claro que não. Esta resposta facilitar-me-ia muito a vida e pouparia horas de sono preciosas, mas não teria essa sorte. Estava morto. Encontraram-no numa casa de banho do instituto. Escorregou no chão ainda molhado depois de uma limpeza, caiu mal e partiu o pescoço. Havia uma hipótese em mil de poder acontecer. Um verdadeiro felizardo o nosso homem. Pedi os relatórios de autópsia dos dois polícias mortos e a secretária com que falei prometeu enviar-mos por email. Ao abrigo do protocolo entre os serviços de investigação e a Medicina Legal, os inspectores estavam autorizados a solicitar relatórios de autópsia e estes deveriam ser fornecidos sem perguntas. Claro que esta directiva deveria aplicar-se apenas aos relatórios de autópsia relevantes para as investigações, mas alguém se esquecera de incluir essa ressalva e tornara-se habitual pedir relatórios de autópsias aleatórias apenas como material de leitura. Ninguém estranhava. Ninguém queria saber. Não pedi também o relatório do homem que lhes morrera para não despertar atenções indesejadas e porque aqueles bastariam para confirmar ou negar a teoria que começava a afligir-me o cerebelo com demasiada insistência.

Chegaram em formato digitalizado uns minutos depois. Pensei se o instituto teria gente cuja única função fosse enviar relatórios à polícia ou se seria um dia de pouco movimento. As duas mortes estavam classificadas como acidentais, não havendo indícios que sugerissem o contrário. O corpo de Marques apresentava fracturas múltiplas provocadas pela queda de um oitavo andar e o relatório incluía um parágrafo longo de palavreado médico que dizia, basicamente, que a maior parte dos seus órgãos internos tinham ficado reduzidos a puré. Não tinha outras marcas no corpo além das que resultavam da queda. O relatório da autópsia de Anjos era muito mais curto. O que sobrara do seu infeliz encontro com o eléctrico não chegava para motivar dissertações teóricas.

Recordei os objectos que Luís Espanhol tinha sobre a mesa quando foi encontrado. O livro. A vela negra. O cálice de prata. Afastei o pensamento que me assaltou mais uma vez. Ainda era cedo. Antes de começar a ponderar seriamente essa possibilidade, precisava de mais uma confirmação. Não queria voltar a vê-lo se não fosse absolutamente necessário. A última vez continuava a alimentar-me pesadelos, anos depois.

Voltei à rua onde tudo começara. A casa de Luís Espanhol tinha uma placa numa das janelas, dizendo: “VEN-DE-SE”. Seria capaz de apostar que nenhum agente imobiliário partilharia a peculiar história recente da moradia com eventuais interessados na compra. Um passado envolvendo homicídios violentos e inexplicáveis não era considerado elemento valorizador do imóvel.

A morada da vizinha fora anotada pela letra de Anjos ou de Marques numa folha de papel agrafada por mim ao relatório do caso. Vivia no prédio baixo situado imediatamente ao lado da casa onde tinham ocorrido as mortes. Bati à única porta do rés-do-chão. A mulher que abriu estava a décadas de ter os oitenta e dois anos da testemunha. Apre-sentei-me, mostrei o crachá e expus ao que vinha.

— Chamo-me Baltazar Mendes e sou inspector da investigação criminal. Gostaria de falar com a Dona Isaura Machado, se fosse possível.

A mulher franziu o sobrolho e não fez qualquer esforço para esconder o desagrado. Não respondeu.

Estava ali por motivos muito pouco ortodoxos e não tinha maneira de forçar a colaboração. Por mais que me apegasse responder à bruta.

— A Dona Isaura foi registada como testemunha num caso que investigamos. Tem a ver com a morte do proprietário da casa aqui ao lado. Posso falar com ela? Prometo ser rápido.

A nesga que mantinha aberta estreitou-se ainda mais.

— Agradeço que não me meta em confusões. Não sei de nada.

— É a filha?

Não respondeu, mas percebi pela expressão que sim.

— Já disse que não sei de nada. Não me meta em confusões, por favor — voltou a pedir.

Tive de encostar a mão à porta para impedir que a fchasse. Mas sem forçar. Isso poderia meter-me a mim em confusões sérias, se lhe passasse pela cabeça apresentar queixa.

— A Dona Isaura pode ter informações essenciais à investigação. Ela não está?

A porta abriu-se e a expressão da mulher mudou.

— A sério que não sabe?

Aquela frase costumava anteceder a martelada.

— Não. Não sei.

— A minha mãe morreu. Fez agora quinze dias.

Engoli um pedregulho.

— Como?

Vi passar-lhe pelo olhar algo que me arrepiaria, se fosse dado a arrepios. Baixou a cabeça e tornou a erguê-la antes de responder.

— Abriu a garganta com uma faca de amanhar peixe. Não sei como nem porquê.

Outro pedregulho. Se continuasse assim, ia precisar de um digestivo. Precisava de uns minutos para conseguir dizer-lhe alguma coisa. Felizmente, a mulher continuou.

— Levaram-me para a esquadra e passaram uma noite inteira a chatear-me a cabeça. Fartei-me de lhes dizer que a minha mãe já estava na cama quando me fui deitar e que a encontrei de manhã naquele estado. Só quando fizeram a autópsia é que me deixaram ir.

Consegui dizer-lhe qualquer coisa, mas não sei o que foi. Quando dei por mim, a porta esta fechada e eu continuava ali, a olhar as lascas de tinta que se soltavam da madeira e a pensar que não podia adiar mais o inevitável.

Arrastei-me de volta ao comissariado, sentei-me à secretária e abri a gaveta que abria com menos frequência. Ao fundo, por baixo de uma pilha de agendas de anos passados, encontrei o cartão, escurecido e com um canto dobrado. Pousei-o sobre a secretária e olhei-o durante um longo momento. Não que o conteúdo justificasse exame tão demorado. Tinha apenas um nome, “Sr. Salcedo”, sobre um número de telefone fixo. Por cima do nome, um pentagrama encaixado num círculo. Pelo menos, não estava de pernas para o ar. Ou de vértices para o ar. Todos sabem que os pentagramas invertidos são coisas terríveis. Mas, orientados com o vértice certo para cima, muda tudo. Ou, em alternativa, não passava de um disparate pseudo-místico alimentado por gente com imaginação a mais e inteligência a menos.

Não me interpretem mal. Não sou um daqueles fundamentalistas racionais que remetem todas as questões supostamente sobrenaturais para as categorias de embuste, crendice ou doença mental. Ou melhor. Já não sou. Deixei de ser precisamente por culpa do Sr. Salcedo. Trato-o assim não por especial deferência mas porque nunca lhe soube o primeiro nome e porque tratá-lo só pelo apelido poderia sugerir uma familiaridade que não desejo.

Aconteceu há oito anos, quando me aproximava do segundo aniversário de serviço. Numa noite de plantão, fui acordado por uma mulher de uma reflexão profunda em que babava o tampo da secretária. Não era particularmente bonita, mas era suficientemente vistosa para preferir que não me tivesse visto naquela figura. Disse que tinha falado com alguém na recepção e que a tinham mandado ter comigo. Pedi-lhe que se sentasse e que me contasse qual era o problema. Começou a chorar de imediato e lá me foi dizendo entre soluços que fora violada repetidas vezes e que não aguentava mais. Peguei numa ficha e comeei a pedir-lhe os dados do costume. Nome, idade, morada, profissão, estado civil. A seguir, passei aos dados relativos à queixa. Perguntei se conhecia o violador. Respondeu-me que não. Perguntei quando acontecera pela última vez. Respondeu que fora na noite anterior. Perguntei onde fora. Fora no quarto. Fora sempre no seu quarto. Perguntei-lhe como entrava alguém que não conhecia no seu quarto repetidas vezes. Respondeu que não sabia. Perguntei porque não fizera queixa antes. Respondeu que tivera medo. Pedi-lhe uma descrição do violador em traços gerais. Respondeu que era invisível.

Obviamente, fiz o que qualquer pessoa sensata faria e mandei-a embora. Voltou na semana seguinte, visivelmente maltratada. Um olho negro, o lábio ferido. Arranhões e nó-doas negras na cara e nos braços. Disse que tinha acontecido mais uma vez e que tentara resistir, sem sucesso. A questão agravou-se. Não era apenas o delírio inofensivo de uma doida e tinha de tomar medidas para evitar que a mulher voltasse a fazer aquilo a si própria. Se a mandasse embora, não poderia prever o que faria a seguir para provar que dizia a verdade. Encaminei-a para o psicólogo que fazia acompanhamento às vítimas de crime violento. Recebeu-a e veio ver-me poucos dias depois. Disse que pedira à mulher um exame médico para averiguar a extensão dos estragos. Os resultados provavam que as feridas não tinham sido provocadas pela própria e, além disso, mostravam que tinha sido violada, tal como dizia. A avaliação psicológica não revelava nada além da profunda fragilidade emocional provocada pelo choque. Sugerí que a mulher poderia estar a proteger a identidade do violador e o psicólogo discordou, dizendo que, se fosse essa a intenção, não fazia sentido pedir ajuda

à polícia. Vi-me forçado a dar-lhe razão. Sem saber o que fazer, olhei-o, tentando pensar em alguma coisa. Foi quando o ouvi dizer-me que teríamos de considerar a hipótese de a sua história ser verdadeira. Ri-me, sem achar qualquer graça. Apenas por reflexo. O psicólogo não se riu. Discutimos o assunto e acabou por me convencer a contactar alguém que conhecia, um especialista naqueles assuntos menos claros. Chamou-lhe “investigador paranormal” e deu-me o mesmo cartão que agora tinha sobre a secretária.

Contactei o Sr. Salcedo, por intermédio do seu assistente, e prontificou-se a ajudar. Marcámos encontro na casa da mulher e, por insistência sua, também estive presente. Passeou-se pela casa de mão dada com a mulher, erguendo diante de si uma espécie de candeia fedorenta. Com o pequeno apartamento cheio de fumo, disse-nos que se tratava de um incubo, um demónio libidinoso que atormentava o sono de mulheres e, em casos extremos, podia possuí-las fisicamente. Explicou que era urgente fazer um exorcismo.

Não consigo descrever o ritual. Foi apenas uma sucessão de gestos e actos aparentemente banais e a falta de espectacularidade contribuiu para agravar ainda mais o meu cepticismo. Mas não tardaram a suceder coisas que prefiro não lembrar em pormenor, depois de as ter conseguido remeter para o recanto menos visitado da memória. Bastará dizer que a mulher ficou satisfeita e pagou ao assistente do Sr. Salcedo a quantia registada na conta que lhe apresentaram, elevada mas sem exageros. Depois disso, soube que acabou por ser internada numa clínica psiquiátrica e que se enforcou com um lençol. A minha primeira impressão estava certa. Era realmente maluca. Mas isso não apagaria o que vi durante o exorcismo.

Peguei no telefone e marquei o número.

Acúrcio, o assistente, deu-me a morada e pus-me a caminho. Era um prédio em plena avenida, ladeado por marrachos multicoloridos e com marqueses espelhadas. Não conseguia disfarçar os anos. Da última vez que a fachada fora pintada, talvez uns cinquenta anos antes, teria ficado com aspecto quase encantador, com as suas janelas estreitas e varandas pequenas e elegantes. Todo o prédio, aliás, era estreito e, quem o olhasse do lado oposto da avenida, quase acreditaria que era espalmado pelos prédios mais modernos de ambos os lados, como se estes pretendessem fazê-lo desaparecer. A cor fora-se há muito, substituída por um cinzento enegrecido, aplicado década após década pelos escapes dos muitos carros que ali passavam. No alto, um frontão que a degradação progressiva fizera parecer mordido por um gigante devorador de tijolo, pedra e cimento. Ao centro do que restava do frontão, via-se ainda a maior parte de um painel de azulejos representando motivos florais. Faltava já a maior parte dos azulejos que formavam uma moldura em torno do motivo central.

Bati à porta. A meu lado, reparei num botão branco rodeado por um rectângulo de metal escuro com cantos arredondados. Pressionei-o e ouvi o zumbido eléctrico no interior.

Momentos depois, uma sombra mostrou-se pelo vidro fosco da porta. Ouvi a chave rodar na fechadura e duas

trancas serem corridas. O homem que me surgiu diante dos olhos não mudara nada desde a última vez que o vi. Se a memória não me falhava, até a camisa branca e as calças pretas vincadas eram idênticas. Cabelo castanho-escuro penteado com risco ao meio, nariz grande e torto, olhos demasiado juntos, lábios grossos. Tive de inclinar a cabeça para cima para lhe ver os traços da cara. A mulher que tinham libertado do seu violador invisível comentou quando ficámos sozinhos após o exorcismo, que Acúrcio tinha a constituição física de uma parede de betão e o temperamento de uma jaula de leões famintos à espera que alguém se esquecesse de fechar a porta. Era precisamente isso. Pobre coitada. Talvez a capacidade para fazer comparações inspiradas fosse um dos primeiros sintomas da loucura.

Acenou com a cabeça em reconhecimento do nosso encontro anterior e pôs-se de lado para me deixar entrar. Chamava-lhe “assistente”, mas não compreendia realmente qual o papel que desempenhava. Podia ser um secretário, um guarda-costas, um mordomo. Ou talvez um pouco de tudo isso. Não me interessava o suficiente para pedir esclarecimentos e arriscar levar um sopapo que me partisse o nariz.

No interior, esperava-me um pequeno vestíbulo. Um cilindro de latão onde se viam alguns guarda-chuvas e bengalas de castão simples. Na parede oposta, uma pequena mesa de madeira dourada e, na parede, um espelho de tal forma manchado pelo tempo que há muito deixara de reflectir o que fosse. Sobre a mesinha, uma vela alta, estreita e branca, com um círculo de ervas murchas entrançadas rodeando-lhe o castiçal. Erguia-se um fio de fumo do pavio. Acúrcio fechou a porta, trancou-a e voltou a acender a vela com um isqueiro descartável que retirou do bolso. A seguir, indicou-me os reposteiros que velavam a passagem ao corredor. — Faça favor — disse.

Não havia perfumes sinistros no ar. Apenas o cheiro da cera da vela e uma sugestão de bolor. Nada de corujas empalhadas em pose sinistra ou caveiras humanas. Nem uma estatueta representando uma divindade esquecida pelos milénios. À esquerda, a escada para o piso superior. E, à frente, um corredor não muito largo revestido com papel de parede florido e de cor esbatida. Sob a escada, à esquerda, via-se uma porta baixa. Todas as outras se abriam na parede direita, incluindo o arco que permitia a entrada na sala. Acúrcio seguia à frente, com o peso dos passos abafado pela passadeira grossa. Segui-o, admirando os quadros pendurados à altura dos olhos, representando paisagens bucólicas que, à primeira vista, pouco pareciam diferenciar-se umas das outras. Entrámos pela porta ao fundo do corredor.

Se esperara ser recebido na câmara de um praticante de artes mágicas, de imediato me desiludi. Era a cozinha. Pequena para o tamanho da casa e revestida com azulejos brancos que contrastavam com o amarelo em que se transformara o branco original da parte superior das paredes. O único elemento de cor era assegurado pela lagosta de louça vidrada disposta sobre um prato de folhas de couve do mesmo material e pendurada no exterior da chaminé.

— Inspector Mendes, que saudades! — disse o homem de pé junto à bancada.

As “saudades” eram absurdas vindas de alguém que conhecera durante tão pouco tempo e numa situação tão formal, mas o pouco tempo que convivemos foi o suficiente para me fazer perceber que o Sr. Salcedo era alguém muito... *sui generis*. À falta de melhor expressão.

— Chame-me Baltazar, por favor. Ou só Mendes — retorqui. — «Inspector Mendes» parece personagem de uma história má.

— O amigo é que sabe — disse. «Amigo.» Outro absurdo. Vestia calças riscadas curtas que lhe expunham as peúgas brancas até acima do tornozelo. Para compensar a falta de comprimento em baixo, chegavam-lhe quase a meio das costas em cima. Por baixo dos suspensórios, uma camisola interior branca encardida e com um buraco no ombro. O cabelo continuava grisalho, escasso, oleoso e penteado sobre a testa demasiado alta. — Deixe-me só acabar este servicinho e já conversamos — acrescentou.

Qualquer que fosse a natureza do “servicinho”, achei que haveria locais mais adequados do que a cozinha. Havia louça a secar e tudo indicava que também se cozinhava ali. Nenhum dos residentes se importaria de comer alimento confeccionado no mesmo sítio onde se faziam “serviços” de natureza indigesta? Ou estaria a ser demasiado susceptível?

O Sr. Salcedo terminou de colocar parte do conteúdo de um frasco de vidro transparente sem rótulo num prato de barro, cobriu-o com a tampa e colocou-o de lado. A seguir, ergueu uma garrafa de vidro verde, igualmente sem rótulo, abriu-a e verteu algumas gotas de líquido para o prato. Pousou também a garrafa, depois de a fechar e, com minúcia, ergueu ligeiramente o prato acima do mármore da bancada e moveu-o em círculos cuidadosos para misturar os dois ingredientes. Pensei se deveria aguardar ali ou retirar-me. Era possível que me arrependesse do que veria a seguir. Acúrcio voltara a sair da cozinha pouco depois de entrar, deixando-me sozinho com o seu patrão. Deveria procurá-lo?

O prato foi pousado e o Sr. Salcedo retirou uma caixa de fósforos de um suporte ao lado do fogão. Deu dois passos empantufados até ao frigorífico, abriu-o e retirou um volume de papel vegetal manchado de vermelho. Abriu-o sobre a bancada, cortou um pedaço com uma faca simples de cozinha e colocou-o no interior do prato com o líquido. Depois, riscou um fósforo e aproximou-o do prato. As chamas azuladas envolveram de imediato a substância ao centro.

— O chouricinho fica sempre melhor se usarmos álcool etílico com umas gotas de vinho branco — disse,

olhando-me e esboçando um sorriso de dentes amarelos e salientes. Os óculos de lentes grossas tornavam-lhe os olhos minúsculos e os aros apertavam o nariz arredondado. — É servido? — perguntou, vendo as chamas esgotarem-se e enchendo um copo com o vinho branco no interior da garrafa verde.

Não percebi se falava do vinho, do chouriço ou de ambos. De qualquer forma, a minha resposta teria sido a mesma:

— Não, obrigado.

Passou o chouriço para outro prato com a ajuda de um garfo, retirou um naco de pão saloio de uma caixa de lata ao canto da bancada e fez-me sinal para seguir à sua frente, de volta ao corredor, enquanto pegava também no copo. Fomos para a sala. Acúrcio estava sentado numa poltrona junto à janela, aproveitando a luz que permeava as cortinas brancas para ler. O Sr. Salcedo colocou o repasto sobre uma mesa redonda (notei que tinha quatro pernas; a predilecção dos praticantes de artes sobrenaturais pelas mesas de pé galo era mais um estereótipo que tombava após confirmação). Pairava na sala o mesmo odor ligeiro a bolor que existia no resto da casa, agora misturado com o cheiro do chouriço assado. O papel de parede era também florido, mas com cores e padrão diferentes do que revestia o corredor. Os móveis eram antiquados e não parecendo ter valor. Sobre uma pequena lareira, o elemento decorativo mais invulgar: um quadro de papel escuro (ou talvez fosse pergaminho) onde fora pintado um brasão de fundo cinzento com uma árvore verde sobreposta. Sobre o tronco desta, um escudo amarelo com cinco pequenos elementos verdes dispostos em cruz, cuja natureza era impossível de descortinar do ponto onde me encontrava. Por baixo do brasão, uma faixa amarela sem qualquer inscrição. Por cima, o mesmo pentágrama que adornava o cartão de visita.

— Peço-lhe que me desculpe, mas estive ocupado até agora e não pude parar para o almocinho. Estava cá com uma fraqueza... — Começou a comer, mordendo o pão e o chouriço espetado no garfo. A fome era óbvia. Ou talvez comessê sempre como se não visse alimento à frente há várias semanas. A única pausa serviu para esvaziar o copo de uma assentada.

Limpou a boca à manga da camisola interior e ergueu os olhos do prato.

— Queira então descrever o problema — disse-me. Acúrcio ergueu-se, pegou no prato e no copo e saiu com eles.

Contei-lhe o que vira em casa de Luís Espanhol, tentando não esquecer pormenores que pudessem ser importantes. A seguir, passei às mortes de todos os que tinham entrado na casa, com três excepções, incluindo o desgraçado Raimundo que dificilmente se poderia considerar realmente vivo.

— E o que o preocupa? — perguntou. — Seja sincero.

Acúrcio regressou, trazendo um roupão de veludo vermelho de aspecto pesado. O Sr. Salcedo pôs-se de pé e enfiou os braços nas mangas enquanto o seu assistente segurava a vestimenta. Voltou a sentar-se depois de dar um nó no cordão à cintura e Acúrcio regressou à poltrona e ao livro.

Fui sincero, como pedi.

— Não conseguimos explicar a morte dos assassinos de Luís Torres — disse. — A opinião oficial refere que foram mortos por elementos que se puseram em fuga sem deixar vestígios no local, o que dificulta a sua identificação e loca-

lização. Mas a verdade é que ninguém poderia ter entrado. Todos os pontos de entrada estavam barrados.

O Sr. Salcedo acenou com a cabeça.

— Mas não é tudo — afirmou.

— Não, não é tudo — concordei. — A forma como morreram os dois assassinos e os objectos encontrados à frente do dono da casa fizeram-me pensar em... — Não o quis dizer. Optei por um caminho alternativo. — Reconheci alguns dos objectos do nosso encontro anterior.

Sorriu.

— Tais como?

— O cálice de prata e a faca. Não me lembro de ter visto uma vela.

— É muito observador. Não havia nenhuma vela. Usam-se velas apenas para invocações e para a sua inversão. No caso que refere, o espírito já estava presente e o objectivo era precisamente o inverso: convencê-lo a partir.

Permaneci em silêncio.

— Qual era o título do livro? — perguntou.

— Não sei. Estava aberto e não lhe toquei para não contaminar as provas. As páginas estavam sujas de sangue, mas parecia escrito em russo.

— Em grego, possivelmente. De que cor era a vela?

Aparentemente, apesar da vontade de ser minucioso, faltara-me referir aquele pormenor.

— Preta. E era grossa — acrescentei.

— A espessura é irrelevante. A cor não. Diga-me, inspector... — corrigiu a tempo — Baltazar, acredita que existem fenómenos cuja explicação não pode ser alcançada pela ciência?

— Feitiçaria, assombrações e afins?

Novo sorriso.

— Precisamente.

— Não. Se alguém me perguntar, será essa a minha resposta. Não acredito. São histórias da carochinha. E correspondia à verdade até ver o que vi em casa daquela mulher.

Acúrcio riu-se. Continuava a olhar o livro. O riso breve poderia ter sido provocado por algo que lera. Ou não.

— É compreensível — disse-me o Sr. Salcedo. — Terá sido, sem dúvida, impressionante para um leigo. Para alguém como eu, que dedicou tantos anos ao estudo e investigação do mundo sobrenatural... Bom... Digamos que já vi muito pior.

Engoli em seco.

— Não duvido. — Quebrei o momento de silêncio que se seguiu: — Luís Torres era um... Não sei qual a expressão mais correcta. Um praticante de artes sobrenaturais?

— Um feitiçeiro — corrigiu o Sr. Salcedo. — Não, não me parece. Se fosse, penso que o conheceria. Pelo menos de nome. Seria apenas um curioso. Tentou fazer algo para o qual não estava preparado e pagou as consequências.

— Mas é assim tão fácil? Até um curioso pode invocar forças que lhe possam fazer mal a si e aos outros?

— Exige os conhecimentos certos. E é muito difícil ou mesmo impossível evitar que esses conhecimentos caiam em mãos menos instruídas ou com intenções menos nobres. Como sucederá em qualquer outra área do saber. Depois, é tudo uma questão de empenho. A feitiçaria não é um dom inato, ao contrário do que sucede com a verdadeira magia, tão rara que se tornou quase mitológica. Para simplificar, poderemos dizer que é comparável à confecção de uma refeição. Com os ingredientes e os procedimentos

certos, qualquer um conseguirá cozinhar um prato. A qualidade do mesmo dependerá, claro, do talento, do rigor e da qualidade dos ingredientes usados. Alguém que tenha acesso aos ingredientes e aos procedimentos necessários para operar efeitos mágicos através da feitiçaria não será necessariamente um feitiçeiro, da mesma forma que alguém com uma receita não será necessariamente um cozinheiro.

Novo momento de silêncio, mais demorado. Naquela ocasião, foi ele a quebrá-lo.

— O primeiro passo é sempre começar por identificar a natureza do fenómenozinho. Tudo indica que se trate de um espírito, mas é necessário determinar com que tipo de entidade lidamos. Tenho as minhas suspeitas, mas preferia não as partilhar até obter uma confirmação. Para isso, precisarei de examinar o livro e a vela. Suponho que tenham sido guardados como provas.

— Sim — confirmei.

— Muito bem. Então traga-mos. Logo que possa. Não podemos perder tempo. Se conseguir, volte ainda hoje.

Havia apenas um problema. Precisava de o expor com palavras que não me fizessem parecer completamente desprovido de coluna vertebral.

— Receio ser a próxima vítima.

Quase conseguia.

O Sr. Salcedo sorriu. Acúrcio ergueu os olhos do livro por um instante e observou-me. Não sorria.

— Seria uma preocupação perfeitamente razoável — considerou o Sr. Salcedo. — Mas não nas suas circunstâncias.

Não percebi onde queria chegar com aquilo.

— Porquê?

O sorriso continuava. Não via nada de engraçado naquela história, mas, aparentemente, ele sim.

— Se estivermos perante o agente que suponho, e lembro que carece de confirmação, trata-se de um espírito metódico, quase obsessivo, se lhe pudéssemos atribuir traços humanos. Compreende?

— Não. — Para quê mentir? Não conseguiria parecer inteligente naquele diálogo, mesmo que me esforçasse. O melhor seria desistir à partida.

— Acompanhe o meu raciocínio. Quem foram os primeiros a morrer? Depois do proprietário da casa e dos seus assassinos, claro.

Não precisei de pensar.

— Anjos e Marques. Os dois polícias.

— Mais ninguém?

— E a vizinha. Todos no mesmo dia.

— E depois?

Começava a recear que a conversa não chegasse a parte alguma.

— Raimundo. Da polícia científica. Bom... esse está só tecnicamente morto.

— E depois? — Notou o meu desagrado e tentou acalmar-me. — Seja paciente. Verá onde quero chegar.

Fiz-lhe a vontade.

— Um dos técnicos da Medicina Legal.

— Muito bem. Agora, peça-lhe que recorde a ordem de entrada na casa das pessoas que referiu. — Recostou-se na cadeira e olhou-me enquanto pensava.

Ah. Eureka. Ali estava.

— A ordem é a mesma — disse-lhe. — Mas não faz sentido.

— Porque não?

— Porque eu entrei antes do Raimundo. Por essa lógica, teria morrido depois dos dois polícias e da vizinha.

O Sr. Salcedo levantou-se e caminhou até um armário. Abriu-o e retirou uma caixa da madeira com aplicações metálicas. Aquilo que vira no interior antes de voltar a fechar o armário fora uma coruja empalhada?

— A explicação reside numa particularidadezinha curiosa que tem, meu caro Baltazar. — Voltou a sentar-se, colocando a caixa à sua frente. — Reparei nela quando nos encontrámos pela primeira vez. A princípio, não consegui identificar o que o tornava diferente. Não é um traço muito comum e apenas o encontrei duas vezes na minha carreira, que é bastante longa, como talvez não saiba. Num homem que conheci há muitos anos em Novgorod, na Rússia, e no prezado amigo aqui sentado diante de mim.

— Não estou a perceber. — Começava a repetir-me. — De que fala?

— Já verá.

Abriu a caixa e retirou um volume embrulhado num pano azul-escuro. Pousou-o ao centro da mesa, afastou rapidamente a caixa e desembulhou o pano.

— O que é isto? — perguntei, não acreditando no que via.

— O que lhe parece? — perguntou Acúrcio, soando quase divertido.

— Parece-me que estão a brincar comigo. Não é ceder demasiado ao estereótipo?

— É apenas um instrumento. Nada mais — disse o Sr. Salcedo, colocando a mão sobre a bola de cristal apoiada num suporte de madeira quase negra. — Peça-lhe que olhe o centro da bola.

— Porquê?

— Por favor. Será mais fácil explicar através de uma demonstração.

Assim fiz. Vi um reflexo das cores em redor distorcidas pelo cristal maciço. Mais nada.

— E então? — perguntei.

O Sr. Salcedo voltou-se para Acúrcio. Este acenou-lhe com a cabeça por um momento e olhou-me com atenção. Não me agradava o escrutínio.

— O que foi? Fiz alguma coisa mal? — insisti.

— Não fez mais do que tornar patente a sua natureza.

— A natureza de pessoa que não vê nada dentro de bolas de cristal?

— Nem mais! — O sorriso ampliou-se e pareceu agradar-lhe a minha conclusão. Mas não me parecia que o sarcasmo contasse como conclusão. — A imagem que invoquei na bola foi suficientemente perturbadora para abalar seriamente a saúde mental de uma pessoa comum. E, como me diz, não viu nada. A conclusão só pode ser uma. O amigo Baltazar é imune ao sobrenatural.

— Ah. — Era só o que me faltava. — E isso é positivo. Ou não?

Encolheu os ombros. A ausência de pescoço tornava o gesto bizarro.

— É a sua natureza. Para quê tecer juízos de valor? Tem vantagens e desvantagens, como quase tudo na vida e além dela — explicou. — Por um lado, não poderá ser prejudicado pela magia ou por outra força arcana, mas também é verdade que nunca poderá colher delas qualquer benefício.

Ocorreu-me uma possibilidade tranquilizadora.

— Isso quer dizer que posso fazer de conta que o espírito não existe?

— Expliquei-me mal. — Ora bolas. — É imune à influência do sobrenatural exercida sobre a sua pessoa, mas não é imune ao que se apresentar perante os seus sentidos e ao que se tornar evidente à sua razão.

— Ou seja...?

Enquanto o Sr. Salcedo pensava numa explicação alternativa, Acúrcio antecipou-se:

— Ou seja, se lhe aparecer um espírito maligno à frente, não se livra do susto, mas a pior coisa que pode acontecer é borrar-se de medo.

Eloquente. E eficaz.

— Então é impossível que seja eu a próxima vítima — concluí.

— Ou, pelo menos, altamente improvável. Por vezes, a impossibilidade prega-nos partidas — corrigiu o Sr. Salcedo. — Mas não será impossível que o espírito em questão faça outras vítimas.

Havia um elemento que não batia certo.

— Se as mortes ocorreram pela ordem de entrada na casa, porque não morreram os homens da Medicina Legal ao mesmo tempo?

— Precisaremos de apurar o motivo — respondeu o Sr. Salcedo.

Se o meu eu presente contasse ao meu eu passado que tivera uma conversa séria sobre aquele assunto, o Baltazar que fora oito anos antes não teria aguentado muito tempo sem aplicar uma valente palmada na testa do Baltazar presente, recomendando-lhe que ganhasse juízo, com um ou outro palavrão à mistura para maximizar o efeito.

Novamente lembrado de que não havia tempo a perder, despedi-me e comprometi-me a voltar mais tarde com as provas.

Depois de recolhidas, registadas, fotografadas dos ângulos possíveis e espremidas de todas as informações relevantes que pudessem transmitir e que, nas provas daquele caso em particular e no que à polícia dizia respeito, eram quase inexistentes, os elementos eram armazenados até passar o período de tempo previsto na lei para poderem ser destruídos ou reaproveitados. O reaproveitamento raramente acontecia. O material passível de nova utilização (armas, equipamento electrónico, carros) não resistia à passagem dos anos e tornava-se inutilizável ou obsoleto. Jóias e outros objectos de valor eram devolvidos aos proprietários ou aos seus descendentes, quando resultavam de aquisição legítima, ou revertiam a favor do erário, em todos os outros casos. Mas era mais comum que desaparecessem misteriosamente. Alguns dos meus colegas de serviço tinham-se especializado em organizar caças ao tesouro no armazém de material apreendido. Tão comuns eram as visitas que o agente de serviço à entrada, na cave, nem ergueu os olhos do *Correio da Manhã* quando passei.

Segui as indicações no relatório até à estante e prateleira certas e puxei uma caixa de cartão. O código rabiscado a marcador preto conferia. Puxei do canivete e usei-o para cortar a fita adesiva que mantinha a caixa fechada. Era aquela. Soube-o antes mesmo de olhar o conteúdo. O cheiro a pêlo queimado era mais intenso. Peguei na caixa e saí, sem uma palavra do guarda zeloso. Houvera um incêndio na zona industrial de Vila do Conde no dia anterior. A gravidade do acontecimento não permitia distrações.

Quando regressei a casa do Sr. Salcedo, a noite caíra. Tive de mostrar o crachá ao taxista para que me deixasse levar a caixa a meu lado e não no porta-bagagens. E ainda

nem tinha sentido o cheiro. Quando lhe chegou às narinas, abriu as janelas e não parou de resmungar durante todo o caminho. Quase congelei.

Espetei o dedo sobre a campainha e Acúrcio abriu. Parecia abalado. Depois de fechar a porta, disse-me, enquanto se ocupava a reacender a vela no vestíbulo:

— O Sr. Salcedo está indisposto.

— Espero que não seja grave — repliquei.

Olhou-me como se tivesse dito algo ofensivo. Logo a seguir, recompôs-se.

— Não é grave. Uma indisposição passageira.

Incomodava-me ter ali vindo para nada.

— Sendo assim, será melhor voltar amanhã?

— Não — Acúrcio indicou o corredor. — Antes de recolher, transmitiu-me ordens precisas. Não poderá analisar os elementos que traz, mas há mais alguém que poderá fazê-lo.

Não se referia a si próprio.

— Quem? Pensei que fosse você o aprendiz de feiticreiro? — Quando me apercebi, já as palavras tinham sido ditas e não havia nada a fazer. Reccei o pior.

O fósforo com que acendera a vela continuava a arder e a pequena chama amarela tocava-lhe os dedos. Extinguiu-se com um fio de fumo, sem qualquer gesto da mão. Atirou o palito fumegante para um cinzeiro ao lado do castiçal.

— Muito divertido. — Voltou a indicar o corredor.

Passei e dirigi-me para a entrada da sala. Acúrcio chamou-me com um “psst”. Voltei-me. Estava parado junto à porta aberta sob os degraus para o piso superior, que abrira. Voltei para trás e entrei. Escadas descendentes. Pouca luz. Olhei Acúrcio de relance. Aquela ligeira inclinação do lábio poderia ser um sorriso? O sacana ria-se de mim? Inicieí a descida. Senti-lhe os passos atrás de mim. A única luz era a que entrava pela porta. Que significaria aquilo? Teria vindo ali à procura de ajuda para acabar assassinado por um maníaco movido por sabe-se lá que rancor arbitrário?

O pânico crescente não teve tempo de crescer muito mais. A escadaria era muito curta e terminava numa porta. Via-se luz por baixo e pelo buraco da fechadura. Acúrcio espremeu-se para passar por mim. Tinha um cheiro que misturava sabonete neutro e hortaliça crua. Não era o meu *bouquet* preferido. Destrancou a porta com uma chave que retirou do bolso e entrou. Segui-o.

A cave tinha sido transformada num quarto improvisado. O cheiro a bolor era particularmente intenso e as manchas negras nas paredes húmidas não enganavam ninguém. Havia também um outro odor vagamente desagradável, mas era impossível identificá-lo. Tinham sido dispostos alguns móveis. Uma mesa, cadeiras, um armário, uma escrivaninha. Mas continuava a ser uma cave. A luz fraca vinha de uma única lâmpada sem candeeiro. A um canto, uma arca longa e baixa colocada sobre um suporte metálico e completamente coberta com um pano escuro de franja dourada. Muito perto, no mesmo canto, havia um manequim de modista. No canto oposto, um cadeirão de estofos remendados e um banco ao lado, servindo de suporte a um cesto onde se viam rolos de linha de várias cores, pedaços de pano e uma almofada de alfinetes em forma de coração vermelho. Sentada no cadeirão, uma mulher ocupava-se a passar a agulha para dentro e para fora de um pano branco onde a linha verde dava o seu contributo para desenhar um ramo de flores. Vestia uma saia até aos pés de pano castanho grosso e uma blusa com mangas de balão em tecido florido, calçando

sapatos de couro preto com fivela e meias da cor da saia. Tinha o cabelo escuro preso num carrapito no alto da cabeça, de uma forma que parecia desajustada à sua idade, e estava completamente absorvida pelo que fazia.

— Lucília — disse Acúrcio. — Tem uma visita.

A mulher ergueu finalmente os olhos do bordado e olhou primeiro para Acúrcio e só depois para mim. Tinha olheiras profundas e lábios quase brancos. Os olhos eram escuros como o cabelo. A iluminação deficiente fez-me pensar que começaram a brilhar mais intensamente quando me viu. Pousou o bordado no regaço.

— Que surpresa! — exclamou, unindo as mãos e erguendo-se para vir ao nosso encontro. — É tão raro receber visitas desde que o Sr. Salcedo me acolheu de forma tão amável. Peço-lhe que desculpe a desarrumação em que se encontram os meus aposentos, mas também funcionam como meu ateliê. Lucília Honório e Sá. — Estendeu-me a mão, sem se preocupar com a caixa de cartão que me ocupava as duas mãos e me impedia de retribuir o cumprimento. — Senhor...?

Notei que Acúrcio lhe fez um gesto rápido com a mão. Não consegui perceber o que fora. No mesmo momento, Lucília baixou a mão e deu um passo atrás. Acúrcio respondeu por mim.

— Este é o inspector Mendes. — Pareceu-me vê-lo novamente a sorrir. — Procurou o Sr. Salcedo para solucionar um problema e precisa da sua ajuda.

— Seja qual for o problema — disse Lucília, olhando-me. O brilho dos olhos parecia ter-se intensificado ainda mais, se tal fosse possível —, pode ficar descansado. O Sr. Salcedo é o homem indicado. Muitos lhe invejam o talento, mas ninguém consegue chegar-lhe aos calcanhares. Verá que tenho razão. Em que posso ser útil?

— Precisamos que examine uma vela de sortilégio — respondeu-lhe Acúrcio, sem conseguir que a mulher desviasse os olhos de mim. Começava a sentir-me incomodado por um olhar tão intenso. Segui Acúrcio até à mesa e coloquei sobre ela a caixa. Abri-a e retirei o primeiro objecto. O livro. Acúrcio tirou-mo das mãos, olhou a capa e a lombada, onde não havia nada escrito, e abriu-o. — Como suspeitamos. É um compêndio de invocações. Da escola assíria. Não tão eficaz como as invocações sumérias, mas capazes de satisfazer as necessidades de um amator. — Procurou as páginas abertas quando o cadáver de Luís Espanhol foi encontrado e leu por breves instantes. — Hmm... Claro. Previsível.

Não lhe perguntei o que quisesa dizer com aquilo. Supus que perceberia tanto da sua resposta como do que dissera antes. Limitei-me a continuar a retirar objectos da caixa, consciente de que Lucília se aproximara também da mesa e continuava a fitar-me em silêncio. Não seguia os meus movimentos, mantendo o olhar fixo nalgum ponto acima dos meus ombros. Tentei ignorar como pude e retirei frascos trazidos do escritório do criminoso morto, o cálice e a faca em sacos de plástico individuais, um frasco de ossos, outro contendo algo que parecia musgo seco, um de pó branco como farinha e outro que parecia meio cheio de areia. O guincho quase me fez saltar para o colo de Acúrcio. Para bem do meu ego e da minha integridade física, foi uma sorte conseguir conter-me.

Lucília espalmava-se contra a parede, arreganhando os dentes e abrindo muito os olhos. Já não me olhava a cara, mas sim a mão que acabara de retirar da caixa. E silvava

como uma panela de pressão. Não soube o que fazer. Acúrcio sim. Prendeu-me a mão e retirou o objecto que segurava. Era um pequeno frasco bojudo de vidro com tampa metálica de enroscar. Tinha no interior um líquido transparente. Lucília tornou a guinchar, deixando que o guincho se prolongasse numa espécie de rosnado. Acúrcio voltou a colocar o frasco na caixa e falou-lhe.

— Foi sem intenção. Está segura.

A mulher pareceu descontrair, mas continuava a rosnar e a olhar a caixa. Fechou a boca e, por um segundo, pareceu esforçar-se para recordar como poderia transformar o esgar feroz na expressão plácida que exibira momentos antes. A transformação foi impressionante. Levou a mão ao cabelo e aproximou-se novamente da mesa, mantendo uma distância cautelosa. Sorriu, mas passava a ser a caixa a merecer a sua atenção e não eu.

— O que era? — sussurrei.

— Água — respondeu Acúrcio.

Claro. Água. Fazia todo o sentido. Era perfeitamente normal que as pessoas sofressem crises animaisecas por verem frascos de água. Acúrcio substituiu-me no processo de retirar objectos da caixa. O pequeno frasco não voltou a sair, claro. Procurou a vela e retirou-a. Estava dentro de um saco de plástico selado. Abriu e o cheiro espalhou-se. Não pareceu incomodar nenhum dos dois. Desejei que o taxista ali estivesse. Seria bom partilhar a normalidade de uma careta de nojo com alguém. Passou o que restava da vela negra a Lucília, que a rodou nas mãos antes de a cheirar. Não apenas o fedor não a incomodava como parecia querer senti-lo melhor.

— Sim — disse, antes de tornar a cheirar. — Sim. Um espírito milenar. — Nova inspiração profunda. — Não é europeu. Isso é certo. Talvez egípcio. Um víndix.

— Um quê? — não me contive.

— Um espírito vingador. Invocado para vingar a morte de quem executa o ritual — respondeu Lucília, voltando a olhar-me e a sorrir. — Extremamente eficaz. Implacável. O ritual de expurgação é muito complexo e exige grande força mental. Qual foi a fórmula escolhida?

Acúrcio recebeu-lhe a vela das mãos e voltou a selá-la no saco e a colocá-la dentro da caixa, depois de ter passado os instantes anteriores a arrumar os objectos que dispus sobre a mesa.

— Não houve ritual de expurgação — retorquiu, baixando as abas da caixa.

A informação sobrepôs-se ao fascínio que Lucília parecia sentir por mim.

— Isso é muito mau — considerou.

Tinha finalmente encontrado uma questão relevante a colocar, mas fui impedido de o fazer por um grito lancinante que desceu pelas escadas até à cave. A questão relevante foi substituída por:

— O que foi isto?

Acúrcio parecia agitado. Foi Lucília a responder. A explicação era-me inteiramente dirigida.

— Pobre Sr. Salcedo. Se não fosse um homem tão bon-

doso, talvez não fosse presa tão apetitosa para o maldito demónio. E por mais que consiga aplacá-lo, há momentos em que se torna impossível controlar o mal que o possui.

Não sei se me perturbaram mais as palavras ou o facto de as proferir com um sorriso radioso.

— Precisamos de ir — disse-me Acúrcio.

— Porque não acode ao nosso querido Sr. Salcedo e deixa o inspector comigo, Acúrcio? Saber-me-ia bem um pouco de conversa.

Perdi toda a vontade de conversar. Não saberia explicar porquê, mas era um facto.

— De certeza que o inspector adoraria — disse-lhe Acúrcio. Não. Estava completamente enganado. — Mas sabe que não pode ser. Ficará para uma próxima oportunidade.

— Muito bem — Lucília pareceu resignada. — Mas não se esqueçam de levar... — deixou a frase a meio e apontou a caixa antes de continuar — o que trouxeram. Ainda lhe sinto a presença. É insuportável.

Duvidava que se referisse à vela, pela forma como a cheirara quase com avidez apenas momentos antes. Ouviu-se novo grito. Acúrcio dirigiu-se para a porta. Peguei na caixa e segui-o.

— Foi um prazer, inspector — disse Lucília, quando olhei para trás uma última vez. Havia algo muito perturbador no seu sorriso. A forma como passou a língua pelos dentes não melhorou nada. — Espero que nos voltemos a ver.

Acenei-lhe com a cabeça e saí. «Não se puder evitá-lo», pensei. Acúrcio puxou a porta e trancou-a. Claro que também não era propriamente normal prender uma costureira na cave, mas a sobredosagem de bizarrria começava a deixar-me indiferente aos pormenores. Quando voltámos ao corredor, Acúrcio fechou a porta das escadas e voltou-se para mim, no preciso momento em que soava novo grito. Vinha de um dos pisos superiores.

— As suspeitas do Sr. Salcedo foram confirmadas — disse-me. — Prevendo esta possibilidade, pedi-me que marcasse encontro para a casa onde foi feita a invocação. É crucial que leve consigo o elemento sobrevivente. O técnico de Medicina Legal que referiu. Amanhã ao meio-dia.

— Não sei se conseguirei autorização da imobiliária com tão pouco tempo de antecedência — argumentei. — Além disso, é possível que já tenha sido vendida.

— Não foi. Liguei para a agência durante a tarde para me informar. Também marquei uma visita.

— Isso é... — qual era a expressão certa? — muito previdente. — Nada mal.

— Agora é necessário que se vá. — Avançou para mim e vi-me forçado a recuar para o vestíbulo. Levou uma mão à pequena mesa por baixo do espelho manchado e alcançou um livro de capa forrada a pano vermelho. Colocou-o no topo da caixa que levava nos braços. — O Sr. Salcedo recomenda este livro para esclarecer as dúvidas que possa ter acerca do nosso adversário. — Apontou o *post-it* amarelo que espreitava entre as páginas. — Mas leia apenas a secção assinalada. O resto talvez lhe pareça demasiado intenso.

E, depois de transmitido o recado, curvou-se para soprar a vela, abriu a porta e quase me empurrou para fora.

— Só mais uma coisa — disse-lhe.

Hesitou em vez de me fechar a porta na cara.

— O que é?

— O Sr. Salcedo está mesmo possuído por um demónio?

Novamente o sorriso trocista que começava a conhecer demasiado bem.

— Ora, inspector... Não me diga que acredita em histórias da carochinha.

E fechou a porta, parecendo muito agradado pelo dramatismo com que lhe foi permitido fazê-lo.

Passêi parte da noite a ler o livro e outra parte a tentar esquecer o que lera para conseguir dormir. O autor era Francisco Salcedo e tinha como título: “Espíritos, Assombrações, Fantasmas e Outras Manifestações Etéreas.” Não tinha indicação de editora ou de ano de edição. A julgar pelas páginas amareladas e de cheiro intenso a papel velho teria sido impresso décadas antes. A secção assinalada, integrando um capítulo chamado “Espíritos invocáveis, suas qualidades e possíveis consequências” falava de vîndix, ou “espíritos vingadores”, entidades que poderiam ser invocadas em situação desesperada para assegurar que determinado assassinio não ficaria impune. Depois da morte do invocador, o vîndix manifesta-se e exerce represálias ferozes sobre os homicidas. O principal problema relacionava-se com a natureza da invocação. Porque o espírito é libertado depois da morte de quem o invoca, não restará ninguém para proceder ao ritual de expurgação, a não ser que se tomem providências para que assim seja. Depois de consumada a vingança, o espírito permanece livre no mundo, por tempo indeterminado, e pode estender a missão original à morte arbitrária de quem a sua lógica unidireccional conseguir encaixar na definição de “vingança”. Como a morte de todos os que entram em contacto com o cadáver do invocador, por exemplo. Ou que entram no domicílio do morto enquanto este ainda se encontra no interior. O texto referia ainda que o ritual de invocação é simples, exigindo apenas uma vela com características específicas (de cor negra, com pavio torcido e fabricada com cera de abelha misturada com essências), a récita de palavras adequadas e um sacrifício em sangue sobre prata maciça. Mais adiante, referiam-se relatos da existência doutros tipos de vîndix capazes de tarefas que não se limitariam à simples vingança, podendo ser aplicados a funções preventivas para proteger uma pessoa, um objecto ou um local. Como exemplo, citava-se a utilização de espíritos com estas características pelos antigos egípcios para proteger os túmulos dos seus faraós e também pelos etruscos e por civilizações do Oriente longínquo.

A secção terminava ali. Li alguns parágrafos da secção seguinte, atraído pelo sugestivo título “Aparições de cariz venéreo”. Era uma listagem resumida dos tipos de espírito que poderiam ser invocados para proporcionar prazer carnal. Eram semelhantes no seu comportamento aos demónios incubo e súcubo, mas com a distinção de possuírem uma natureza imaterial e serem sexualmente ambíguos, não se lhes podendo atribuir traços maioritariamente masculinos ou femininos. A leitura estava a ser interessante até chegar às consequências da perda de controlo sobre aparições deste tipo. Não consegui concluir a leitura do segundo relato de uma invocação venérea que correu mal, fechei o livro, pousei-o na mesa-de-cabeceira e apaguei a luz, tentando adormecer. Minutos depois, tornei a acender a luz, levantei-me e fui levar o livro à despensa, equilibrando-o sobre duas latas de salsichas. Fechei a porta da despensa e voltei a deitar-me. Não apaguei a luz.

Acordei com os primeiros raios de sol do dia seguinte, após uma ou duas horas de sono intermitente. Queimei tempo até uma hora aceitável e liguei para o Serviço de

Medicina Legal. Perguntei pelo técnico e disseram-me que ainda não tinha chegado. Deixei o meu número e pedi para lhe darem um recado. Era urgente que entrasse em contacto comigo logo que chegasse. O motivo estava relacionado com a morte do seu colega. Consegui transmitir a mensagem com o tom de urgência adequado porque, uma hora depois, ouvi o telefone tocar. Era ele. Chamava-se Pedro Mateus. Começou por dizer, sem que lhe perguntasse, que a morte do colega tinha sido uma grande tragédia, mas não tinha quaisquer informações que não constassem no relatório de autópsia e que não compreendia o interesse que poderia ter em conversar com ele, não tendo sequer competência para interpretar dados médicos e sendo apenas alguém que recolhia cadáveres. Tranquilei-o e deixei claro, por outras palavras, que não era suspeito, mas esclarecendo também que era provável que a morte do seu colega tivesse sido provocada por alguém. Dizer que fora provocada por “alguma coisa” teria sido demasiado perturbador e optei por não o fazer. Acho que foi a melhor escolha. Continuei, dizendo-lhe que precisava de ter com ele uma conversa absolutamente rotineira e de lhe fazer algumas perguntas sobre o local do crime. Para tal, pedi-lhe que se encontrasse comigo ao meio-dia na casa que pertencera a Luís Espanhol. Tentou esquivar-se, dizendo que estaria ocupado em serviço, mas voltei a sublinhar a importância da sua colaboração para identificar o assassino. Pedi que justificasse a sua ausência de alguma forma que não levantasse demasiadas suspeitas. Disse-lhe que a descrição era exigida pelo caso, mas a verdade era que não queria atrair para mim mais atenção do que a estritamente necessária, na eventualidade sempre possível de estar louco e de toda aquela história não passar de um delírio alimentado por gente igualmente louca. Acabou por aceitar acrescentar uma hora à sua hora de almoço habitual e desligou.

Passêi pelo comissariado para trazer a arma que tinha trancada no meu cacifo. As balas podiam não ser eficazes contra criaturas sobrenaturais (nem sequer eram de prata benzida como nos filmes de terror), mas serviriam para deter humanos com intenções menos agradáveis e isso bastava para me tranquilizar um pouco.

Cheguei ao local combinado dois minutos antes do meio-dia. Pouco depois, à hora certa, um táxi estacionou à minha frente. O Sr. Salcedo vinha sentado no banco de trás e acenou, esboçando o seu sorriso de dentes sujos. Quando o carro se imobilizou, vi Acúrcio sair pela porta do condutor e contornar o táxi para abrir a porta traseira voltada para o passeio e ajudar o passageiro a sair. Vinha vestido da mesma forma. A mesma camisa branca imaculada e as mesmas calças pretas vincadas. Ou outras exactamente iguais. O Sr.

Salcedo ostentava um casaco castanho algo surrado e que não conseguiria abotoar sobre o ventre volumoso, coberto por uma camisola de malha com gola em V e dividida em quadrados de dois tons de verde.

— Onde está o taxista? — perguntei a Acúrcio.

— O táxi pertence-me — respondeu, fechando a porta e dirigindo-se para o porta-bagagens. — Alguma objecção?

— Não. Nenhuma.

Pensei que os fantasmas não pagariam muito bem. Louvei-lhe o espírito prático por ter encontrado uma ocupação adicional. Retirou uma grande maleta de cabedal do porta-bagagens, fechou-o e voltou a aproximar-se.

— Meu caro amigo — começou o Sr. Salcedo —, tenho de me desculpar pelo achaquezinho de ontem. São imprevisíveis. Felizmente, fui dotado com uma saúde de ferro, mas afecta-me um problema de outra natureza. Ainda não consegui encontrar-lhe uma cura, mas não perco a esperança. É a última a morrer, como diz o ditado.

— Claro. — Não disse mais nada. A pergunta lógica seguinte seria: “É mesmo verdade que está possuído por um demónio?” Mas não me queria ouvir a dizê-lo.

Pedro Mateus chegou a seguir numa carrinha da Medicina Legal. Caminhou até nós e cumprimentou-me. Tinha cara de adolescente tardio e cabelo alourado. Os olhos pareciam quase tão amarelos como o cabelo e também a pele apresentava uma tonalidade enfermicha. Apresentei quem me acompanhava, expliquei que o Sr. Salcedo era um perito e esperei que não quisesse saber em quê. Não quis. Estendeu a mão, mas nem o Sr. Salcedo nem Acúrcio fizeram qualquer movimento para a receber. O primeiro limitou-se a sorrir. O segundo olhou-o fixamente enquanto formulava um seco:

— Muito gosto.

Passámos quase dez minutos num silêncio desconfortável interrompido apenas quando Mateus me perguntou se demoraria. Respondi que esperávamos alguém que nos viesse abrir a porta da casa e ouvi-o expressar o seu desagrado com um sopro. O agente imobiliário chegou pouco depois. Pediu desculpa pelo atraso e cumprimentou-nos a todos com apertos de mão, incluindo o Sr. Salcedo e Acúrcio. Dirigiu-se para o portão e convidou-nos a segui-lo. A casa não mudara muito desde que a vira. O mobiliário mantinha-se e a maior diferença parecia ser a camada de pó e o cheiro a cimento que pairava no ar.

Caminhando à nossa frente, o agente imobiliário ia recitando a sua ladainha, enumerando as muitas qualidades da moradia que a tornavam ideal para albergar uma família de dimensão média. Não percebi se achou que éramos uma família de dimensão média. A sua ocupação deveria exigir-lhe espírito aberto para todo o tipo de originalidades na composição de agregados familiares. Notei que o LCD desaparecera da sala. O resto mantinha-se.

— A casa de banho e o escritório foram totalmente remodelados — explicou. — O resto encontra-se pronto a habitar. Falta-nos apenas acabar de pintar e equipar a cozinha, mas não levará muito tempo a estar concluída.

— Podemos vê-la? — perguntou o Sr. Salcedo. — É o coração de qualquer lar. Não ponderaria sequer a compra de uma casa sem uma rica cozinha.

O agente imobiliário pareceu apanhado de surpresa pelo interesse na divisão que permanecia por ajeitar. Murmurou um “com certeza” e conduziu-nos pelo corredor. Na cozinha, as diferenças eram notórias. Os armários, a

mesa e as cadeiras tinham desaparecido e não havia vestígios de sangue nas paredes nuas. O centro era ocupado por uma mesa improvisada com tábuas e um par de cavaletes, sobre a qual tinham sido colocados baldes de tinta, pincéis, rolos e outro equipamento de pintura. Uma das paredes tinha já sido pintada de branco. Mantinha-se no tecto a mancha escura e o cheiro intenso da tinta não tinha conseguido sobrepor-se por completo ao odor a pêlo queimado. Enquanto o agente imobiliário referia o gás canalizado, a ventilação e o equipamento moderno que pretendia instalar, num esforço óbvio para satisfazer o gosto por cozinhas manifestado pelo Sr. Salcedo, vi que Acúrcio colocara a maleta sobre a bancada e retirara um pequeno frasco do interior. Levou a mão a um bolso das calças e extraiu um lenço branco, que desdobrou. De seguida, retirou a rolha do frasco, tapou o gargalo com o lenço e inverteu-o por um segundo, pousando-o sobre a mesa e voltando a rolhá-lo. O que se seguiu foi quase demasiado rápido para conseguir acompanhar com o olhar. Rodeou o pescoço do agente imobiliário com um braço e este ia a meio de uma frase sobre as vantagens das placas eléctricas de fogão quando lhe cobriu a boca e o nariz com o lenço. O homem esboçou um princípio de reacção, mas levou apenas alguns segundos a perder os sentidos e a tombar inanimado no chão, devidamente amparado por Acúrcio para evitar grandes efeitos da queda.

Mateus exaltou-se e começou a perguntar-me o que se passava.

Respondi-lhe que estava tudo bem e que não havia motivo para preocupação. Estava tudo sob controlo.

— Que raio se passa? — perguntei a Acúrcio, vendo-o arrastar o agente imobiliário inerte para fora da cozinha. Voltou a entrar e fechou a porta. Percebendo que não me respondia e se limitava a guardar o frasco e o lenço dentro da maleta, repeti a mesma pergunta, dirigindo-me agora ao Sr. Salcedo. — Que raio se passa?

— Não é necessário envolver outros elementos além dos estritamente necessários — respondeu, sem nunca ter deixado de sorrir.

— Que era aquilo? Clorofórmio? — perguntei-lhe.

— Óleo de calêndula com um outro ingrediente adicional. Nada de demasiado poderoso — respondeu-me Acúrcio, retirando um molho de velas comuns da maleta e baixando-se para as equilibrar no chão junto à porta. — Vai acordar muito descontraído e sem se preocupar com a memória perdida das últimas horas. A euforia acabará por passar com os meses, mas, até lá, terá uma vida muito divertida. Foi um favor que lhe fizemos.

Mateus disse que se ia embora e dirigiu-se para a porta. Acúrcio olhou-o, sem se erguer, e apontou-lhe um banco ao canto da cozinha. Sentou-se e desistiu de protestar. Acabando de dispor as velas, vi Acúrcio retirar do bolso um pedaço de giz branco e começar a traçar linhas paralelas no chão, junto à base de cada cilindro de cera branca. No intervalo entre as linhas, acrescentou símbolos que não reconheci. A seguir, dirigiu-se novamente à maleta para retirar novo molho de velhas e dispô-las no parapeito da única janela da cozinha, voltando a usar o giz para traçar algo que não consegui ver do sítio onde me encontrava.

— Estamos prontos? — perguntou o Sr. Salcedo. Acúrcio voltou a aproximar-se da maleta e acenou-lhe uma única vez com a cabeça. — Então, comecemos.

Fechou os olhos e murmurou qualquer coisa em voz

demasiado baixa para compreender. A seguir, bateu com as mãos e o ruído ecoou como um pequeno trovão. Em simultâneo, todas as velas se acenderam. Ali estava um truque que não me incomodava nada. Impressionante, prático e aparentemente inofensivo. Acúrcio retirou outros objectos da maleta e colocou-os sobre a mesa improvisada. Uma salva de prata. Uma grande navalha. E, por fim, a vela preta malcheirosa encontrada precisamente ali. Abriu a navalha e passou-a ao Sr. Salcedo. HorrORIZADO, vi-o encostar a ponta afiada ao peito da mão e deixar escorrer algumas gotas sobre a salva. Continuava horrorizado quando Acúrcio fez o mesmo e o meu horror bateu novos recordes quando percebi que a navalha me era estendida.

— A sério? — perguntei.

— É essencial — respondeu o Sr. Salcedo.

Ignorando todas as objecções sanitárias, fiz um pequeno golpe no peito da mão e cerrei o punho sobre a salva, permitindo que o meu sangue se juntasse à mistura. Depois de o fazer, levei a mão à boca até parar de sangrar e o Sr. Salcedo abriu um vidro que Acúrcio lhe passara e verteu todo o conteúdo sobre a salva. Ao tocar o sangue, o líquido escuro ferveu e aumentou de volume. Num ápice, a salva ficou perto de transbordar com uma substância mais espessa e vermelha do que o sangue.

Enquanto sentia a ferida na mão estancar, o Sr. Salcedo ergueu a salva com as duas mãos, disse algumas palavras num idioma que não reconheci e, com uma ligeireza de que não o julguei capaz, lançou a mistura dos três sangues sobre a cara de Mateus, que permanecia sentado ao canto da cozinha.

— Isso foi nojento — não resisti a dizer, olhando-os à espera de uma explicação.

— Será aconselhável afastar-se — disse-me o Sr. Salcedo.

Estava entre eles e Mateus e não percebi a que se referiam. Até me voltar na direcção oposta e olhar o técnico de Medicina Legal.

Ou o que restava dele.

No lugar que antes ocupara, estava agora o que parecia ser um cadáver num estado de putrefacção muito adiantado. Apenas percebi que não era realmente um cadáver porque a cabeça pingando sangue se ergueu e fixou em mim um par de olhos onde reluzia uma centelha homicida. Gritei e tentei afastar-me, mas era demasiado tarde. Uma mão parcialmente descarnada rodeou-me o braço esquerdo e apertou, esmagando-me músculos e tendões. Levei a mão direita ao coldre escondido pelo casaco e retirei a pistola, apontando-lha. Acúrcio lançou-se sobre mim e torceu-me o braço até deixar cair a arma no chão. Olhei-o, sem perceber, e vi que, junto à mesa, o Sr. Salcedo voltava a bater com as mãos. Novo estrondo e as chamas das velas já acesas alongaram-se por um instante enquanto a vela negra se acendia. A criatura que fora Mateus começou a guinchar e libertou-me finalmente o braço para correr até à porta. Antes de pisar as linhas de giz, foi projectado para trás como se fosse impelido por uma mola e embateu contra a parede

do lado oposto, deslizando até ao chão e logo se endireitando, estendendo os braços para mim e silvando enquanto avançava. Curvei-me para a pistola caída, mas Acúrcio pontapeou-a e, segurando-me pelo colarinho, projectou-me para trás de si.

— Não! — disse, com uma expressão que preferia não tornar a ver. Mateus, presumindo que continuaria a ser ele, voltou-se então para Acúrcio e lançou-lhe as garras ao pescoço, tentando libertar-se das mãos do assistente, que lhe seguravam a cabeça e mantinham à distância os dentes escuros pingando muco enegrecido.

O Sr. Salcedo disse mais alguma coisa na mesma língua que antes ouvira e a criatura cadavérica guinchou com maior intensidade e ajoelhou por terra com a boca escancarada. Juntamente com o guincho, começou a sair pela medonha goela o que me pareceu ser fumo preto, puxado para a nuvem que se formava sobre a vela negra acesa. O cheiro a pêlo queimado tornou-se insuportável. Ao mesmo tempo, a nuvem alimentava também uma coluna de fumo descendente que ia sendo consumida pela chama anormalmente intensa da vela. Mateus acabou por cair ao chão, imóvel, e a nuvem foi-se esgotando. Quando os últimos resquícios de fumo foram tragados pela vela, a cera restante irrompeu em chamas que prontamente se extinguíram, não restando nada além de um amontoado disforme de cera negra derretida.

Acúrcio estendeu a mão e içou-me, entregando-me a pistola que entretanto apanhara. No momento em que me preparava para lhe pedir explicações pelo seu comportamento, notei pelo canto do olho que algo se movia no chão. Mateus tossia e erguia-se com esforço, apoiando-se na mesa para se conseguir pôr de pé. Estava pálido, mas era o mesmo homem que antes vira e já não o cadáver animado que tentara atacar-me. Os seus olhos já não estavam amarelos como antes. Olhou-nos com a boca aberta.

— Está tudo bem — disse-lhe o Sr. Salcedo. — Portou-se maravilhosamente. — Estendeu o braço e colocou-lhe um frasco por baixo do nariz. Mateus estranhou, mas não conseguiu evitar inalar. Caiu redondo no chão. Reconheci o frasco de óleo de calêndula enquanto o Sr. Salcedo voltava a fechá-lo.

Deitámos o agente imobiliário adormecido no sofá da sala e Acúrcio saiu depois de revistar Mateus e de lhe encontrar as chaves da carrinha. Trouxe-a para junto do passeio e abriu as portas traseiras. Levámo-lo ambos, eu segurando os pés e ele ocupando-se dos ombros. A rua estava deserta, mas era impossível perceber se alguém nos veria das muitas janelas. Dois homens saindo de uma casa à venda onde ocorrera um homicídio algum tempo antes, transportando um corpo inanimado para dentro de uma carrinha do Instituto de Medicina Legal levantaria grandes suspeitas. O Sr. Salcedo saiu, fechando a porta da casa atrás de si. Trocou impressões com Acúrcio e este comprometeu-se a levar a carrinha para longe dali, deixando Mateus sozinho no interior até acordar. Ambos concordaram que seria melhor se não tivesse memória do sucedido. Aceitei conduzir o táxi de volta à casa do Sr. Salcedo na avenida e pusemo-nos a

caminho. Eu ao volante e o Sr. Salcedo no banco de trás como meu passageiro, claro. Que rica figura se alguém me reconhecesse. A explicação do que acontecera foi-me facultada durante o percurso.

— Os espíritos não resistem muito tempo neste mundo sem possuir um corpo vivo — disse-me o Sr. Salcedo. — O fim das mortes entre os visitantes da casa tornou claro que o vândix já não estaria presente no local da sua invocação e apenas poderia ter saído depois de possuir alguém presente no local. O meu caro inspector não poderia ser, pela particularidade que antes lhe expliquei. A morte de apenas um dos técnicos de Medicina Legal não deixava dúvidas quanto à identidade do receptáculo.

— Que aconteceu depois de acender a vela?

— Os espíritos mais comuns possuem receptáculos humanos sem que estes percebam o que alojam dentro de si — explicou. — Uma possessão pode durar toda a vida sem que o espírito se manifeste. Agrada-lhes a partilha da vida e contentam-se com ela, fazendo definhar aos poucos o corpo que possuem. Quando este morre, procuram novo anfitrião e o processo repete-se até serem expurgados. Mas a possessão deixa marcas, como lhe disse. Não é apenas a debilidade física, mas também uma degradação das capacidades psíquicas que, em muitos casos, conduz à loucura. Quando acendi a vela, o vândix percebeu que estava encurralado e viu-se forçado a assumir o controlo do corpo, dotando-o da aparência medonha que viu. Era apenas uma ilusão. Cada um de nós o viu de uma forma diferente, segundo o que mais nos assusta. Quando lhe segurou o braço, tentava transferir-se para o seu corpo, talvez por sentir que estava armado e poderia eliminar-me. Não consegui. Sabia que não podia limitar-se a assumir a sua forma etérea porque ficaria à minha mercê e não conseguiria resistir ao ritual de expurgação. Foi necessário arrancá-lo à força.

Olhei a nódoa negra no braço. Não desapareceria tão cedo. Levei o táxi para a garagem acessível por um portão ao lado do prédio e acompanhei o Sr. Salcedo até à porta. Perguntou-me se queria entrar.

— A Lucília ficou muito impressionada consigo e gostaria de voltar a vê-lo — acrescentou. — Gosta de companhia e há muito que apenas comunica comigo e com o Acúrcio.

— Que tipo de... pessoa é ela? — À falta de melhor designação, “pessoa” teria de servir.

O Sr. Salcedo sorriu.

— Creio que já percebeu — disse. — O folclore encarregou-se de divulgar bastante a sua condição. Mas foi uma boa mulher e, de certa forma, continua a sê-lo. Com as condicionantes óbvias. Se não lhe reconhecesse méritos, não a

alojaria em minha casa. Como talvez saiba, existem riscos.

Não lhe fiz mais perguntas. Já sabia demais. Recusei o convite para entrar e desculpei-me com o trabalho para me ir embora. Não insistiu e despediu-se com um “até ao nosso próximo encontro”. Antes de entrar, lembrou-se de algo. Levou a mão a um bolso do casaco e entregou-me um envelope dobrado ao meio.

Voltei para casa a pé. A brisa fria que se levantara ajudava-me a clarear as ideias. A meio do caminho, consegui reunir coragem suficiente para abrir o envelope. Esperara uma missiva altamente perturbadora e revelando factos que me tirariam o sono durante meses. Ou que poderiam fazer-me enlouquecer de vez.

Era a conta. Devia ao Sr. Salcedo uma quantia bastante avultada pelos seus serviços. Pagável através de cómoda transferência bancária. Afinal, ganhava-se bom dinheiro no ramo da resolução de problemas oficialmente imaginários e racionalmente impossíveis. Talvez devesse aplicar a minha recém-descoberta imunidade ao sobrenatural a um ramo de investigação por conta própria.

Não. Péssima ideia.

Lembrei-me do livro que continuaria fechado na despensa, com latas de salsichas como suporte. Teria de me livrar dele de alguma forma. Não o queria em casa e não o devolveria.

Porque devolvê-lo implicaria voltar a ver aquele homem e havia uma coisa de que tinha absoluta certeza.

Não queria voltar a ver o Sr. Salcedo. Nunca mais. BANG!



Renato Carreira nasceu em 1977 e tem-se mantido vivo de forma mais ou menos contínua desde então. Frequentou vários estabelecimentos de ensino, fez trabalhos de mérito intermitente para televisão e imprensa e tem feito traduções, conquistando uma reputação unânime de “gajo esquisito” entre aqueles que com ele trabalharam. Passa demasiado tempo a atafulhar o ciberespaço com coisas como a Inépica, site satírico que mantém desde 2001. Tem vários livros na sua estante, mas este é apenas o segundo com o seu nome na capa. Gosta de bifinhos com cogumelos, mas não nega um bom bacalhau à brás, uma francesinha com batata frita ou uma alheira de Mirandela. O grão-de-bico será sempre a sua perdição derradeira. Promete ofertar uma quantia simbólica em dinheiro a quem o abordar na rua, segredando-lhe ao ouvido as palavras “Costa da Caparica”.



H.P. LOVECRAFT
UM ÍCONE DA
CULTURA
OCIDENTAL
CONTEMPORÂNEA
2ª PARTE
POR JOSÉ CARLOS
GUERREIRO GIL

O CONCEITO DO SOBRENATURAL EM LOVECRAFT

Na sua mitologia artificial, os “deuses” utilizados por Lovecraft não são deuses num sentido literal. Todos são constituídos por átomos, embora a disposição destes possa dar origem a matérias e formas perfeitamente alienígenas para o ser humano. Esta minúscula alusão ao universo quântico da Física serve para afirmarmos que o sobrenatural no seio da ficção lovecraftiana é um conceito algo problemático. Parece-nos evidente que, para um mecanicista-materialista como o autor em questão, não faria sentido a utilização de um sobrenatural propriamente dito como aquele utilizado nos autores mais tradicionais do Gótico. Essa seria uma contradição face às suas mais profundas convicções pessoais. Uma característica fundamental dos seres que rasgam o “véu” da normalidade, como os “Old Ones”, é, dentro da lógica ficcional deste autor, o seu carácter material, destituído de contornos “mágicos”.

Apesar de, à partida, ser possível entender o carácter natural destas entidades superiores, far-nos-á falta uma maior exactidão na utilização de termos. Para tal, será pertinente utilizarmos a teoria desenvolvida por Tzvetan Todorov sobre o Fantástico na sua obra *The Fantastic- A Structural Approach to a Literary Genre*. Entre Lovecraft e Todorov, refira-se, desde logo, existe algo em comum, pois ambos os autores, Lovecraft em *Supernatural Horror in Literature* e Todorov na obra acima referida, tratam a literatura fantástica numa perspectiva dos seus efeitos. No caso do escritor americano o efeito desejado é o medo, uma ansiedade inexplicável perante uma ameaça exterior e que não é ainda perceptível. A este tipo de medo chamou, como já vimos, “terror cósmico”.

Para o autor de *The Fantastic*, o efeito pretendido é a hesitação. Com efeito, Todorov explica, em primeiro lugar, que o Fantástico é, perante uma situação que extravasa a normalidade, uma hesitação na atribuição desse acontecimento a uma estranha combinação de leis naturais, portanto, possível de acontecer, ou a acontecimentos sobrenaturais, quebrando as referidas leis naturais.

No caso de a narrativa ser racionalmente explicável, então estaremos perante aquilo que Todorov designa como puramente “uncanny”, ou o que poderemos chamar de “estranho”, exemplificado, na obra deste autor, através do conjunto das obras de Dostoiévsky.

Já no “fantástico-uncanny”, o leitor é colocado perante uma hesitação em que, inicialmente, todos os acontecimentos apontam para a intervenção do sobrenatural, para no final surgir uma explicação racional, em conformidade com as leis naturais. Todorov exemplifica com recurso a histórias de detectives, que insinuam a intervenção de elementos

sobrenaturais, mas que, no final, nos dão uma explicação perfeitamente racional.

Por outro lado, no “fantástico-maravilhoso”, os acontecimentos de uma narrativa seguem realmente para uma explicação sobrenatural, uma explicação em consonância apenas com a própria estrutura e lógica interna da narrativa. É o caso de narrativas em que encontramos a intervenção de criaturas como demónios, espíritos ou elfos sendo, de facto, apresentados como tal. Finalmente, tal como o puramente “uncanny”, Todorov também apresenta um “maravilhoso”, sem hibridismo. Este irá ser subdividido em quatro: um “maravilhoso hiperbólico” e um “maravilhoso exótico”, em que as narrativas sobre as viagens de Sinbad servem de exemplo; um “maravilhoso instrumental”, em que objectos “mágicos”, tais como as lâmpadas ou os anéis de Aladino desempenham um papel fundamental na narrativa e, finalmente, o “maravilhoso científico”, que podemos associar à ficção científica.

Neste, os acontecimentos iniciais apontam para o sobrenatural, que no caso de Lovecraft são quase sempre materializados em raças extraterrestres muito anteriores ao aparecimento do Homem e com capacidades que escapam àquilo que a Ciência pode explicar no momento. Contudo, apesar de uma incapacidade de compreensão actual, não significa que as leis “naturais” sejam quebradas. As transgressões de leis de uma realidade ficcionada, mas que se quer próxima da realidade exterior à ficção, possibilitam ao leitor a ilusão de que aquilo que lêem poderá ser possível. A este propósito poderíamos socorrer-nos de Oscar Wilde, que afirmou: “Man can believe the impossible, but man can never believe the improbable” (Wilde 1973: 84), atestando a importância de uma explicação científica ou pseudo-científica que pareça plausível. O que o leitor encontra em Lovecraft é, nesse sentido, uma explicação racional dos eventos, embora tente sempre causar a hesitação que possibilita o Fantástico. Todorov afirma o seguinte acerca do “instrumental marvelous”:

The «instrumental marvelous» brings us very close to what in nineteenth-century France was called the scientific marvelous. Here the supernatural is explained in a rational manner, but according to laws which contemporary science does not acknowledge. In the high period of fantastic narratives, stories involving magnetism are characteristic of the scientific marvelous: magnetism «scientifically» explains supernatural events, yet magnetism itself belongs to the supernatural (Todorov 1970: 56).

O sobrenatural de Lovecraft parece integrar-se nesta última categoria, pois muitas das entidades e eventos nas suas narrativas, frutos da imaginação do escritor, surgem aos olhos dos seus protagonistas como completamente sobrenaturais, quando na verdade a sua materialidade e possibilidade de serem explicadas num estágio mais avançado da Ciência permanece entreaberta. Para dar apenas um exemplo refira-se “The Call of Cthulhu”, em que os seres extraterrestres são vistos como deuses, num sentido literal da palavra, por sociedades vivendo num estágio cultural mais “primitivo”. Para os protagonistas do conto, levando a cabo uma autêntica investigação digna do famoso detective tocador de violino e fumador de cachimbo, parece-lhes perfeitamente claro que a entidade com que estão a lidar, não obstante ser muitíssimo poderosa, será ou poderá vir a ser explicável do ponto de vista científico.

O mesmo pode, por exemplo, vir a acontecer com a comunicação aparentemente telepática que Cthulhu estabelece com os seus seguidores. Apesar de esta ainda não ser explicável, ou mesmo aceite pela Ciência, a possibilidade de a mesma vir a ser enquadrada no seu seio num futuro mais ou menos distante não é de desprezar. Não admira, pois, que Lovecraft seja reconhecido aos olhos de muitos críticos, como um dos precursores da ficção científica no século XX. Esta característica da sua escrita reporta-se, fundamentalmente, àquela que poderá ser considerada a terceira e mais influente fase da sua escrita, constituída pelos textos conotados com o “Cthulhu Mythos”.

Para além de Todorov, também Rosemary Jackson, autora de *Fantasy – The Literature of Subversion* nos apresenta alguns pontos de vista interessantes para uma melhor definição de algumas características da escrita lovecraftiana. Uma posição importante desta autora reside no facto de considerar que o Fantástico não constitui um género, mas sim um modo. Este deverá ser localizado entre o “mimético” e o “maravilhoso”, eles próprios, igualmente modos. De uma forma muito breve, poderemos dizer que o mimético é o modo narrativo que pretende imitar o real, sendo o maravilhoso um modo com uma lógica própria e não de acordo com aquilo que a experiência comum convencionou de “real”. Jackson sugere, então, que o Fantástico utiliza a extravagância do “maravilhoso” e o carácter comum do “mimético”, não pertencendo assim a nenhum modo de forma distinta. Será então no Fantástico que, de acordo com a autora, fará sentido enquadrar a obra de Lovecraft.

De acordo com o já anteriormente dito no presente capítulo, a obra de Lovecraft escolhe a via do materialismo ou da explicação materialista para construir o elemento fantástico na sua ficção, numa clara tentativa de obtenção de verosimilhança, estando igualmente de acordo com a perda de importância do sobrenatural no século XX e com o carácter eminentemente racional do próprio autor. Não obstante essa opção que o aproxima da ficção científica, o escritor não escapa às problemáticas que envolvem o modo fantástico, como Rosemary Jackson lhe chama. De facto, segundo esta autora, a escrita fantástica apresenta uma relutância ou incapacidade em apresentar versões definitivas da “verdade” ou da “realidade”:

Structured upon contradiction and ambivalence, the fantastic traces in that which cannot be said, that which evades articulation or that which is represented as ‘untrue’ and ‘unreal’. By offering a problema-

tic re-presentation of an empirically ‘real’ world, the fantastic raises questions of the nature of the real and unreal, foregrounding the relation between them as its central concern (Jackson 1981: 37).

Lovecraft tenta criar um mundo aparentemente real, decalcado do convencional, introduzindo depois algo que perturba essa mesma convencionalidade. O carácter materialista da sua ficção faz com que tente que o próprio elemento estranho possa vir a ser explicado. Contudo, as características exteriores e totalmente alienígenas em relação à realidade quotidiana farão com que haja dificuldades em torná-las credíveis ou em descrevê-las. Independentemente da realidade com que Lovecraft tenta imbuir os seres alienígenas, as criaturas serão sempre fruto da imaginação do autor, advindo daí as dificuldades em encontrar uma linguagem capaz de exprimir plenamente aquilo que os protagonistas dos seus contos vivenciam. Rosemary Jackson refere o seguinte acerca deste aspecto: “H. P. Lovecraft’s horror fantasies are particularly self-conscious in their stress on the impossibility of naming this unnameable presence, the «thing» which can be registered in the text only as absence and shadow” (Jackson 1981: 39).

Uma manifestação desse inominável na ficção lovecraftiana é o conjunto de nomes que designam as entidades alienígenas, como “Cthulhu” ou “Azathoth”, despidos de qualquer significado no “mundo real”. É uma tentativa de, levando a linguagem aos seus limites, alcançar aquilo que Jean-Paul Sartre defende como “não-tético”, uma irre realidade, que o modo literário do Fantástico tenta alcançar.

Apesar de não haver uma ligação real entre esses significantes e um significado, Lovecraft não abdica de querer convencer o leitor acerca da sua materialidade. Nesta sua recusa de entender estes elementos do “Exterior” de uma forma maioritariamente metafórica, mas sim apresentá-los como literais, reside uma das suas principais características. Essa característica acaba também por ser uma das características do Fantástico em geral, distinguindo-se, assim, da alegoria e da poesia.

A materialidade do “exterior” e dos seres que a ele pertencem na ficção lovecraftiana encaixam no conceito de “non-signification” que Rosemary Jackson defende serem próprias do Fantástico moderno, pois já não estamos perante um mal moral convencional, pertencente a uma visão maniqueísta do mundo, mas sim perante algo menos fácil de definir: criaturas que desafiam a nossa crença de centralidade no Universo e cuja atitude é maioritariamente de indiferença em relação a nós. Não se poderá falar de um mal deliberadamente dirigido ao ser humano, mas sim de algo que coloca em causa a concepção que fazemos de uma realidade convencionada entre todos, antes mostrando um Universo indiferente e caótico, portanto, desprovido de significado e de sentido moral. Aqui residirá, porventura uma das maiores originalidades do autor americano, pois, como poderemos verificar em *At the Mountains of Madness* e “The Shadow Out of Time”, por exemplo, as criaturas extraterrestres retratadas como cientistas poderão ser entendidas como duplos dos cientistas humanos, impossibilitando que estes últimos possam ser vistos de uma perspectiva mais favorável que os alienígenas. De facto, a dado momento, estes parecem mais imbuídos de características supostamente humanas do que os próprios seres humanos, numa inversão de papéis que poderemos encontrar em *Frankenstein*, ou no

domínio da ficção científica, em *Supertoys Last All Summer Long*, de Brian Aldiss.

Enquanto a maioria dos autores góticos mais conhecidos, como Poe, Stevenson, ou Mary Shelley se centram no carácter humano, na propensão para a maldade, advindo daí a impossibilidade de alcançar o ideal romântico do Paraíso na Terra, uma das características mais marcantes de Lovecraft é a menor incidência dessa centralidade da psique e da maldade humanas. Na maior parte da sua escrita mais significativa, o maior acto de maldade será, no limite, a tomada de consciência, mais frequentemente accidental do que intencional, das forças imensas que nos rodeiam e jazem adormecidas, cobrindo-nos com a sua sombra imensa e tornando-nos insignificantes.

O carácter materialista cada vez mais importante no presente é referido por Rosemary Jackson a propósito do mito faustiano e das suas transformações:

Goethe's 'Faust' (1808) moves towards this apprehension of the demonic: as a realm of non-signification. His Mephistopheles is much more complex than a stock representation of evil: 'he' introduces a negation of cultural order, insisting that there is no absolute meaning in the world, no value, and that beneath phenomena, all that can be discovered (*sic*) is a sinister absence of meaning. 'His' 'demonic' enterprise consists in revealing this absence, expressing the world's concealed vacuity, emptiness and its latest pull towards disorder and undifferentiation. (...) Transformation of the Faust myth epitomize the semantic changes undergone by fantasy in literature within a progressively secularized culture (Jackson 1981: 57).

A autora de *Fantasy – The Literature of Subversion* refere que no Fantástico moderno, o Mal ou o demoníaco não dizem já respeito ao puramente sobrenatural, mas sim àquilo que está atrás ou entre formas e estruturas que vemos separados. Trata-se de um híbrido, de uma transgressão. O “Exterior”, o “Outro” é, então, tudo aquilo que ameaça “este” mundo, o mundo “real” com a sua dissolução.

A ficção lovecraftiana parece seguir um caminho paradoxal ao querer apresentar-nos como estrutura de fundo um mundo decalcado da realidade, opondo-o depois ao resto do “Exterior”. Contudo, como num jogo de espelhos, o próprio acontecimento rompedor da normalidade irá ser enquadrado por Lovecraft na realidade, ao tentar explicar ou sugerir uma via “material” para o acontecimento disruptor.

Tal como o título da obra de Rosemary Jackson indica, o modo fantástico tem, como característica fundamental, para esta autora, o carácter subversivo. Esta característica não deixa de ser aplicável à ficção de H. P. Lovecraft, uma vez que a realidade resultante da intervenção de forças exteriores ficará profundamente alterada, com algumas das suas construções sociais e culturais quase totalmente destruídas.

A intervenção do “Exterior”, fruto da imaginação do autor e podendo ser vista, numa perspectiva psicanalista, como uma projecção das suas próprias ansiedades, é uma manifestação do irracional, de forças primevas e que não têm significado (non-significant).

Ao conferir um claro pendor materialista ao “Exterior”, Lovecraft consegue, paradoxalmente, criar uma ligação flui-

da e credível entre a realidade e o produto da sua imaginação, uma reacção contra um excessivo racionalismo e arrogância humana, utilizando esse mesmo racionalismo e fé naquilo que é material, explicável, ou que ainda poderá vir a sê-lo. Este processo de progressiva perda de importância do sobrenatural no Gótico é igualmente reconhecido por Rosemary Jackson: “Changes in Gothic can be seen as corresponding to a slow diminution of faith in supernaturalism” (Jackson 1981: 97).

Também como consequência desse enfraquecimento, Jackson aponta a propensão do Fantástico em “esvaziar” o real, expondo-o como algo sem sentido, embora continuando à espera que algum acontecimento possa preencher esse vazio deixado pela ausência de fé no sobrenatural. Como Jackson defende:

Religious or spiritual epiphany becomes inconceivable: matter is merely matter, unredeemed, yet strangely hollowed out, insufficient in itself, without meaning, without transcendence, modern fantasy still functions as if meaning and transcendence were to be found. It uncovers mere absence and emptiness yet it continues its quest for an absolute. Waiting, impossible expectation, *l'attente*, are characteristics of modern fiction, from Kafka to Beckett and Pynchon (Jackson 1981: 159).

Tal como em *A Metamorphose* de Kafka, Gregor Samsa é, efectivamente, (não metaforicamente) transformado em insecto sem qualquer razão aparente, também na ficção lovecraftiana o “Exterior” não-sobrenatural irrompe e estilhaça as vidas de todos aqueles que com ele contactam, revelando algo mais para além da realidade aparente, mas sem que essas revelações correspondam aos anseios de um sentido absoluto para a vida. Pelo contrário, o contacto com o “Exterior” apenas revelará mais arbitrariedade, caos e ausência de qualquer sentido teleológico para o Universo. Tal como a transformação em *A Metamorphose* não depende da vontade de Samsa, também as pacatas personagens de Lovecraft não têm outra opção a não ser deixarem-se ser arrastadas pelo turbilhão de acontecimentos a que se vêm involuntariamente presas. Outras partes em comum são possíveis de encontrar entre as ficções destes dois autores, nomeadamente a progressiva perda de significado e valor da linguagem, temática recorrente na ficção modernista. Da mesma forma que Gregor Samsa perde progressivamente a capacidade de se fazer entender e de entender os objectos que o rodeiam, também as personagens principais em Lovecraft se vêem confrontadas com essa situação. Desde os ininteligíveis sons guturais (des)articulados pelos deformados habitantes de Innsmouth, passando pelos alienígenas, as

frases encantatórias dos seguidores de Cthulhu, até às misteriosas palavras “Tekele-li” proferidas pelo protagonista enlouquecido de *At the Mountains of Madness*, a temática da perda de significado não passou ao lado do mestre de Providence. Ela manifesta-se, igualmente, na perda de sentido de uma realidade que julgavam conhecer, mas que se revela numa plenitude inabarcável e, por isso, incompreensível.

A ânsia por algo que substitua o espaço deixado pela ausência de espiritualidade na contemporaneidade aumenta perante uma total ausência de redenção. Inquietações semelhantes são possíveis de encontrar nas várias obras de Thomas Pynchon, referido na introdução desta dissertação, quando nos confrontamos com as suas personagens envolvidas na teia labiríntica de uma sociedade inteiramente secularizada, excedentária de produtos materiais, mas deficitária de sentido e de significados. Segundo Jackson, a palavra-chave da ficção de Pynchon é “entropia”, num irresistível movimento para a decadência e ausência de movimento:

Entropy does not function metaphorically for Pynchon, but literally: it is apprehended as the condition of life, and one which is peculiarly appropriate as an expression of the world running down with consumer culture. He tells of the exhaustion of social and of secular systems alike (Jackson 1981: 167).

Em “The Horror at Red Hook”, escrito por Lovecraft enquanto se encontrava mergulhado no caleidoscópio de raças, línguas, culturas e competitividade capitalista nova-iorquina, é possível perceber a ausência de sentido e decadência provocada pela metrópole, atestando a incapacidade da vida moderna em conferir sentido aos anseios de significado do escritor e dos protagonistas das suas obras.

Tal como em Pynchon, as massas humanas decadentes fundem-se com o ambiente igualmente decrépito, tornando-se um só e atestando um materialismo tudo menos redentor, característico da cultura contemporânea. Fica assim realçado o desprezo que Lovecraft nutria pelo excessivo materialismo da sociedade, sua contemporânea, e um sentimento de nostalgia por uma época que, temporalmente não era a sua.

Consequência da sua recusa de qualquer sentido religioso ou influência sobrenatural, o resultado do contacto com o Exterior, com a realidade para além da aparência quotidiana, é, no caso de H. P. Lovecraft, quase sempre trágico:

The negative versions (inversion) of unity, found in the modern fantastic, from Gothic novels – Mary Shelley, Elizabeth Gaskell, Dickens, Poe, Dostoevsky, Stevenson, Wilde – to Kafka, Cortázar, Calvino, Lovecraft, Peake and Pynchon, represent dissatisfaction and frustration with a cultural order which deflects or defeats desire, yet refuse to have recourse to compensatory, transcendental other-worlds (Jackson 1981: 180).

A impotência das personagens perante acontecimentos que as ultrapassam muito em grandeza é, segundo Richard Chase, autor de *The American Novel and its Tradition*, uma herança calvinista, portanto estreitamente ligada à fundação da nação americana e da sua mentalidade intrínseca. Para os calvinistas, o Homem é um ser impotente, incapaz de modificar aquilo que já foi pré-delineado pela entidade suprema. A mentalidade dos autores modernos afasta-se e, ao mesmo

tempo, aproxima-se desta concepção. O Homem continua a ser incapaz de se impor perante forças irresistíveis, incompreensíveis e contraditórias, permanecendo uma vítima.

É evidente que na obra lovecraftiana, essa impotência não é posta em evidência por uma entidade sobrenatural, entendida numa perspectiva religiosa, mas sim pelos terrores vindos do Cosmos longínquo, produzindo efeitos semelhantes e induzindo o pretendido terror cósmico. Não obstante as terríveis consequências que daí possam advir, a atracção das personagens e do próprio autor pelo terrível faz parte, segundo Richard Chase, do código genético da literatura americana, não sendo também ausente o próprio carácter romântico, de alguma forma, presente no escritor americano e que se revela na recusa de uma sociedade quase unicamente centrada na prosperidade material. No seio desta, personalidades sensíveis e mal-preparadas de um ponto de vista pragmático não se sentiriam à vontade, como foi claramente o caso de Lovecraft. A redução até à insignificância de um mundo material e de uma mentalidade antropocêntrica, face a um Cosmos vastíssimo e povoado de seres quase onnipotentes, poderá ser interpretado como uma forma de, na sua imaginação, tudo aquilo que limitou o escritor na sua vida ser colocado em perspectiva e adjectivado de insignificante, inconsequente e transitório.

Na mais pura tradição gótica americana, o despertar do “Grande Cthulhu” poderá ser entendido como um regresso do reprimido, do outro lado do optimismo americano, potenciado pelos avanços científicos e tecnológicos do início do século XX, contemporâneo do escritor americano e com cujas consequências sociais, económicas e culturais este não se identificava. Não nos querendo basear numa leitura psicanalista da obra do escritor, é quase incontornável concordar com Maggie Kilgour quando esta afirma que “psychoanalysis is a late gothic story” (Kilgour 1995:61).

Apesar de, na sua ficção, Lovecraft pretender dar vida a seres concretos e materiais, potencialmente explicáveis à luz da Ciência, com a qual tinha uma relação ambivalente, dificilmente poderemos deixar de olhar para estes produtos da sua imaginação e criatividade como “fantasmas” das suas ansiedades mais profundas.

Northrop Frye, citado por Neil Cornwell em *The Literary Fantastic – From Gothic to Postmodernism* corrobora esta posição, se entendermos “fantasy” como “fantastic”, tal como Cornwell o faz:

Fiction in the last generation or so has turned increasingly from realism to fantasy, partly because fantasy is the normal technique for fiction writers who do not believe in the permanence or continuity of the society they belong to (Frye, cit Cornwell 1990: 211).

THE COLOUR OUT OF SPACE E O MARAVILHOSO CIENTÍFICO

Uma vez que este conto particular respeita a condição de transversalidade do tema analisado no ponto anterior, será pertinente falar aqui sobre “a indiferença do Universo e a realidade para além da aparência”. Para além disso, é particularmente ilustrativo da questão enunciada no tópico anterior, levando aos limites o nosso entendimento acerca do que pode ser considerado natural e sobrenatural na ficção do autor. Com efeito, dadas as características totalmente indefinidas e alienígenas da “entidade” que, como veremos, causa a destruição gradual de toda uma família e a decadência de uma vasta área rural, torna-se difícil entender, concretamente, do que se trata e se a mesma poderá ser algum dia explicável pela Ciência.

Tal como a narrativa no-la apresenta, essa explicação é e será durante muito tempo inatingível. Narrado na primeira pessoa por um agrimensor destacado para os trabalhos iniciais da construção de um reservatório de água, “The Colour Out of Space” dá conta dos acontecimentos terríveis, que se seguiram à queda de um estranho meteorito. O objecto caído do espaço deixa uma enorme clareira onde nenhuma vegetação voltou a crescer, referida no conto como “blasted heath” mas, ao mesmo tempo, potencia um crescimento anormalmente exuberante da vegetação circundante, para além de notórias, se bem que indefinidas, alterações morfológicas nos animais. O conto é ainda o relato em analepse da decadência física e mental de uma família exposta às estranhas radiações, culminando na sua degradação e destruição total. É inevitável recordarmos o que aconteceu à família Curie, exposta à radiação durante um longo período de tempo, na sua busca pelo conhecimento, embora seja possível que Lovecraft não tenha associado conscientemente esse facto à sua história. A construção do reservatório de água serviria para encobrir os efeitos visíveis do fenómeno, embora o futuro consumo daquela água fosse estender a contaminação exponencialmente. Um dos aspectos mais relevantes do conto para este trabalho diz respeito à análise do meteorito, levada a cabo por uma equipa de cientistas. Esta análise não obtém qualquer explicação satisfatória, pois o material analisado possui características claramente alienígenas, fora do presente alcance da Ciência humana:

Stubbornly refusing to grow cool, it soon had the college in a state of real excitement; and when upon heating before the spectroscope it displayed shining bands unlike any known colours of the normal spectrum there was much breathless talk of new elements, bizarre optical properties, and other things which puzzled men of science are wont to say when faced by the unknown.

(...) Aside from being almost plastic, having heat, magnetism, and slight luminosity, cooling slightly in powerful acids, possessing an unknown spectrum, wasting away in air, and attacking silicon compounds with mutual destruction as a result, it presented no identifying features whatsoever; and at the end of the tests the college scientists were forced to own that they could not place it. It was nothing of this earth, but a piece of the great outside; and as such dowered with outside properties and obedient to outside laws (Lovecraft 1994: 242-243).

Embora os cientistas não consigam explicar aquele estranho objecto, nem sequer determinar se se tratava de uma entidade viva ou não, Lovecraft não opta pela via habitualmente utilizada por autores mais tradicionais. Bem de acordo com o modo fantástico, a dúvida sobre aquela misteriosa entidade permanece, embora no seio da sua ficção o escritor deixe a porta entreaberta para uma futura explicação através da Ciência. Ainda que o “meteorito” não se pareça comportar de acordo com as leis conhecidas pela Ciência, comportar-se-á de acordo com outras que, por enquanto, ainda desconhecemos, constituindo um exemplo de que o sobrenatural pode ser visto como uma parte do real, por enquanto ainda desconhecido. Esta é uma perspectiva que a poetisa Emily Dickinson já havia intuído e afirmado numa das suas cartas: “I was thinking today, as I noticed, that the ‘Supernatural’, was only the natural disclosed”¹. Das múltiplas leituras pertinentes para o tema em análise e que são permitidas pelo conto, destacaríamos, uma vez mais, a intromissão do “exterior” na vida do Homem. O meteorito constitui um elemento tão alienígena, tão exterior ao Homem e ao ambiente que pensamos dominar, que nem a natureza da ameaça podemos determinar. Torna-se difícil entender se a ameaça e as suas consequências nefastas para os seres humanos são deliberadas ou não, numa evidente alusão à indiferença do Universo perante a Humanidade.

A relação da Ciência com a realidade posta a descoberto é também interessante, pois coloca em evidência a incapacidade em lidar com possíveis descobertas que a curiosidade humana possa vir a realizar. Mesmo após os acontecimentos terríveis na “blasted heath” parecerem terminados, não havendo mais vítimas humanas a registar, a ameaça subsiste na forma de uma clareira que se expande lenta, mas inexoravelmente, ano após ano. Esse

1 In <http://www.theatlantic.com/unbound/poetry/emilyd/edletter.htm>, consultado a 23 de Fevereiro de 2008.

crescimento não parece passível de vir a ser controlado pelo conhecimento e pela vontade humana, pelo que, em muitos casos, a mensagem vai no sentido de um alerta para não explorarmos as fronteiras do conhecimento em demasia. Não parece contudo evidente, neste e noutros contos, tais como “The Call of Cthulhu”, ou na novela *At the Mountains of Madness*, por exemplo, que o conhecimento seja intrinsecamente mau. De forma geral, as personagens criadas por Lovecraft não procuram o saber com objectivos sinistros, como acontece por exemplo com Victor Frankenstein, ou outros protagonistas acometidos de uma *hubris* desmedida. Com efeito, o orgulho desmesurado não parece representar um tema tão forte na ficção lovecraftiana como noutros autores.

O que alguns dos contos do mestre de Providence nos parecem querer dizer é que, independentemente do nosso conhecimento, e dos nossos maiores esforços, os terríveis acontecimentos de dimensão cósmica irão continuar a acontecer, com a diferença agravante de que agora o mundo parecerá bem mais ameaçador aos olhos humanos, destruída que está para sempre a “placid island of ignorance in the midst of black seas of infinity” (Lovecraft 1994: 61), que Lovecraft refere no início de “The Call of Cthulhu”.

“TERROR CÓSMICO” UMA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA

52

William Van O'Connor na sua obra *The Grotesque: An American Genre and Other Essays* afirma o seguinte:

There is of course a deeply existentialist drift in modern fiction, European and American. Medieval or Renaissance man could dream of the harmonies implicit in the doctrine of the microcosm-macrocosm relationship. Citizens in Pope's world could dream of the harmonies of a mechanistically ordered universe. Shelley and Byron could reassert that man was a Prometheus. Herbert Spencer and others testified to having observed that evolution is biological, social and moral. Common to all of these doctrines is the belief that man may rely on spiritual and rational forces in the universe. There was an order of things upon which he could depend for succor, a sense of purpose, and the assurance that he was rational. The modern writer seems certain only of uncertainty (O'Connor 1962: 17).

Uma perspectiva existencialista também poderá ajudar a explicar a actualidade da ficção lovecraftiana, embora, num primeiro momento, esta pareça ser difícil de conciliar com outras posições defendidas na sua ficção e correspondência pessoal. À primeira vista, o autor parece, através da sua fé na Ciência, essencialmente mecanicista, ou também como viria a ser conhecido posteriormente, mais próximo de um positivismo lógico, algo que o afastaria, desde logo, dessa perspectiva filosófica. No entanto, uma análise mais cuida-

dosa poderá mostrar-nos algo diferente. Lovecraft não se encontra exclusivamente preso a uma perspectiva objectiva do mundo. O autor percebe as limitações dos nossos sentidos e as consequentes dificuldades para a obtenção dessa, por muitos almejada, objectividade.

É conhecida a importância que os sonhos detêm na sua obra e os mesmos eram muitas vezes vistos pelo autor como uma forma tão ou mais válida do que as outras convencionalmente aceites para um conhecimento autêntico da realidade. Essa forma de aceder a realidades escondidas por “detrás de véus” não estará acessível a todos, apenas os mais sensíveis o poderão fazer, ainda que os mesmos possam vir a correr o risco de serem mal-interpretados pela maioria. Vejamos o início do conto “The Tomb”:

It is an unfortunate fact that the bulk of humanity is too limited in its mental vision to weigh with patience and intelligence those isolated phenomena, seen and felt only by a psychologically sensitive few, which lie outside its common experience. Men of broader intellect know that here is no sharp distinction betwixt the real and the unreal; that all things appear only as they do only by virtue of the delicate individual physical and mental media through which we are made conscious of them; but the prosaic materialism of the majority condemns as madness the flashes of supersight which penetrate the common veil of obvious empiricism (Lovecraft 1987: 18).

Para além da crítica a um excessivo empirismo, podemos igualmente testemunhar a perspectiva de que o mundo é apreendido através dos sentidos, mas também pela mente, processo nada surpreendente em Lovecraft. Porém, numa perspectiva mais existencialista, fica também patente a ideia de que o Mundo apenas se materializa porque nós o criamos ao tomarmos consciência dele. De salientar também a admissão, invulgar em alguém com uma componente fortemente mecanicista como Lovecraft, de que podem existir momentos em que a realidade pode ser percebida através de formas menos convencionais, embora nesse seu mecanicismo não seja de excluir que a Ciência possa vir a explicá-las um dia. A ligação ao existencialismo também poderá ser estabelecida, começando pelo paralelo existente entre o conceito de “terror cósmico” e o conceito de “Angst” desenvolvido pelo filósofo Sören Kierkegaard.

Tal como na maioria das obras góticas, a iminência da morte possibilita, de alguma forma, traçar a dimensão da nossa existência pela sua inevitabilidade. A preocupação em revelar a medida da nossa existência e a autenticidade da vida humana tornar-se-ia numa preocupação central para os chamados filósofos existencialistas. Em Lovecraft poderemos encontrar todo um Universo cheio de incertezas, um cosmos estranho, alienígena e talvez hostil. No entanto, uma certeza permanece em toda a sua ficção: a existência da Humanidade é apenas uma nota de rodapé no desfiar de eras que compõem a história do Universo. O destino final de todos os homens e da sua civilização é o desaparecimento e a morte. Essa inevitabilidade da morte e do desaparecimento poderão, contudo, possibilitar a percepção da vida de uma forma mais autêntica.

À semelhança de inúmeras obras do Gótico, também a ficção lovecraftiana “alerta” para o verdadeiro significado da vida face às ameaças de destruição e de loucura que são impostas aos protagonistas, tal como em *Frankenstein*, em cujo final o cientista aconselha uma vida isenta de ambições, ainda que aparentemente benignas, como aquelas que pensamos estarem ao serviço da Ciência. Em *At the Mountains of Madness*, o narrador alerta:

Certain things we had agreed, were not for people to know and discuss lightly – and I would not speak of them now but for the need of heading off that Starkweather –Moore expedition, and others, at any cost. It is absolutely necessary, for the peace and safety of mankind, that some of earth’s dark, dead corners and unplumbed depths be let alone; lest sleeping abnormalities wake to resurgent life, and blasphemously surviving nightmares squiem and splash out of their black lairs to newer and wider conquests (Lovecraft, ed. Joshi 1997: 329).

Apesar de todas as precauções, fica patente nesta e noutras obras de Lovecraft que nada poderá, em última análise, evitar a destruição da Humanidade e a sua substituição por uma outra qualquer forma de vida dominante. Há nesta perspectiva um olhar bastante crú em relação à própria existência, até mesmo uma negação da distinção entre o Bem e o Mal, face àquilo que nos ameaça com a destruição. Esta negação das tradicionais dicotomias Bem / Mal e a perspectiva em que o medo é central na vida de todos nós, patente no início de *Supernatural Horror in Literature*, são factores de aproximação entre o Gótico e o Existencialismo.

Na coragem perante o sentimento de inevitabilidade da morte e a sua aceitação, Lovecraft irá aproximar-se do filósofo Heidegger, também ligado às correntes filosóficas existencialistas.

Régis Jolivet em *As Doutrinas Existencialistas* (1961), põe em evidência o pensamento de Heidegger, demonstrando que para a generalidade dos seres humanos a morte é, sobretudo, “algo” que acontece aos outros:

Os homens, geralmente, eximem-se à angústia da morte. Uns encaram-na como simples verdade estatística ou certeza experimental (...) outros reduzem a certeza da morte à certeza de que “se morre”, como se a morte atingisse apenas o “se”, que não é ninguém (...). Há sempre a preocupação de dissimular aquele “ser-para-a-morte” que nós somos: consolam-se os moribundos, escondendo-lhes a iminência da morte (quem consola é que, de facto, se esforça por se animar a si mesmo). O “se” foge diante da morte: afasta o pensamento da morte como debilitante; não tem a coragem necessária para afrontar a angústia que ela envolve (Jolivet 1961: 128).

Nas palavras do próprio filósofo: “As soon as man comes to life he is at once old enough to die” (Heidegger 1962: 289). Por conseguinte a consciência e aceitação da morte é uma condição para uma existência autêntica. Heidegger refere-se ao ser inautêntico como o “they-self”, aquele que é influenciado pelos demais (“they”), pelas multidões, ao invés de contar com as suas próprias potencialidades.

Distinguindo entre o ser autêntico e o inautêntico, o filósofo descreve este último como aquele que encara a morte como capaz de produzir um medo cobarde e sinal de insegurança, portanto, um tópico a ser evitado. A morte é evitada através daquilo a que Heidegger chama de “constant tranquilization about death”, provocando com isso uma indiferença em relação à morte. Paradoxalmente, esta indiferença em relação à morte é uma atitude cobarde. A atitude corajosa e mais autêntica é a “courageous anxiety”. Contudo, esta ansiedade não é um sinónimo de medo, mas sim uma ansiedade em relação à liberdade e às possibilidades que o “Nada” da morte levanta. Este estado de espírito permite uma atitude de desapaixonada liberdade em relação à morte. Para Heidegger a morte deve ser verdadeiramente aceite e encarada com naturalidade:

The falling everydayness of Dasein is acquainted with death’s certainty, and yet evades Being-certain. But in the light of what it evades, this very evasion attests phenomenally that death must be conceived as one’s ownmost possibility, non-relational, not to be outstripped, and – above all – certain (Heidegger 1962: 302).

O filósofo não oferece uma esperança religiosa, nem tampouco insiste numa mórbida obsessão em relação à morte. Ao invés disso, uma ansiedade saudável permite uma positiva e corajosa tomada de consciência, a aceitação da morte e da finitude da nossa existência.

O mesmo acontece com Lovecraft. O autor americano olha a inevitabilidade da morte de frente, assume-a na sua ficção e na sua vasta correspondência pessoal, incorpora esse medo e essa angústia como algo central na sua vida e na de todos os seres humanos. Como Maria Antónia Lima

refere em *Terror na Literatura Norte-Americana*, a propósito de Heidegger, a morte pode ser encarada como uma libertação de uma existência banal, distinguindo-se, assim, o ser autêntico, do inautêntico (cf. Lima 2008: 77). Lovecraft irá insurgir-se contra esta maneira banal de viver e contra uma literatura que tentava retratar a banalidade da vida de uma forma realista.

É neste confronto perante o “Nada”, algo inefável e paradoxal, que o sentimento de solidão e da inevitabilidade da morte é realçado. Também aqui poderemos estabelecer um paralelo entre o conceito de “Angst”, desenvolvido por Kierkegaard e o conceito de “terror cósmico” de Lovecraft.

Em sentido lato, “Angst” pode significar um estado em que o homem se sente sufocado perante um mal que está iminente, que é inevitável e, pelo menos em parte, não foi ainda experimentado. Este conceito trabalhado pelo filósofo dinamarquês aproxima-se, na sua indefinição e envolvimento, do cerne do terror em Lovecraft, mas o carácter mais interior desta emoção, atribuído pelo pensador escandinavo afasta o filósofo do escritor americano, uma vez que em Lovecraft esse terror, embora perpassando para o interior do indivíduo, provém do exterior.

Comum às noções de “Angst” e de “terror cósmico” é o seu carácter intangível, indefinido, ambas designando algo que não se consegue precisar, mas que é profundamente inquietante. Por outras palavras, “Angst” e “terror cósmico” poderão ser entendidos como medo do desconhecido. Como Régis Jolivet regista a propósito de Kierkegaard: “Devemos observar aqui que nada reforça tanto o sentimento da existência como a *imaginação* e a *angústia*. O homem, vivente e existente, prova-se muito mais no sofrimento do que na alegria (Jolivet 1961:43).” O filósofo também difere do escritor no sentido em que o primeiro irá orientar a sua filosofia para a sua interpretação do cristianismo, portanto, para uma forma de religião. No caso do escritor, a ausência de fé ou de orientação do seu pensamento para uma religião irá, neste aspecto, aproximá-lo mais de outros filósofos, tais como Friedrich Nietzsche.

O escritor americano irá transportar esta angústia individual, igualmente presente em tantas personagens de boa parte da ficção gótica, para toda a Humanidade. É a própria Humanidade que se encontra só na vastidão do Universo, um Universo destituído de sentido. Lovecraft não evita esse confronto e é nessa coragem de confrontar que também encontramos semelhanças com Nietzsche e a sua filosofia niilista, bem como com Schopenhauer, na concepção que ambos tinham de um Cosmos cego, amoral e sem um rumo definido. Nietzsche em *Assim Falava Zaratustra* é talvez quem mais violentamente se insurja contra a religião e a intenção de uma teleologia capaz de amenizar uma angústia existencialista:

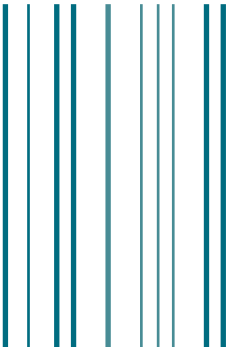
Foram os doentes e os moribundos que menosprezaram o corpo e a terra e inventaram as realidades celestes e as gotas do sangue redentor: mas até esses doces e lúgubres venenos os foram buscar ao corpo e à terra! Queria fugir da sua miséria, e as estrelas pareciam-lhes demasiado longínquas. Então suspiraram: “Oh!, se houvesse caminhos celestes para alcançar outra existência e outra felicidade!” – Foi então que inventaram os seus artifícios e as suas sangrentas beberagens (Nietzsche 2000: 47).

Lovecraft poderá ter sido, em certa medida, um Nietzsche literário, pois na sua recusa da religião e da teleologia assemelha-se ao que o filósofo advogava para o espírito: desembaraçar-se do peso milenar da religião.

Também a ideia do perpétuo devir encontra eco na mitologia lovecraftiana, como o demonstra este pequeno verso de “The Call of Cthulhu”: “That is not dead which can eternal lie/ And with strange aeons even death may die” (Lovecraft 1994: 81). Essa característica de eternidade coloca os “Old Ones” como os verdadeiros soberanos deste mundo, por ora adormecidos, mas que voltarão “quando as estrelas estiverem alinhadas”. Em the “The Call of Cthulhu” é possível ler:

They worshipped, so they said, the Great Old Ones who lived ages before there were any men, and who came to the young world out of the sky. These Old Ones were gone now, inside the earth and under the sea; but their dead bodies had told their secrets in dreams to the first man, who formed a cult which had never died. This was that cult, and the prisoners said it had always existed and always would exist, hidden in distant wastes and dark places all over the world until the time when the great priest Cthulhu, from his dark house in the mighty city of R’lyeh under the waters, should rise and bring the earth again beneath his sway. Some day he would call, when the stars were ready, and the secret cult would always be waiting to liberate him (Lovecraft 1994: 78).

Para além de roubar a primazia habitual da Humanidade como peça central, esta concepção, à semelhança das concepções dos referidos filósofos, não se limita a um conceito moral simplesmente assente na ideia dicotómica de Bem / Mal. Os “Old Ones”, assim como o próprio Universo, não são intrinsecamente malévolos. Estes poderão sê-lo apenas na perspectiva da Humanidade e não em absoluto. De facto, a aproximação com a filosofia de Nietzsche torna-se aqui mais evidente ao constatarmos que a ausência de valores absolutos postulada pelo filósofo encontra eco na obra do escritor. Para Nietzsche, a ausência do absoluto estende-se até à própria Ciência, ao colocar em causa a fiabilidade dos sentidos com que o Homem apreende o Mundo, preocupação essa partilhada pelo autor americano. A apreciação do que quer que seja está dependente da avaliação. Tudo advém da vontade que o Homem possui para transformar o mundo em que vive de acordo com os seus interesses. Os conceitos de Bem e Mal, por exemplo, dependem da sua relação com os nossos interesses. Para o filósofo alemão, isto deve-se às características do ser humano, uma criatura que possui aquilo a que chama “Der Wille Zu Macht”. A este respeito afirma:



Quereis primeiro criar um mundo tal que possais adorá-lo de joelhos; é a vossa última esperança, o vosso supremo êxtase. Os não-sábios, todavia, o povo, são semelhantes ao rio por onde avança um barquinho e no barco vão, solenes e disfarçados, os juízos de valor. Pusestes a vossa vontade e os vossos valores no rio do porvir; estas crenças do povo a respeito do bom e do mau revelam uma muito antiga vontade de poder. Fostes vós sábios insignes, que instalastes esses passageiros no barquinho, depois de os terdes enfeitado com adornos e nomes sumptuosos – fostes vós e a vossa vontade dominadora (Nietzsche 2000: 138).

Desta forma, uma outra implicação reside no facto de não poder existir uma verdade objectiva imutável, ainda que se tente alcançá-la exclusivamente pela Ciência, o que, por sua vez, implica que também não haja uma moral absoluta. Para Nietzsche, quer os cientistas, quer os moralistas procuram algo que é impossível alcançar, o absoluto e imutável, factos absolutamente objectivos no caso dos primeiros e morais absolutas e imutáveis no caso dos segundos. Apesar disso, como Mary Warnock em *Existentialism* (1970) aponta, o filósofo alemão concedia que, apesar de os cientistas estarem errados na sua busca pelo Absoluto, os moralistas ainda se encontram mais distantes.

Para Nietzsche os conceitos de Bem e Mal não são inerentes a qualquer objecto e, numa perspectiva elitista, grande parte dos valores são os valores do povo e não do indivíduo. Os moralistas encontrarão paradigmas largamente aplicáveis à grande generalidade da nossa realidade, aliás são esses paradigmas morais que permitem às nossas sociedades funcionar. Aquilo que não podemos esperar é que esses paradigmas funcionem independentemente de qualquer condição e para sempre. Como o filósofo afirma: “Os criadores de valores foram primeiro povos, e só mais tarde indivíduos; na verdade, o indivíduo foi a última criatura a aparecer” (Nietzsche 2000: 75).

A liberdade que esta negação da moralidade absoluta e inerente permite, pode cativar-nos, mas ao mesmo tempo pode aterrorizar-nos, tal como em Lovecraft a perspectiva de um Universo amoral e sem qualquer indício de teleologia nos cativa nas suas infinitas possibilidades e ausência de “amos” a quem dever obediência. Ao mesmo tempo, esta perspectiva assusta-nos, ao relembrar-nos da nossa própria insignificância face à vastidão e poderes que poderão ainda estar ocultos de nós.

Não deixa de ser paradoxal que este questionar de uma moralidade estabelecida, convencional e presente na cosmovisão do escritor em análise e na sua ficção, contraste com uma personalidade tão reconhecidamente conservadora, atraída até pelas convenções sociais do século XVIII em Inglaterra. Esse apego poderá ter a ver com uma atitude romântica e saudosista do autor por um tempo de valores mais autênticos, muito diferentes da sua sociedade industrial, herdeira de um certo racionalismo sem imaginação do século XIX, logo, mais liberto desses valores ancestrais. São frequentes as vezes que Lovecraft advoga uma arte e um modo de vida assentes na tradição, nomeadamente nesta missiva dirigida ao seu amigo e escritor Fritz Leiber:

Aquele que deseja criar deve viver no seio da paisagem que considera verdadeiramente sua, onde as suas raízes

mergulham no passado. Mas a migração para as cidades e os progressos mecânicos arrancam a vida das pessoas à rotina natural santificada pelos actos e pensamentos das gerações sucessivas. As forças e símbolos familiares – as colinas, os bosques, as estações – interferem cada vez menos com a nossa vida quotidiana, tendo sido substituídos por horizontes em tijolo, por ruas sistematicamente varridas e por aquecimentos centrais, e os pequenos carreiros e lugares de antigamente morrem de inanição, à medida que os meios de comunicação transformam toda a paisagem numa só podridão estandardizada (Lovecraft 1991:20).

Semelhante apelo é feito pelo filósofo alemão, demonstrando um apego aos elementos mais primordiais da vida e que caíam em esquecimento. Através da figura de Zarathustra proclama:

Foge, meu amigo, refugia-te na tua solidão! Vejo-te aturdido pelo barulho dos grandes homens e apouquetado pelo agulhão dos pequenos. Os penedos e as florestas saberão calar-se, gravemente, na tua companhia. Assemelha-te de novo à tua árvore querida, a árvore de ampla ramagem, que escuta silenciosa, suspensa sobre o mar. Onde cessa a solidão começa a praça pública: e onde começa a praça pública começa também o ruídos dos grandes actores e o zumbido das moscas venenosas (Nietzsche 2004: 68).

O percurso de vida do escritor norte-americano parece ter-se coadunado com esta posição, uma vez que a vivência de Lovecraft em grandes centros, particularmente em Nova Iorque, foi traumática, reflectindo-se numa escrita mais violentamente crítica das minorias étnicas que já povoavam a grande metrópole. O regresso à “sua” Nova Inglaterra irá restabelecer um equilíbrio emocional no autor, o que resultaria num dos períodos mais fecundos da sua produção escrita.

Na concordância entre Lovecraft e Nietzsche no que à tradição e ao afastamento dos grandes palcos da Humanidade diz respeito, há simultaneamente, uma contradição aparente entre o apego de Lovecraft pela Ciência, o seu interesse pelas novas descobertas científicas e a sua profunda ligação à tradição e aos valores que a compõem, bem como aos devaneios da imaginação inerentes ao modo fantástico. Não seria de estranhar que fosse esta contradição que fizesse Lovecraft olhar para si mesmo como um “pu-

ritano em decadência”. É também esse conservadorismo e a fé na Razão e na Ciência que, apesar de tudo conservava, que o distingue de Nietzsche. Com efeito, o filósofo germânico privilegiava os impulsos dionisiacos em detrimento da contenção e da razão apolínea, embora concedendo a necessidade de um relativo equilíbrio entre ambas as forças, residindo aí, na sua opinião, o segredo do sucesso da civilização grega na Antiguidade Clássica.

Não encontramos em Lovecraft uma defesa exacerbada dos impulsos mais obscuros da mente humana, mas encontramos um profundo desejo de transcender, através da imaginação, as amarras que prendiam o autor à sua difícil realidade, sendo a escrita capaz de produzir sentimentos no autor e no leitor, que se aproximam e, por vezes, se confundem com aqueles que a religião provoca. Também por estes motivos, não é por acaso que irá escolher o “weird tale”, como seu veículo preferencial de expressão. É este o modo que melhor exprimirá o seu universo interior, as suas angústias e a sua cosmovisão. Não teremos problemas de autenticidade na sua escrita, pois a mesma é claramente um reflexo de si mesmo, do seu próprio “Eu”. Lovecraft demonstra honestidade, não percepção um mundo cor-de-rosa e, como tal, também não o reflecte na sua obra.

A autenticidade demonstrada liga-se directamente à perspectiva que o autor tem do “weird tale”: este deve abster-se de providenciar uma leitura moralizante, ou providenciar uma explicação dos acontecimentos que se enquadre na normalidade, tal como podemos encontrar em antecessores como Ann Radcliffe e Charles Brockden Brown.

Como já vimos, partindo do princípio de ausência de uma teleologia, para Lovecraft o homem está sozinho e completamente exposto às forças exteriores. Longe de uma liberdade de acção com um carácter positivo, essa mesma possibilidade surge como uma nuvem negra perante os protagonistas, ao percebermos que, não obstante todo o poder da Ciência e supremacia que a Humanidade julga possuir, as capacidades humanas são insignificantes perante a ameaça exterior.

Não poderemos deixar de estabelecer um paralelo entre a própria vida de Lovecraft e a sua obra. Vindo do ambiente seguro de uma família semi-aristocrática, que iria conhecer um lento e doloroso declínio económico, Lovecraft sentiu na pele a realidade de que as regras e princípios, que regiam uma vida protegida pelo nome e dinheiro, não se aplicavam no mundo competitivo e hostil ao qual foi lançado e para o qual não estava preparado. Não é de admirar que as suas personagens sejam quase sempre pacatos estudiosos da área das letras ou das ciências exactas, claramente evocando o próprio autor. A recorrência da ameaça exterior, na sua ficção, acaba por ser reflexo das frequentes ameaças de um mundo contra o qual não tinha as armas adequadas para lutar. Não será de admirar que escolhesse

como referência estética, política e social o século XVIII inglês, embora esta também fosse uma visão romântica e idealizada dessa época.



Howard Phillips Lovecraft nasceu em Providence, Rhode Island, a 20 de Agosto de 1890. A carreira de Lovecraft como escritor profissional foi largamente comprimida num período de dezasseis anos. Permaneceu virtualmente desconhecido excepto para as pequenas audiências de pulp magazines como a *Weird Tales* onde o seu trabalho foi publicado. Os magros rendimentos da escrita não chegavam para reforçar os rendimentos de uma empobrecida herança, e ele continuou a escrever anonimamente para outros autores. Ao mesmo tempo animou um pouco a sua monótona existência com uma extensa troca de correspondência com outros escritores e leitores de ficção fantástica. Quando uma combinação de cancro e nefrite reclamou a sua vida aos quarenta e seis anos de vida, a perda foi sentida por todos os amigos, muitos conhecendo-o apenas como correspondentes.

Desta forma, podemos ver que, numa perspectiva existencialista, há uma preocupação com a autenticidade da escrita, existindo em Lovecraft uma verdadeira consciência do papel do escritor e da sua condição humana. Uma das suas originalidades reside no facto de que o processo de catarse, que normalmente surge associado à escrita e, particularmente, à escrita gótica, revela não tanto os recantos mais obscuros da mente humana, como é particularmente patente em Poe, mas sim a angústia e precaridade da existência humana face ao Universo indiferente ou hostil. Esse processo catártico poderá exercer aqui uma função de aceitação da condição humana, tal como ela é, insignificante, mesquinha e transitória, mas também mais verdadeira ao aceitarmos-la e tendo consciência da sua real natureza. Esta sua atitude, em relação à existência, seria mantida ao longo de toda a sua vida, inclusivamente nos seus últimos momentos. Numa sua carta, escrita em 1936, responde acerca do que faria se tivesse apenas uma hora de vida. O que nela declara viria a revelar-se profético:

As for the general idea of what one would do if certain of death in an hour – I fancy most persons in normal health tend to sentimentalise and romanticise a bit about it. For my part – as a realist beyond the age of theatricalism and naive beliefs – I feel quite certain that my own known last hour would be spent quite prosaically in writing instructions for the disposition of certain books, manuscripts, heirlooms, and other posses-



sions. Such a task would – in view of the mental stress – take at least an hour – and it would be the most useful thing I could do before dropping off into oblivion. If I *did* finish ahead of time, I’d probably spend the residual minutes getting a last look at something closely associated with my earliest memories – a picture, a library table, an 1895 Farmer’s Almanack, a small music-box I used to play with at 2 ½, or some kindred symbol – completing a psychological circle in a spirit half of humour and half of whimsical sentimentality. Then – nothingness, as before Aug. 20, 1890 (Lovecraft, ed. Joshi 2000b: 339).

Na sua preferência por não colocar o ser humano em nenhum lugar especial face a outros seres ou outras forças da natureza, Lovecraft partilha esta posição com um outro filósofo que profundamente marcou Friedrich Nietzsche. Trata-se de Arthur Schopenhauer. Na sua obra *The World as Will and Representation*, o filósofo irá colocar o ser humano paralelamente a outros seres vivos em muitos aspectos da sua existência, mesmo naqueles que habitualmente consideramos como diferenciadores e que nos colocam num lugar central. Christopher Janaway em *Schopenhauer: A Very Short Introduction* afirma acerca deste aspecto em particular da sua filosofia:

So, despite superficial appearances, Schopenhauer does not simply wish to understand nature in anthropomorphic terms. Although he asks us to interpret the world using concepts applied first to ourselves, the notion of the will to life has the effect of demoting humanity from any special status separate from the rest of nature. First, in our bodies, the same ‘blind’ force operates as throughout nature: we are organized to live and propagate life not by any conscious act of will. Secondly, there is a close continuity between even the conscious, purposive willing of human action and the life-preserving functions and instincts at work elsewhere. In our seeking of mates and providing for offspring, we are driven by the same instincts as other animals. And Schopenhauer sees the human capacities for perception, rationality and actions as an offshoot of the same wider principle which leads insects to build nests, feathers to grow, and cells to divide. In this respect, the will to life can seem quite a forward-looking notion. Another crucial feature is Schopenhauer’s steadfast opposition to anything approaching an external or divine purpose for nature. Even though it is ‘a single will’ which expresses itself throughout the multiplicity of phenomena, this means only that all behaviour is of the same striving or goal-directed kind. All life-forms strive towards life; but there is no coordinated purpose to nature, rather the kind of purposefulness and conflict which are usually associated with Darwinism (Janaway 2002:46).

Mais uma vez, realçamos a “despromoção” da espécie humana como centro de tudo e uma visão da nossa existência como dependente das mesmas condicionantes que afectam as restantes espécies. Existe também em comum a noção de que o principal impulso das nossas vidas reside, não numa intenção ou propósito divino já pré-estabelecido, mas de que este está contido nas miríades

de possibilidades e conflitos que compõem uma visão darwinista do mundo. O fruto do acaso, o jogo das possibilidades, ocupa um lugar destacado na cosmovisão de H. P. Lovecraft, aproximando-o de autores mais contemporâneos como Paul Auster.

Extrapolando para a sua obra, sobretudo o ciclo compreendendo o “Cthulhu Mythos”, não será desta forma, de estranhar que as ténues e temporárias “vitórias” dos protagonistas face aos adversários que ameçam com a destruição da Humanidade sejam, em muitos casos, fruto do acaso e não tanto dos méritos e acções dos anti-heróis utilizados pelo escritor.

Numa perspectiva igualmente darwinista, o conflito de interesses entre seres como os “Old Ones” e a raça humana não será perspectivada como um conflito entre o Bem e o Mal, mas sim um conflito entre duas espécies, uma incommensuravelmente mais poderosa e adaptada do que a outra, sendo quase inevitável que a vitória reverta, mais cedo ou mais tarde, para a mais poderosa. A vitória dos “Old Ones” e a destruição da raça humana seria apenas o resultado do “survival of the fittest”.

Uma vez mais, se recorrermos a Nietzsche, veremos que tal acontecimento não é, em si mesmo, a vitória do Mal. Será apenas Mal na perspectiva avaliadora de quem perde, neste caso concreto, a Humanidade. Esta perspectiva relativista e não absoluta é, pois, partilhada por Lovecraft e constitui, como temos visto, uma das suas características mais interessantes e originais. Pontos de contacto adicionais entre o escritor e Schopenhauer residem ainda no profundo materialismo com que ambos concebiam a percepção da realidade.

Para Schopenhauer, conceitos espirituais não fazem qualquer sentido, nestas explicações. A apreensão da realidade deve-se ao órgão no interior do crânio a que chamamos cérebro. A materialidade deste órgão não pode ser separada do seu conceito de *will to life*, essa força que se sobrepõe a todas as outras.

A ausência de crença na espiritualidade estende-se, na obra do escritor norte-americano, ao carácter material das entidades que ameaçam a Humanidade, embora, lembremo-nos, estas sejam sempre fruto da sua imaginação, pelo que a materialidade destas apenas faça sentido na lógica interna da sua ficção. No seguimento desta lógica interna, tal como correntes filosóficas mais próximas do século XX, as quais rejeitam a espiritualidade, também a obra lovecraftiana irá caracterizar-se pelo seu carácter material.

Não obstante a estranheza e o carácter totalmente alienígena que exibem, todos estes seres são compostos por átomos e são passíveis de uma explicação assente em leis físicas, leis essas que Lovecraft reconhece, com a humildade que faz falta à Ciência, não serem ainda totalmente ou até mesmo incipientemente conhecidas. Talvez até nunca as venhamos a conhecer, pois as limitações do cérebro humano a isso poderão obstar.

Outros pontos de aproximação entre o filósofo e o escritor dizem igualmente respeito à sua atitude menos positi-

va em relação à existência humana. No caso do filósofo, diversos autores consideram-no um pessimista, já no caso de Lovecraft, ele próprio se considera um indiferentista. Seja qual for o caso, quer na obra filosófica do primeiro, quer na obra literária do segundo, o sofrimento ocupa um lugar de primazia, embora o peso do sofrimento pareça ser maior em Schopenhauer do que em Lovecraft. O filósofo chega a afirmar que a não-existência será preferível à existência: “In fact, nothing else can be stated as the aim of our existence except the knowledge that it would be better for us not to exist” (Janaway 2002:110). Schopenhauer defende uma total repressão dos desejos, da busca do prazer, do próprio impulso sexual, que considera dominante, pois os mesmos são encarados como fontes incessantes de sofrimento e dor.

Uma tal concepção, aparentemente intolerável, é defendida por Schopenhauer na perspectiva de que cortando todos os laços que nos ligam ao mundo, todos menos aquele que nos liga à própria existência, será possível uma existência sem dor nem sofrimento. Nessa restrição do sofrimento, a busca pelo conhecimento é também de evitar, pois é também, ela própria, um desejo. Dado que Schopenhauer considera cada desejo como um elo numa cadeia interminável de insatisfação, a resposta a uma pergunta ou questão científica só levará a mais perguntas, ou seja, a mais desejos. Cada resposta, cada anseio por conhecimento levará inevitavelmente a mais sofrimento.

É interessante verificar as semelhanças que esta lógica possui em comum com os acontecimentos habituais na Literatura Gótica, particularmente com aquilo que poderíamos chamar a “busca de conhecimento proibido”. Não precisaremos de muitos exemplos para recordarmos o que acontece às personagens lovecraftianas e aquelas pertencentes ao Gótico em geral, quando estas pretendem conhecimentos para além daquilo que deviam. Um exemplo que poderemos considerar clássico dentre os contos de Lovecraft é o sofrimento obtido por todos aqueles que buscam conhecimento através do *Necronomicon*.

No que toca às formas para evitar o sofrimento, o filósofo considera que o caminho da estética, apesar de ser uma forma de serena e tranquilamente se contemplar o Belo, não é uma forma de chegar à anulação da vontade. Quer Lovecraft, quer o filósofo partilhavam da ideia de que a Arte é mitigadora de muito do sofrimento existencial, podendo até conferir um sentido para a vida. Schopenhauer admite que a contemplação estética pode subtrair o Homem à cadeia contínua das necessidades e desejos. Contudo, mesmo esta via não é absolutamente satisfatória, pois tal como uma esmola que alivia o sofrimento de um mendigo, esta apenas adia e prolonga o seu sofrimento para o dia seguinte.

Para Schopenhauer todas as artes são libertadoras, derivando o seu prazer da cessação da dor de necessidade que oferecem. Contudo, a arte, tal como o ópio, não redime o Homem da vida, fá-lo apenas por breves instantes, não sendo um caminho para a libertação da vida que o filósofo defendia. Muito resumidamente, Schopenhauer aponta como forma de alcançar essa negação uma vida em que os valores da justiça e da filantropia se elevam em relação aos outros. Desta forma, os impulsos e a vontade deixam de ser o mais importante. Outra forma de alcançar esse estado de libertação é bastante mais árdua. Essa segunda via consiste numa vida permeada de constante sofrimento, que fará quebrar a vontade de viver e os desejos renunciados, alcançando uma paz imperturbável.

Como referido atrás, Lovecraft não se afirma como um pessimista, mas sim como um indiferentista, sendo este um factor diferenciador nas suas concepções de existência. Não fosse Lovecraft um artista e não ocuparia a estética um lugar importante no seu pensamento e modo de se relacionar com o mundo à sua volta. O peso da estética acaba mesmo por constituir um elemento fundamental da sua ética:

About my own attitude toward ethics – I thought I made it plain that I object only to (a) grotesquely disproportionate indignations and enthusiasms, (b) illogical extremes involving a *reductio ad absurdum*, and (c) the nonsensical notion that “right” and “wrong” involve any principles more mystical and universal than those of immediate expediency (with the individual’s comfort as a criterion) on the one hand, and those of aesthetic harmony and symmetry (with the individual’s emotional-imaginative pleasure as a criterion) on the other hand. I believe I was careful to specify that I do not advocate vice and crime, but that on the other hand I have a marked distaste for immoral and unlawful acts which contravene the harmonious traditions and standards of beautiful living developed by a culture during its long history. This, however, is not *ethics but aesthetics* – a distinction which you are almost alone in considering negligible (Lovecraft, ed. Joshi 2000b: 226).

Prosseguindo nas diferenças e semelhanças entre Schopenhauer e Lovecraft, essenciais no caso do escritor para a compreensão da sua noção de terror cósmico, vejamos o que os separa no facto de o primeiro ser um pessimista e o segundo um indiferentista. Interessantemente, o facto de, para Lovecraft, o Universo ser governado essencialmente por probabilidades, acaso e leis físicas que se aplicam na generalidade da realidade por nós percebida, faz com que o sofrimento seja menos central no seu pensamento:

The indifferentist laughs as much at irresponsible calamity-howlers and temperamental melancholiacs as he does at smirking idealists and unctuous woodrowilsonsians. For example – nothing makes me more amused than the hypersensitive people who consider life as essentially an *agony* instead of merely a cursed bore, punctuated by occasional agony and still rarer pleasure. Life is rather depressing because pain and ennui outweigh pleasure; but the pleasure exists, none the less, and can be enjoyed now and then while it lasts. And too – many can build up a crustacean insensitiveness against the subtler forms of pain, so that many lucky individuals have their pain-quota measurably reduced. Uniform melancholy is as illogical as uniform cheer (Idem: 230-231).

Não seria possível terminar este breve capítulo referente ao existencialismo e à possibilidade de detectar os seus pontos de contacto na obra lovecraftiana, sem falarmos de um dos seus expoentes, o filósofo que assumiu inteiramente o termo “existencialismo”, marcando toda uma geração no século XX.

Trata-se do filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre, nome que nos dispensa de referências ao seu percurso de vida. Diremos, contudo, que Lovecraft e Sartre nunca se

terão cruzado, biográfica ou literariamente, apesar da avidez e amplitude de leitura que Sartre possuía. Não obstante esse facto, o conjunto de relações possíveis de estabelecer entre o pensamento de Sartre e a escrita de Lovecraft afigura-se-nos suficiente para tentarmos estabelecer algumas ligações entre uma linha de pensamento filosófico fundamental e emblemática do século XX, particularmente para as gerações herdeiras da 1ª e 2ª Guerras Mundiais e para determinadas concepções professadas pelo escritor americano.

As mesmas poderão ser consideradas sintomáticas de uma era que fez coincidir de maneira aguda o descrédito na religião, os avanços na Ciência e os dois maiores conflitos bélicos na história da Humanidade. Tudo isto justifica a propensão para perceber a vida como algo de profundamente absurdo. O existencialismo, consolidado por Sartre, acaba, de facto, por constituir uma corrente filosófica profundamente ligada a um clima cultural que se caracterizava pela negação de qualquer optimismo ainda oriundo do Iluminismo e da sua fé nos valores absolutos da Razão. Havia até então uma fé mais generalizada num princípio infinito que regeria o Mundo e o próprio Homem, garantindo um progresso e sucesso infalíveis da nossa civilização. O próprio Mundo era, assim por dizer, posto à nossa disposição para que livre, e irresponsavelmente, nos servissemos dele. Essas noções não sobreviveriam às convulsões do século XX, esmagadas na brutalidade dos bombardeamentos e enterradas na lama das trincheiras da 1ª Grande Guerra. Como temos vindo a verificar ao longo deste capítulo, o existencialismo apoia-se em grande medida na consideração do Homem como um ser finito, uma criatura limitada nas suas capacidades, e lançado para um mundo indiferente e até hostil.

O Homem, assim sozinho, terá de, contra todas as probabilidades, tentar manter uma luta incessante em situações, que, não obstante todo o seu empenho, poderão levá-lo ao fracasso. Nem só em Lovecraft, que pareceu antecipar futuras sensibilidades existencialistas de perceber o mundo, podemos pressentir hipóteses de ligação ao existencialismo. É conhecido o vasto número de obras literárias, onde resultam evidentes temas ligados a esta corrente filosófica. Na lista dos seus autores figuram nomes de primeira instância, como Dostoiévsky, Camus ou Kafka, entre outros, que sempre deram atenção a temáticas onde a expressão da condição humana ficou profundamente gravada.

De entre os vários temas recorrentes nessas obras, destacam-se: a liberdade e a sua perda; a responsabilidade do Homem pelas suas acções; a desumanização através da insignificância e da banalidade quotidiana; uma existência ameaçada permanentemente sob o peso de uma condenação iminente e de uma ameaça incerta e desconhecida, embora inevitável.

Descrito desta forma, são bastante evidentes as semelhanças com o terror cósmico lovecraftiano, embora no caso particular de Kafka essa ominosidade se abata de uma forma mais evidente sobre o indivíduo e seja expressa através de uma forma literária menos directamente conotada com o género gótico.

O tema da ambiguidade do Bem e do Mal, tão presente em Lovecraft, está, igualmente, presente em obras existencialistas, das quais *Pour Une Morale de L'Ambiguïté*

(1947) de Simone de Beauvoir constitui um exemplo. Todas estas temáticas seriam ainda mais aprofundadas após a 2ª Grande Guerra (a qual Lovecraft felizmente não chegaria a conhecer). Após este conflito, o existencialismo viria a constituir um fenómeno heterogéneo de protesto contra os valores tradicionais da sociedade. Poderemos, com efeito, chamar-lhe um “fenómeno heterogéneo” na medida em que sob o mesmo nome cresceram diversas correntes que divergiram umas das outras, embora mediante o esforço de Sartre, se tenha procedido a uma reconstrução filosófica e a uma revisão dos instrumentos conceptuais.

Em relação às correntes divergentes, a obra *História da Filosofia* de Nicola Abbagnano refere o seguinte:

O existencialismo desenvolveu-se como uma metafísica ontológica, por um lado, como espiritualismo radical, por outro, e ainda como forma de empirismo igualmente radical para o qual a experiência, entendida como existência, perdeu o seu carácter de inclusividade total e se transformou em abertura para o Mundo. Em algumas destas tendências pode-se encontrar, mais ou menos total, a uma situação pré-existencialista e a uma recuperação de teses românticas. Noutras pode-se notar a evolução para uma filosofia que projecta, sem optimismo e sem desespero, uma forma mais racional da existência humana (Abbagnano 2001: 47-48).

Poderemos dizer que, no caso de Lovecraft, a sua obra e o seu próprio pensamento se inclinam fortemente para esta última perspectiva. Na sua obra, perante acontecimentos que os protagonistas são incapazes de controlar, ou em que as suas possibilidades são limitadas, o optimismo não tem lugar, ao mesmo tempo que podemos assistir a uma aceitação das limitações humanas face a acontecimentos e entidades que nos ultrapassam largamente, possibilitando, apesar de tudo, a capacidade para continuar a viver, embora esvaziados de grande parte das certezas e aspirações erradamente fomentadas.

Voltando um pouco atrás, mais concretamente à citação de Lovecraft, na qual este refere a importância dos costumes e tradições e no modo como estes se relacionam com os seus conceitos de estética, poderemos afirmar que, do ponto de vista de Sartre, ao aceitar o valor da tradição, Lovecraft estaria a incorrer naquilo a que o filósofo chama um processo de “má-fé”, deixando que a mesma limitasse, de alguma forma, todas as possibilidades que se lhe apresentam. Parece haver aqui uma aparente contradição entre a concepção cosmológica de Lovecraft, a qual despe a vida humana de qualquer significado, retirando o Homem de qualquer lugar central face ao Universo, e entre o valor que confere à tradição e aos costumes. Para Sartre, todos os actos e acções, incluindo tradições e costumes, detêm o mesmo valor, são equivalentes. Não há um valor intrínseco numa acção em particular que a leve a ser melhor ou pior. A valorização é feita através da escolha do indivíduo, que ao efectuar a escolha irá valorizá-la. Por “má-fé” poderemos igualmente entender o abraçar de uma religião ou a fé na Ciência como forma de confe-

rir sentido à vida. Sartre afirma em *O Existencialismo é um Humanismo*:

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem não é apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele se faz (Sartre 1962:182).

Lovecraft achava a ideia de religião ridícula, mas olhava para a Ciência como uma forma muito mais plausível de explicar a nossa existência. Perante as quase ilimitadas e, por isso, assustadoras possibilidades de escolha nas nossas vidas, Sartre defende que devemos ter uma visão clara e sermos conscientes ao fazê-las, aceitando depois o que daí resultar. Nos contos de Lovecraft, os protagonistas muitas vezes confrontam-se com situações em que as possibilidades de escolha não são assim tão grandes, constituindo uma forma de sublinhar a insignificância e impotência humana, mas existem escolhas que ainda podem ser feitas, assemelhando-se às reduzidas alternativas que um prisioneiro ou alguém com uma doença grave tem.

Apesar da limitação de possibilidades e de escolhas, os protagonistas das obras do escritor norte-americano resignam-se às consequências resultantes das suas escolhas, demonstrando nesse estoicismo uma certa autenticidade. Esta atitude, na literatura, faz eco com o próprio percurso de vida de Lovecraft. As suas personagens são, em grande medida, similares às personagens das obras de Sartre. Nestas, um assassino, como no conto “Erostratus”, compilado em *Le Mur* (1939), ou um simples historiador como em *La Nausée* (1938), por exemplo, são muitas vezes representadas como heróis trágicos apanhados numa situação da qual não sabem como escapar. As mesmas percebem o que está a acontecer e são responsáveis pelas suas acções, mas sentem-se sem alternativas, sem outro caminho senão aquele que estão a trilhar. Não podemos deixar de notar

as semelhanças evidentes com os dilemas e circunstâncias colocados às personagens da ficção gótica. Nos seus percursos as personagens conseguem algo que poderíamos, de certa forma, considerar existencialista, o confronto com a autenticidade resultante do “rasgar de véus”, o contacto com a verdadeira realidade, com a verdadeira dimensão das suas existências, libertados e, por isso aterrorizados, pela consciência das ilusões quotidianas com as quais prosseguiriam uma existência banal.

Concluiremos este capítulo com a convicção de que existe uma verdadeira dimensão existencialista na obra lovecraftiana, não havendo por parte do autor uma tentativa de escamotear a dimensão trágica da existência, nem pretendendo adocicá-la através da convicção de uma qualquer centralidade da existência humana. Lovecraft toma como missão a incorporação destes princípios na sua ficção, defendendo mesmo uma primazia destes na “weird fiction”. O escritor americano dá conta, de uma forma resumida, de alguns desses princípios fundamentais numa carta pessoal ao primeiro editor da *Weird Tales*, Edwin Baird, criticando a convencionalidade da maior parte dos autores dedicados ao Gótico:

Popular authors do not and apparently cannot appreciate the fact that true art is obtainable only by rejecting normality and conventionality in toto, and approaching a theme purged utterly of any usual or preconceived point of view. (...) Good and evil, teleological illusion, sugary sentiment, anthropocentric psychology – the usual superficial stock in trade, and all shot through with the eternal and inescapable commonplace. Take a werewolf story, for instance – who ever wrote a story from the point of view of the wolf, and sympathising strongly with the devil to whom he has sold himself? Who ever wrote a story from the point of view that man is a blemish on the cosmos, who ought to be eradicated? (Lovecraft, ed. Joshi 2000b: 121).

Assumindo uma posição ainda mais extrema do que em outras ocasiões, Lovecraft defende uma atitude em relação ao escritor de “weird fiction”, que se assemelha a algumas posições contemporâneas perante a vida, capazes de serem traçadas até uma visão existencialista da mesma:

Only a cynic can create horror – for behind every masterpiece of the sort must reside a driving daemonic force that despises the human race and its illusions, and longs to pull them to pieces and mock them (idem: 122). BANG!



José Carlos Gil nasceu em 1975 na República Federal da Alemanha. Desde os seis anos de idade que vive no Baixo Alentejo e há onze que exerce a profissão de professor de 3º ciclo e secundário. Terminou recentemente o Curso de Mestrado em Criações Literárias Contemporâneas variante de Literatura Norte – Americana Contemporânea.

LIVROS MÍTICOS OU A BIBLIOTECA (QUASE) INVISÍVEL

POR ANTÓNIO DE MACEDO

*Quando arranjo dinheiro compro livros.
Se me sobra algum, compro comida.*
ERASMO DE ROTERDÃO

Se há mistério que exerça um fascínio irresistível é o de existirem livros, tremenda invenção, para não dizer alucinação, de um improvável antepassado nosso que mercê de algum nebuloso trauma criou esse efficacíssimo meio de subverter a memória. Ou pelo menos deformá-la ao ponto de ter de assumir outros nomes, desde *investigação histórica* a *ficções*, passando por *ensaio científico* e por outras tantas fórmulas tão astuciosas quão sugestivamente enganadoras. Mistério maior que aquele, porém, é o de *existirem* livros que *não existem*, e chegado a este ponto importa advertir-vos que o título supra, «livros míticos», talvez não transmita com justeza o que pretendo aqui alinhar. Essa expressão sugere referência a mitos, ou então a livros que se tornaram «míticos» por esta ou aquela razão, mas eu estimaria ir um pouco mais longe: alguns dos livros de que vou falar-vos não existem de todo em todo, outros existem mas são misteriosos e indecifráveis, outros ainda... mas não antecipemos.



Página do *Necronomicon*, com apropriadas manchas de sangue...

A tentação de inventar livros que não existem é de todos os tempos, citemos ao acaso alguns dos milhentos autores que se divertiram a inventar livros fictícios, H. P. Lovecraft e o seu intolerável e citadíssimo *Necronomicon*, Umberto Eco que em *O Nome da Rosa* (1980) «descobriu» o perdido se-

gundo volume da *Poética* de Aristóteles, George MacDonald, Nelson S. Bond, Fritz Leiber, Kate Atkinson, Poul Anderson, Kenneth Bulmer, Michael Ende, James Branch Cabell, Neil Gaiman, Terry Pratchett, Caitlin R. Kiernan, Tom De Haven, Joanne K. Rowling... enfim, um nunca mais acabar de autores que criaram livros quiméricos com citações, com índices, com resumos dos conteúdos, com pormenores de edição, e até, como Jorge Luis Borges, mestre exímio dessas tropelias, misturando referências de livros verdadeiros com livros imaginários para ser maior a indestrinça entre o real e o virtual — de Borges, então, deixam-me perfeitamente magnetizado delírios como *La Biblioteca de Babel*, *El libro de arena*, *Examen de la obra de Herbert Quain*, *Del libro de las 1001 noches*, *Tlön, Uqbar, Orbis tertius*, *El acercamiento a Almotásim*, *Pierre Menard autor del Quijote*, etc., etc., e não posso seguir adiante sem citar os alucinatórios volumes da *Biblioteca* (2002) de Zoran Zivkovic, e até filmes contendo livros ora maliciosos ora imprevisíveis (nalguns casos, mesmo, condenáveis), como os livros perigosamente comportamentais d'*A Família Addams* (*The Addams Family*, 1991) de Barry Sonnenfeld, ou os supermágicos *Livros de Próspero* (*Prospero's Books*, 1991) de Peter Greenaway, ou ainda os tantíssimos volumes satânicos que povoam o universo audiovisual, como o diabólico livro seiscentista d'*A Nona Porta* (*The Ninth Gate*, 1999) de Roman Polanski, inspirado no recomplexo romance *El club Dumas* (1993) de Arturo Pérez-Reverte.

Já agora terei de confessar, contrito, o indecoroso pecado de eu mesmo, com os meus modestos recursos, tão-pouco ter sido imune à lúgubre tentação de inventar livros dentro de livros, neste caso dentro de algumas das minhas ficções, e com bibliotecas e tudo — uma delas, de dimensões pouco mais ou menos infinitas, até ostentava a impenetrável tabuleta **B.D.T.L.Q.N.E.** (isto é, **B**iblioteca **D**e **T**odos os **L**ivros **Q**ue **N**ão **E**xistem, mirífica biblioteca que seria o áureo sonho de qualquer bibliómano), e que precipitadamente me limitei a compartimentar em duas secções:

(1) A secção dos livros que não existem porque foram destruídos (por exemplo, os 700.000 manuscritos da famosa biblioteca de Alexandria — e que aparecem, como milhões de outros, miraculosamente recuperados na tal B.D.T.L.Q.N.E.);

(2) A secção dos livros que não existem porque nunca chegaram a ser escritos.

Escusado será dizer que esta última contém os livros mais geniais de sempre. Mas faltava — pelo menos! — uma terceira secção, que na minha precipitação, para não dizer ingenuidade, não me ocorreu contemplar. Descobri-o mais tarde num encontro casual com a escritora Rita Ferro, por

ocasião do lançamento do livro de um amigo comum. No final, por altura do beberete próprio desses eventos, e enquanto cavaqueávamos num pequeno grupo de outros literatos nossos conhecidos, a conversa resvalou naturalmente para o escritor e pensador António Quadros, pai de Rita e meu amigo de longa data (que me lembre, desde 1957), e que tinha morrido algum tempo antes, em 1993. Aproveitei para manifestar a minha pena pelo facto de António Quadros não ter chegado a escrever e publicar o terceiro volume da sua obra *Portugal Razão e Mistério*, cujos dois primeiros tomos, abordando o Portugal Arquétipo, passando pelo País Templário, até ao Projecto Áureo ou Império do Espírito Santo, tinham saído de rajada em 1986 e 1987, enquanto o terceiro, que prometia tratar de coisas tão palpitantes como o Mito do V Império, a Dialéctica da Portugalidade ou ainda o enigma do Portugal Encoberto, tardava em vir a lume. Por mais de uma vez perguntei a António Quadros: quando tencionava publicar o ansiosamente aguardado terceiro volume? — mas ele sempre se mostrou evasivo até que a inesperada morte em 1993 frustrou todas as expectativas. Quando a conversa aqui chegou, Rita Ferro decidiu confidenciar-nos o seguinte: também ela, em diversas ocasiões, perguntara ao pai pelo misterioso terceiro volume — estranha demora, porque entretanto ele não deixara de publicar outros livros —, ao que finalmente ele respondeu, quase em segredo:

— Minha filha, nunca ouviste falar em livros que não querem ser escritos? Este é um deles.

Foi então que percebi qual era a secção que faltava na minha imaginária biblioteca:

(3) A secção dos livros que não existem porque *não querem* ser escritos.

Aterradora perspectiva! Os livros pregam-nos cada partida... O astuto Umberto Eco já havia chamado a atenção para o pormenor inquietante de os livros comunicarem misteriosamente uns com os outros, «os livros falam sempre de outros livros, e qualquer história conta uma história já contada».¹ Mas mais esquisito do que os livros dialogarem entre si, sussurrando sem descanso no silêncio das prateleiras das bibliotecas e citando-se reciprocamente *ad infinitum*, como em todas as obras eruditas com abundantíssimas notas de rodapé remetendo dialogalmente para outras tantas obras, é o facto de haver livros com vontade própria que chegam ao descaramento de não existirem por não quererem ser escritos...

Quanto a mim, porém, mais grave que tudo isto é a circunstância de haver livros que *existem* mas *não querem ser lidos*!!

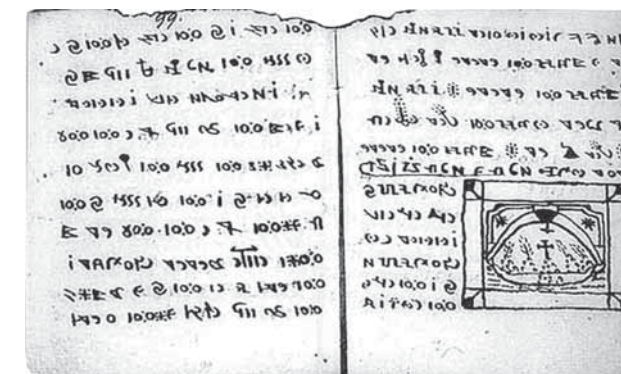
Comecemos por referir um exemplo que veio a lume no séc. XIX. O príncipe húngaro Gusztáv Batthyány (1803-1883) emigrou muito jovem para Inglaterra onde se tornou um conhecido criador e treinador de cavalos, tendo conseguido que alguns dos seus exemplares fossem campeões na Grã-Bretanha e na Irlanda durante vários anos seguidos. Entretanto, e em paralelo, Batthyány manteve na Hungria uma activa participação política no movimento nacional Magiar, chegando a ser membro do Ministério Húngaro Constitucional de 1848. Antes disso, porém, em 1838, já havia oferecido à Academia Húngara de Ciências a sua preciosa biblioteca pessoal, completa, que se conservava na cidade (então) húngara de Rohoncz, e que actualmente faz parte da Áustria com o nome Rechnitz.

¹ Umberto Eco, Porquê «O Nome da Rosa»? [Postile a «Il Nome della Rosa», 1984], Lisboa: Difel, 1984; pp. 20-21.

E aqui começam os sarilhos! É que entre as preciosidades bibliófilas da livraria de Batthyány encontrava-se um denso códice de 448 páginas manuscritas em formato aproximado de 12cm x 10cm, de proveniência desconhecida, que ficou catalogado com a cota K 114 sob o nome *Codex Rohoncz* — ignora-se o seu verdadeiro nome, que talvez nunca venha a ser revelado, e, pior!, todas as 448 páginas, excepto as que apenas contêm misteriosos pictogramas (cerca de 87), estão grafadas num alfabeto desconhecido e numa língua ainda mais desconhecida, escrita da direita para a esquerda como o árabe ou o hebraico, alfabeto e língua que têm desafiado os cérebros mais científicos, mais argutos e mais treinados em decodificar cifras e códigos impenetráveis. Desde 1840 até finais do séc. XIX diversos especialistas estudaram o códice, os eruditos húngaros Ferenc Toldy e Pál Hunfalvy, o paleógrafo austríaco Dr. Mahl, os professores Josef Jirecek e Konstantin Jirecek da Universidade de Praga, o investigador alemão Bernhard Jülg da Universidade de Innsbruck, e outros... Todos eles esquadrinharam o códice sem chegar a nenhuma conclusão.



Codex Rohoncz: págs. 51 e 51-A, com uma presumível imagem de Cristo crucificado



Codex Rohoncz: págs. 99 e 99-A.

A partir de princípios do séc. XX os académicos e peritos húngaros assentaram, como hipótese mais provável, que se trataria de uma fraude forjada por um antiquário oriundo da Transilvânia (não andaré por aqui a garra vampírica de Drácula?), Sámuel L. Nemes (1796-1842), conhecido autor de famigeradas falsificações de manuscritos e livros raros que chegaram a enganar os mais reputados especialistas da época. Nos anos '70 do séc. XX ainda havia autores que admitiam tal possibilidade, mas outros indícios vieram contrariar essa conclusão cómoda: o estudo pericial do papel apontou para um tipo de papel de fabrico veneziano do séc. XVI, conquanto possa ser cópia de um original mais antigo,

talvez do séc. XI ou XII, além de que o exame dos caracteres parece sugerir uma antiga variante do alfabeto dácio numa escrita semelhante ao proto-romeno.

Nos anos ’90 os estudiosos Ottó Gyürk e Miklós Locsmándy empenharam-se em intensas pesquisas com base numa grande quantidade de dados estatísticos e análises computadorizadas do texto, concluindo (inconclusivamente) que, por um lado, a língua não é aparentada ao húngaro, e por outro, que não se trata de uma fraude em face das típicas regularidades próprias de uma linguagem articulada. Quem souber húngaro, queira ter a bondade de consultar o livro que Locsmándy publicou em 2005, *A Rohonci Kódex: egy rejtélyes középkori írás megfejtési kísérlete*. (Parece que a tradução disto é: «O Códice Rohonczi: uma tentativa para decifrar um misterioso manuscrito medieval». Como não sei húngaro, ficarei comovidamente penhorado ao caridoso leitor que me resuma o que lá se contém).

De permeio com tudo isto, e após mais umas rocambolescas peripécias eruditas, uma universitária romena, Viorica Enâchiuc, que desde 1982 se dedicara a estudar o códice, declarou que conseguira finalmente traduzi-lo e publicou essa sua tradução em 2002, realçando as semelhanças entre certos grafismos do manuscrito e os grafismos utilizados pelos Dácios e por uma cultura que floresceu em torno do Danúbio por volta de 1500 a.C. Nem todos porém se deixaram convencer e a polémica que já vinha de trás recrudescceu, pois se há eruditos que apoiam a tradução de Viorica como o professor N. Sâvescu, director da Universidade de Arqueologia, outros não menos qualificados consideram a tradução falsa, observando que nada permite associar os caracteres do *Codex Rohonczi* a qualquer alfabeto conhecido, mesmo a antigos alfabetos entretanto desaparecidos, chegando ao ponto de afirmar que se trata de uma escrita aleatória desprovida de qualquer significado, enquanto outros, ainda, vão mais longe e julgam detectar todos os traços de uma escrita automática mediúmnica...

E ainda há quem se queixe das inofensivas invenções da FC&F!

E enquanto ficamos nisto, aguardando que algum génio em criptologia nos dê enfim a ler este livro que existe mas não quer ser lido, saltemos para um outro talvez ainda mais inquietante do que o *Codex Rohonczi* — estou a referir-me a um dos mais debatidos e investigados «divros malditos» de sempre: o *Manuscrito Voynich*, documento que deve o seu nome ao antiquário e bibliófilo Wilfrid M. Voynich (1865-1930), um anglo-americano de origem polaca que o adquiriu em 1912.

A história deste livro misterioso (mais um dos tais que **não querem** ser lidos, nem a tiro de bazuka!) tem sido contada e recontada muitas vezes, com imprevistas variantes, e quem estiver interessado pode entreter-se a folhear os seguintes compêndios onde o apetite do ávido leitor poderá ser (quase) satisfeito: Robert S. Brumbaugh, *The Most Mysterious Manuscript: The Voynich ‘Roger Bacon’ Cipher Manuscript* (1978); Leo Levitov, *Solution of the Voynich Manuscript* (1987); Gerry Kennedy & Rob Churchill, *The Voynich Ma-*

nuscript: The Mysterious Code That Has Defied Interpretation for Centuries (2005); Nick Pelling, *The Curse of the Voynich: The Secret History of the World’s Most Mysterious Manuscript* (2006); Lawrence Goldstone & Nancy Goldstone, *The Friar and the Cipher: Roger Bacon and the Unsolved Mystery of the Most Unusual Manuscript in the World* (2006); etc., etc.²

Diga-se desde já, e para evitar *suspenses* desnecessários, que após inúmeras investigações de reputados especialistas o livro permanece um mistério e ainda hoje se ignora quem teria sido o seu autor, qual o tipo de escrita e em que linguagem estará redigido. Actualmente o volume encontra-se depositado com a cota MS 408 na Beinecke Rare Book and Manuscript Library, da Universidade de Yale (New Haven, EUA), a maior biblioteca do mundo especializada na conservação e preservação de raridades bibliográficas. É um livro de 234 páginas com o formato aproximado de 23cm x 15cm, sem capa, escrito com uma pena de ganso sobre «velino», ou seja, pergaminho virgem de alta qualidade obtido a partir da pele de vitelos mortos no ventre materno. Faltam-lhe 42 páginas, que não se sabe quando se perderam. Devido a alguns aspectos obscuros que rodeiam as circunstâncias do seu (ainda) inexplicável aparecimento e do seu percurso, com contornos que prenunciam a succulenta teoria da conspiração, aqui deixo ao curioso leitor algumas (magras) pistas.



Manuscrito Voynich: exemplo de uma página com escrita desconhecida.

² Até há pouco tempo, estes e outros títulos congêneres podiam ser encontrados na Amazon.com.



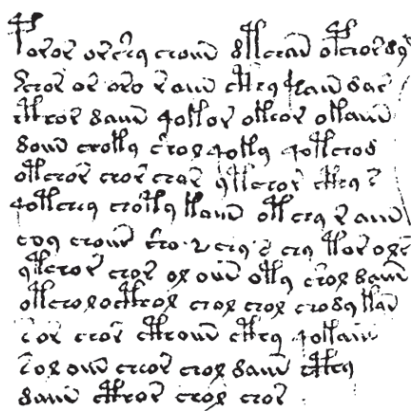
Manuscrito Voynich: folio 75-reto. Secção biológica: nesta secção são abundantes as ilustrações de mulheres nuas banhando-se.

O prof. de Matemática e de Informática Gordon Rugg (Universidade de Keel, Inglaterra), num artigo publicado em 2004, após descrever exaustivamente os métodos utilizados para decifrar o documento, adianta os seguintes esclarecimentos:

«Uma análise estatística do texto revela uma grande regularidade. As palavras mais utilizadas aparecem com frequência mais de uma vez numa linha, e o texto apresenta uma percentagem de repetições que não tem equivalente em nenhuma língua conhecida. Por outro lado o “voynich”³ contém pouquíssimas frases em que mais de três palavras diferentes apareçam juntas. Estas características tornam duvidoso que o “voynich” seja uma linguagem humana: é demasiado diferente de todas as outras línguas. Outra possibilidade é considerar que o manuscrito não passa de um ludíbrio e de uma fraude, ou da elucubração de algum alucinado erudito. Mas a sua complexidade linguística parece contrariar esta última teoria. [...] O *Manuscrito Voynich* não parece ser um texto em código, nem uma linguagem desconhecida, nem uma produção aleatória. Então, o que é? Para sair deste impasse, a minha colega Joanne Hyde e eu próprio reexaminámos todas as pistas. A conclusão de que as características do “voynich” são incompatíveis com qualquer linguagem humana baseia-se numa peritagem pertinente e sólida. A impotência dos melhores criptoanalistas perante o texto torna pouco provável a existência duma mensagem oculta. Resta a hipótese da mistificação, rejeitada pela maior parte dos estudiosos por considerarem que o *Manuscrito Voynich* é demasiadamente complexo para ser falso».⁴

³ “Voynich”: nome convencionalmente atribuído à suposta língua em que teria sido redigido o documento.

⁴ Gordon Rugg, “The Voynich Manuscript: An Elegant Hoax?” in: *Cryptologia*, vol. 28, n.º 1, Jan. 2004.



Pormenor de uma amostra da escrita do Manuscrito Voynich.

Outros investigadores, invocando a Lei de Zipf⁵ e observando que o texto está de acordo com esta lei, concluem que se trata de uma linguagem concreta (humana ou não-humana), uma vez que seria pouco plausível que um falsificador do séc. XV ou XVI⁶ conhecesse uma lei da linguística que só seria formulada vários séculos depois.

Em suma, e quanto a mim, não hesito: se não é linguagem humana, ou é trapaça ou de proveniência extraterrestre. Obviamente prefiro esta última alternativa, que melhor se encaixa nos acarinháveis devaneios da FC&F!

Apesar de os diversos relatos serem por vezes discordantes, tentemos traçar um pouco da retro-história do manuscrito. A actual proprietária, a Beinecke Rare Book and Manuscript Library, obteve-o por oferta graciosa de Hans P. Kraus (1907-1988), um conhecido comerciante de livros raros que decidiu doá-lo à Beinecke em 1969 porque não havia maneira de conseguir vendê-lo desde 1961, quando o adquirira a uma amiga da viúva de Wilfrid Voynich. Este, que falecera em 1930, legara os seus bens à esposa, Ethel Lilian Voynich, que ao falecer por sua vez em 1960 deixara o manuscrito à sua amiga íntima Anne Nill — a qual o vendeu em 1961, como dissemos, ao livreiro Hans P. Kraus. Voynich, por sua vez, comprara o manuscrito em 1912 ao Colégio Romano, que mantinha no palácio de Villa Mondragone, perto de Roma, a biblioteca pessoal de um antigo Superior-Geral da Companhia de Jesus, o Reverendo Peter Jan Beckx (1795-1887). Os 200 anos anteriores a esta posse são confusos e cheios de lapsos, sabe-se que o sábio jesuíta Athanasius Kircher (1601-1680), orientalista e grafólogo, terá tido o *Manuscrito Voynich* na sua posse desde 1666, sabendo-se igualmente, por umas cartas encontradas, que antes disso o manuscrito fora comprado por Rudolfo II de Habsburgo (1552-1612), imperador do Sacro Império e rei da Boémia e da Hungria, que pagou por ele a quantia de 600 ducados de ouro convencido que o autor do manuscrito seria Roger Bacon (1214-1294). Finalmente, parece haver dois candidatos ao título de proprietário mais antigo do manuscrito: o alquimista Georg Baresch, que vivia em Praga no séc. XVII, e o misterioso sábio isabelino John Dee (1527-1609).

O prof. Gordon Rugg, que citei mais atrás, perfilha esta última hipótese, com a qual me inclino a concordar. Se havia

⁵ Lei de Zipf: — Em todas as línguas conhecidas o comprimento das palavras é inversamente proporcional à sua frequência de aparecimento, ou seja, quanto mais vezes aparece uma palavra num idioma, mais curta é

⁶ O máximo que se conseguiu apurar, pericialmente, é que o documento Voynich teria sido escrito entre 1450 e 1520.

alguém no mundo capaz de possuir esse manuscrito e de tentar decifrá-lo, seria sem dúvida o profundo erudito John Dee, matemático, astrólogo, criptógrafo e mágico, que ainda por cima tem sobre os restantes candidatos a vantagem de ter mantido longas e sugestivas conversações com seres supratereestres (anjos?) numa linguagem alegadamente celeste, a *Língua Enochiana*. O conhecido autor americano de FC&F, Lin Carter (1930-1988), declarou que John Dee seria o único capaz de traduzir o *Necronomicon*, caso este livro realmente existisse, e não esteve com meias medidas: após ter «descoberto» essa tradução de Dee — publicou-a na íntegra! (Não me surpreende, Lin Carter era capaz de tudo, até escreveu coisas com o tortuoso pseudónimo H. P. Lowcraft...) ⁷

Tenho alguns dos livros escritos por John Dee, três dos quais em edições fac-similadas das edições do séc. XVI, e um dia talvez escreva um artigo totalmente dedicado a este extraordinário personagem, que bem merece. Uma das suas obras, sobretudo, promete conhecimentos supranaturais a quem souber interpretá-la; foi editada em Londres em 1564 e intitula-se *Monas hieroglyphica: Mathematica, Magice, Cabalistice, Anagogiceque, explicata* [«A Mónada Hieroglífica: Explicada Matematicamente, Magicamente, Cabalisticamente e Anagógicamente»]. Estudei os seus 24 *Theoremæ* de trás para diante e de diante para trás e confesso que não me senti agraciado com um sensível acréscimo de iluminação, porque não entendi nem oito por cento. Fracasso que se deve sem dúvida à minha notória incapacidade para penetrar tais arcanos. Mas quem conseguir entendê-lo, de acordo com a advertência de Dee no frontispício, «Qui non intelligit, aut taceat, aut discat» ⁸, decerto estará em condições de realizar os mais inacreditáveis prodígios.



John Dee aos 67 anos. Retrato do séc. XVI, por artista desconhecido.

⁷ Essa tradução tem por título “The Necronomicon: The Dee Translation Annotated by Lin Carter”, e vem incluída, na íntegra, em: Robert M. Price (org.), The Necronomicon: Selected Stories and Essays Concerning the Blasphemous Tome of the Mad Arab. VvAa. A Chaosium Book, 1996; pp. 130-198.

⁸ «Quem não compreende, ou se cale, ou aprenda».



Glifo hermético de John Dee, interpretado cabalisticamente no seu tratado *Monas hieroglyphica* (1564).

A forma como o *Manuscrito Voynich* chegou às mãos de Dee é nebulosa, e tem sido relatada de várias e diferentes maneiras. Darei a seguir a versão que me parece mais plausível. Arthur Dee (1579-1651), filho de John Dee e médico do rei Carlos I de Inglaterra, acompanhou o pai nas suas viagens através da Alemanha, Polónia e Boémia, escreveu uma colectânea de textos de alquimia, *Fasciculus chemicus* (1629), e revelou que um manuscrito enigmático teria sido entregue ao seu pai pelo primeiro duque de Northumberland, que saqueara um grande número de mosteiros e trouxera o manuscrito juntamente com uma vasta colheita de outras preciosidades. John Dee possuía a reputação de ser um coleccionador entusiasta de livros estranhos e um criptógrafo de alto calibre, reputação — aliás merecidamente justificada — que levava o duque a procurá-lo para que decifrasse o tal escrito e descobrisse os espantosos segredos que certamente conteria.

De que natureza seriam esses segredos não fazemos ideia, mas a convidativa teoria da conspiração sopra-nos ao ouvido que «alguém» se empenhou em travar as diligências que Dee empreendeu para os descobrir. Basta pensarmos na catadupa de desgraças que sobre ele se abateu desde que iniciou a tarefa de tentar descodificar o documento, a começar por perseguições inexplicáveis e assaltos à sua casa em Mortlake, visando preferencialmente a sua enorme biblioteca (mais de 3.000 volumes impressos e 3.000 manuscritos), devastada por roubos e vandalizações que arruinaram todo o acervo de livros e manuscritos raros incluindo as suas preciosas anotações pessoais. Tudo isso desapareceu e somente resta uma escassa meia-dúzia de livros que se conserva na St. John’s College Library (University of Cambridge) ⁹. Para culminar, regista-se o pormenor assaz suspeito de lhe ter

⁹ O último exemplar da perdida livraria de John Dee, e por sinal da autoria deste, foi descoberto e doado à St. John’s College Library em Junho de 2009. Tem por título: General and rare Memorials pertayning to the Perfect Arte of Navigation (London, 1577).

aparecido um persuasivo personagem que muito impressionou Dee com as suas capacidades supranaturais... Dee teve a infeliz ideia de se associar com ele para progredir nas suas pesquisas — e esclareça-se, de imediato, que se tratava de um escroque chamado Edward Talbot (1555-1597), condenado por vários crimes e que se intitulava clarividente e capaz de realizar as mais espectaculares proezas alquímicas, além de falar com espíritos superiores e de visionar prodígios num cristal.

Como todos os grandes génios místicos, Dee era um crédulo e confiava piamente na sinceridade das pessoas e, nem é preciso dizê-lo, foi enrolado por esse aldrabilhas que mudou o nome para Edward Kelley e explorou John Dee até onde pôde, acabando por deixá-lo quase na miséria. Dee casara em segundas núpcias, aos 51 anos, com a jovem e apetecível Jane Fromond, que tinha então 23, e o ardiloso Kelley, após uma sessão mediúmnica na Boémia ⁸, disse a Dee que o anjo Uriel com quem estivera em contacto dera ordem para que os dois homens compartilhassem as respectivas esposas, o que certamente propinou uns bons momentos a Kelley e umas grandes angústias a Dee, que, segundo parece, não duvidou da autenticidade da prescrição angélica e consentiu que o trato fosse levado por diante. Afortunadamente os dois homens separaram-se pouco depois, Kelley prosseguiu a sua carreira de alquimista mas não conseguiu produzir ouro para o imperador Rudolfo II, que o encarcerou na torre do Castelo Hnevin. Kelley acabou por morrer estupidamente porque ao tentar fugir escorregando por uma corda, esta era curta de mais e ele precipitou-se quando ainda se encontrava a meio da descida da altíssima torre.

John Dee por sua vez não conseguiu decifrar o misterioso documento — «um livro contendo um texto incompreensível», segundo testemunho do filho, Arthur Dee. (Não conseguiu ou não o deixaram?) Para repelir o espectro da miséria John Dee vendeu os poucos livros que lhe restavam, incluindo o *Manuscrito Voynich*, que foi

comprado pelo imperador Rudolfo II, como se disse atrás, por 600 ducados de ouro.

Mas a história não acaba aqui. Das inúmeras tentativas que se conhecem para decifrar o manuscrito, duas há que teriam estado muito perto da solução — a de John Dee e a de um outro erudito, o prof. William Newbold, que veremos a seguir. Em ambos os casos, ambos os autores parecem ter sido «dissuadidos» de levar a tarefa a bom termo. William Romaine Newbold (1865-1926), antiquário, especialista em criptografia e professor de filosofia na Universidade da Pennsylvania, tornara-se conhecido pelas suas pesquisas e descobertas no campo das antiguidades e na decifração de línguas antigas. Newbold entrou em contacto com o manuscrito em 1919, quando este se encontrava na posse de Wilfrid Voynich, e em 1921 declarou que descobrira a chave que descodificava o documento. Declaração obviamente sensacional, tanto mais que Newbold começou a proferir uma série de conferências, em 1921 e 1922, explicando o seu método baseado numa hipótese singular: o texto visível não tem em si nenhum significado, mas cada letra aparente não passa de um minucioso constructo de pequeníssimas marcas apenas discerníveis sob potente ampliação. Estava convencido que o autor do texto teria sido Roger Bacon, o famoso monge inglês do séc. XIII que tem a seu crédito numerosas descobertas científicas, e, segundo Newbold, muitas delas inéditas e somente acessíveis a séculos vindouros. É claro que a comunidade científica, sobretudo arqueólogos e paleógrafos, rejeitou o método de Newbold tal como rejeitou a sua peculiar visão das capacidades inventivas de Bacon, que, se por um lado advogou e incentivou, nos seus trabalhos, a ciência experimental, por outro lado não poderia, nem por sombras, ter sido o autor do manuscrito.

Todavia, e durante os poucos anos de vida que restaram a Newbold após as suas sensacionais revelações, houve cientistas que o levaram a sério, nomeadamente os que tinham assento com ele em sociedades académicas respeitáveis como o Classical Club of Philadelphia, a American Philosophical Society, a Society of Biblical Literature e a American Oriental Society. Mas de súbito todos deram o dito por não dito e o próprio Newbold interrompeu a continuidade das investigações, até que a sua morte em 1926 encerrou silenciosamente o assunto. Subsistem, em todo o caso, algumas perplexidades por esclarecer, como certas frases «traduzidas» do *Manuscrito Voynich* e que Newbold ainda conseguiu publicar, por exemplo: «Vi num espelho côncavo uma estrela em forma de caracol. Encontra-se entre o umbigo de Pégaso, o busto de Andrómeda e a cabeça de Cassiopeia...», ou ainda passagens que fazem alusão ao «segredo das estrelas novas».

Mesmo aceitando a teoria dos cépticos de que o manuscrito não passa de uma fraudulência do séc. XVI elaborada talvez por John Dee ou por um herbolário da Boémia, Jacobus Sinapius, contemporâneo de Dee, se nele se revela o segredo energético das *novæ* e dos qua-

sars, tal hipótese dá azo a perspectivas pouco risonhas, e, como observava o passarão do Jacques Bergier (mal-amado da *intelligentsia* bem-pensante mas dotado de um irresistível sentido do humor), mais vale que o manuscrito permaneça indecifrável antes que ponha ao alcance de qualquer curioso (leia-se: qualquer terrorista) uma fonte de alta energia superior ao actual poder nuclear. Suspeito em todo o caso que este receio seja infundado: felizmente, e apesar das fugas e vendas clandestinas de material radioactivo da ex-União Soviética, ainda ninguém conseguiu — que eu saiba, se estiver enganado por favor corrijam-me — fabricar uma bomba atómica no forno de microondas lá de casa.

Por outro lado a referência a Andrómeda não deixa de ser embaraçante: que espécie de aparelho seria o tal «espelho côncavo» capaz de perscrutar os abismos cósmicos a ponto de descobrir que a nebulosa de Andrómeda (hoje conhecida como galáxia de Andrómeda, ou M31, ou ainda NGC 224) tem forma de caracol (espiral) e se encontra precisamente no local indicado pelo estranho livro? Se é verdade que este corpo celeste já era conhecido dos antigos astrónomos persas que se lhe referiam como uma «pequenhina nuvem», somente em 1887 é que o astrónomo Isaac Roberts descobriu a sua forma espiralada mediante fotografias de longa exposição.

Folheando o livro, e através do exame das gravuras — já que pelo texto nada se fica a saber —, parece poder deduzir-se que o *Manuscrito Voynich* está dividido em secções específicas: herbolária e botânica, astronómica, cosmológica, farmacológica e uma colecção de receitas. Entre as muitas gravuras dessas secções, podemos ver por exemplo reproduções minuciosas e pormenorizadas de plantas que não existem no nosso planeta; mulheres nuas banhando-se em tinas ou talvez aquários, ou nadando através de estranhas tubagens as-saz elaboradas e aparentemente orgânicas; diagramas cosmográficos, alguns desenhados em cartas desdobráveis, contendo símbolos astronómicos ora circulares ora com outras formas, e esquemas com conjuntos de estrelas onde algumas constelações são reconhecíveis mas outras parecem diferentes ou estranhamente distorcidas.

Assim sendo, vejo-me constrangido a corrigir a minha suposição de há pouco, da proveniência extraterrestre do manuscrito: o mais certo é ter vindo, afinal, de uma outra dimensão, ou de um universo paralelo ligeiramente desfasado em relação ao nosso. Ainda por cima, se alguém ou alguma coisa o conseguiu transportar até cá, é de temer que o livro contenha a «receita» da construção da «porta» (a famosa *porta Z!*) que permite a passagem em ambos os sentidos... Deus nos defenda de semelhante perigo! Já estou a transpirar.

Se me dão licença sigo adiante, e como o tema dos «livros míticos» é pouco menos que inesgotável, reservarei para um próximo artigo, se ainda me restarem forças e alguma sabença, outros livros não menos esquisitos e excitantes, como por exemplo os enigmáticos e (talvez) inexistentes livros que são mencionados em certas passagens da Bíblia, ou os chamados «falsos documentos», livros tão falsos, tão falsos, mas tão bem informados que parecem perturbadoramente verdadeiros (sem dúvida associados à inevitável teoria da cons-

piração...) — vejam-se por exemplo os *Monita Secreta* [«Instruções Secretas dos Jesuítas para o Domínio do Mundo»] (1614), os *Protocolos dos Sábios de Sião* [«Instruções Secretas dos Judeus para o Domínio do Mundo»] (1903), os *Hitlers Tagebücher* [«Diários de Hitler»] (supostamente descobertos em 1945 e publicados em 1983), etc., etc.

Mas não só. Outros há, ainda, que nos põem a imaginação num fervedouro... mas deixemo-los para o tal próximo capítulo que acima vos prometi. BANG!



ANTÓNIO DE MACEDO é escritor, cineasta e prof. universitário, nasceu em Lisboa em 1931. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade Clássica e a Escola Superior de BA de Lisboa, onde se formou em Arquitectura em 1958. Exerceu durante alguns anos a profissão de arquitecto que abandonou em 1964 para se dedicar à actividade de escritor, cineasta e professor. Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários, programas televisivos e filmes de intervenção, bem como onze longas-metragens de ficção. Paralelamente, especializou-se na investigação e estudo das religiões comparadas, de esoterologia, de história da filosofia e da estética audio-visual, e das formas literárias e filmicas de «ficção especulativa». Dirigiu a colecção Bibliotheca Phantastica, da editora Hugin, e foi um dos promotores dos Encontros Internacionais de Ficção Científica & Fantástico de Cascais, que se iniciaram em 1996. Tem leccionado em diversas instituições de ensino desde 1971, como o IADE, a Universidade Lusófona, a Escola Oficinas, Universidade Moderna e o ISER. Foi homenageado pelo 30.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, em Setembro de 2001, pela relevância da sua carreira e pelo contributo prestado à cultura cinematográfica portuguesa.

68

69



WATCHMEN - POR DETRÁS DA MÁSCARA

Alan Moore define Watchmen como sendo, em muitos aspectos, uma meditação sobre o poder nas suas várias vertentes. Grande parte da sua narrativa exhibe um tom de desconfiança em relação ao exercício do poder em si e da responsabilização que cada um atribui a si próprio no uso do mesmo, o que torna a série num verdadeiro produto da sua época.

Essa atitude de descrença, alimentada por décadas de tensão social e disillusiones políticas (abordadas nada inocentemente por Moore sob a forma do assassinato de Kennedy, a Guerra do Vietnam, o uso de Nixon como ainda Presidente dos EUA), demorou a entrar no género literário do super-herói americano, nessa altura ainda preso à sua génese dourada dos anos 30 e 40. Nesses idos anos 80, o Sonho Americano sofria de uma espécie de morte lenta, mas nas páginas de um qualquer comicbook, lidava-se com catástrofes espaciais e crime organizado em tom de telenovela perpétua.

Mesmo apesar de todas as tragédias e dilemas vividos, os escapates estavam repletos de cores primárias e sorrisos amarelos embalados pela censura promovida pelo Comics Code Authority desde 1954. A este propósito é curioso como no álbum Watchmen que aqui analisamos, Moore faça referência à pré-censura dos clássicos da EC Comics com a história secundária, Tales of the Black Freighter.

O escritor britânico admite que quando entrou no mundo dos super-heróis se sentiu imediatamente atraído pela natureza mitológica e moralmente ambígua do género, mas ficou também intrigado com a ausência de vontade deste em questionar-se a si próprio acerca do seu real papel no mundo ao longo do tempo.

Não que fosse inédita a incursão de super-heróis em temas actuais (veja-se o trabalho Dennis O'Neill e Neal Adams na dupla Green Arrow/Green Lantern nos anos 70), mas a maioria dos títulos da altura parecia viver numa realidade paralela, desfasada do tempo real, imune à influência dos avanços e recuos da sociedade que supostamente retratava. As

personagens não envelheciam, tinham ciclos de encontros com archi-inimigos, e os seus problemas pessoais pareciam estar parados no tempo, não importavam as peripécias imaginadas pelas equipas editoriais envolvidas.

“WHAT HAPPENS IN COMICS, STAYS IN COMICS.”

É argumentável que essa seja uma das pedras base do género, a sacrossanta Continuidade em que tudo muda e tudo fica na mesma, mas Moore, no meio de outros poucos autores da época, queria algo mais. Apostado em explorar a parte mais humana dos super-heróis, o argumentista começou por querer actualizar um grupo de super personagens familiares mas secundárias, transpostas para um contexto distante da candura da sua existência até aí. O primeiro tratamento foi aparentemente baseado numa equipa chamada The Mighty Crusaders, já de si uma tentativa da Archie Comics para capitalizar o sucesso conquistado pelas linhas de super-heróis da Marvel e da DC da altura. Quando o tratamento foi proposto à DC, o “plot” foi transferido para um catálogo de personagens que esta tinha adquirido recentemente a outra editora, a Charlton Comics, mas acabou por ser recusado nesses termos, dada a intenção de Moore em dar um final pouco simpático a quase todo o rol de personagens.

Como alternativa, foi-lhe sugerido que criasse os seus próprios peões de xadrez, o que Moore fez, recorrendo a arquétipos do género super-heróico, mas colados aos nomes da Charlton que ele inicialmente trabalhara.

Desta estranha adaptação saíram veículos sobre-humanos para histórias pessoais injectadas de uma auto consciência até aí nunca vista numa personagem mascarada.

No mundo criado por Moore, super-heróis questionam-se, reflectem, enganam-se, cometem erros, arrependem-se, sofrem as consequências da sua natureza e entendem o seu papel no esquema das coisas. Todos estão ligados entre si por passado, presente e futuro, todos são influenciados e influenciam o mundo em

OPINIÃO | Ricardo Venâncio

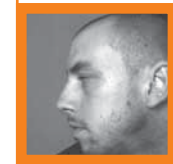
volta, seja através de um encontro sexual fortuito, ou ganhando uma guerra antes perdida, ou mesmo ameaçando o mundo inteiro com a própria existência.

Esta interligação tem um enorme contributo do ilustrador Dave Gibbons, através da reinvenção da clássica grelha de 9 planos, que lhe dá um ritmo não muito fácil de seguir, mas completamente indicado para o universo proposto por Moore. Com Watchmen, ambos ajudaram a introduzir evolução e inspecção no universo do vigilante mascarado (patentes no desenvolvimento e degradação do conceito deste dentro da história), desde os super-heróis que escondem os problemas atrás de máscaras, à nova geração que exhibe os seus estigmas à superfície.

Este comentário estende-se ao mundo em si, à evolução da sociedade humana e à consciência (ou falta dela) das vitórias e fracassos do nosso desenvolvimento colectivo.

Apesar de à época a Guerra Fria ter sido aparentemente posta de parte e de Nixon estar morto e enterrado, os dilemas e perigos de poder ilustrados nos 12 números de Watchmen estavam, e parecem estar ainda, vivos e de boa saúde.

Bob Dylan, na música que embla o genérico do filme, canta “The times, they are a-changin’...”; depois de Watchmen, a vida não foi mais pintada a cores primárias; passou a ser mais cinzenta, discordante e paranóica. E hoje já não existem sorrisos amarelos sem pintas de sangue. BANG!



Ricardo Venâncio é um ilustrador e autor de BD lisboeta a trabalhar desde 1999. Desde tenra idade que foi encorajado a absorver histórias de fantasia, mitologia e ficção de todo o tipo, em especial através das BDs que o seu pai lhe comprava todos os Verões. Essa sede de se deslumbrar com outros mundos levou-o a alguns trabalhos conhecidos como a concepção visual do álbum Sound In Light dos Blasted Mechanism (2006), do videoclip “É Verdade?” dos Terrakota com o colectivo Droid_id (2007), e a sua série de BD “Defier” (2009). Ricardo faz parte do The Lisbon Studio.

Luzes, Câmara... Bang!

OPINIÃO

O ano de 2009 acabou razoavelmente em beleza para os fãs do fantástico e em especial para os que preferem ficção científica. Um ano que nos deu

o empolgante *re-boot* do franchise *Star Trek*, a ternura de *O Sítio das Coisas Selvagens*, o fabuloso *Distrito 9* e o discreto mas sólido *Moon*, acabou em beleza com *Avatar* e *Sherlock Holmes*. Façamos destes dois.

James Cameron deu à luz um evento cinematográfico. Algo que explode cor, luz e alta definição nas retinas, capaz de fazer saltar da cadeira o mais pesado dos críticos. *Avatar* foi um dos últimos estouros natalícios e com toda a razão. Toda? Talvez não: um pequeno buraco negro impede essa visão.

Gostaria de dizer que esse buraco é um mero efeito visual, como aquele que o espectador da versão 3D experiencia sentado na sala durante as 3 horas de projecção, essa sensação de que o negro em torno do ecrã não deveria existir, como se não houvesse o direito de a escuridão absorver a existência, o que acontece nos pixéis da vida real HD™. *Avatar* é um filme bem pensado e bem executado a muitos níveis. É genial nos efeitos especiais e do 3D em particular,

bastante bom na conceptualização do cenário alienígena físico e na sua fauna e flora. As referências a outros filmes do género são abundantes. A intenção de maravilhar o espectador é palpável. Mas algumas falhas lógicas e temáticas do enredo destoam com todos estes indícios de qualidade.

Tomemos, a título de exemplo, os Na'vi, os alienígenas inteligentes, a cultura que o personagem principal irá conhecer e integrar através do seu avatar “real”. O facto de serem uma variação barata de gatos azuis com apenas dois espaçados olhos, é uma concessão demasiado fácil à verosimilhança enquanto conceito de puro marketing e ninguém pediu que os animais de Pandora

soltando os horrores sobre o mundo e cuja última coisa a sair é a Esperança. Há alguma relação no filme a isto? Só batendo com um martelo muito grande.

Dir-me-ão que é só um nome, que poderia ter sido outro qualquer, que não tem importância. Mas esta escolha exemplifica as fraquezas especulativo-narrativas do filme. A ideia de esperança, para os Na'vi, para a espécie humana, para os princípios éticos e para a deficiência física de Jake et al, para a ecologia e o ambiente, são fundamentais ao conceito do filme. E em muitos aspectos, Pandora é, juntamente com Jake, a personagem principal do filme. Mas o nome engana a interpretação, pois não é representativo da história ou dos temas. No fim da história, não é a esperança o fiozinho que fica, mesmo que sejam soltos os horrores sobre Pandora-Gaia e os Na'vi, e estes sejam salvos. O que acontece, é que a ordem natural, após muita tribulação, é reposta. Os maus andam à solta a fazerem o que querem e no fim perdem, graças ao herói humano travestido de alien.

Fora isso, para além do enjoo em ver mais uma história sobre o complexo do homem branco, a soporífera não-abordagem do tema da protecção do ambiente face aos grandes interesses corporativos, a diabolização infantil de tudo o que é figura de autoridade (à excepção da personagem de Sigourney Weaver, que é logo neutralizada após a chegada em cena), o messias branco, mesmo que bronco, capaz de ser mais alien que os aliens e mais inteligente que eles todos ao perceber como domar a maior besta alada do planeta... a lista de conceitos mal trabalhados é tão extensa que desrespeita por completo não só o espectador como a história do cinema

Avatar e
Sherlock Holmes

Realização de Nuno Fonseca

tivessem todos 4 olhos ou que o azul faça dos Na'vi bons alvos para a fauna do planeta, que os torna uma quase impossibilidade segundo Darwin. E ninguém foi capaz de pensar numa simples solução para isto?

O próprio planeta, de nome Pandora, potencia uma ideia de campo de batalha onde se irá decidir algo sobre o destino humano, como é próprio da boa ficção científica. Pandora, que não deveria ter aberto a caixa, que a abre



fantástico ou de FC em particular. Ou seja, temos um enredo que nem nos anos 50 estaria completamente bem colocado, o que é um sério atraso relativo à qualidade do género.

Há uma tentativa, conceptualmente engraçada, de fazer ficção científica com técnicas de fantasia, e em particular de alguma fantasia épica. Mas este estratagemma, que na literatura já foi mais que bem feito por exemplo pelos primeiros livros de Pern de Ann McCaffrey, é aqui feito de forma tosca, esquemática, sem nervo. Após ver *Avatar*, os espectadores de fantasia não ficarão orientados para a FC, embora o tratamento dos cenários lhes leve a ver que é possível virem a gostar desta o que, sendo um ponto bastante positivo, não chega para ultrapassar definitivamente a barreira que separa os dois públicos como era a intenção.

Eu percebo a vertente de entretenimento e de como é importante. Mas até este deve ser verosímil, fazer sentido. Uma história pode ser simples sem ser parva. E deve evitar a ausência de inteligência a todo o custo, para respeitar os espectadores. *Avatar* poderia ter sido o feito da década, mas só consegue ser um objecto bonitinho cuja história todos se vão esquecer depressa. É que não é legítimo hoje em dia tratar a audiência como um bando de personalidades acéfalas. Mesmo que muitas vezes elas se possam comportar como tal. E assim, *Avatar* é apenas isto: uma objecto bonito, um feito técnico prodigioso, mas um enredo fraco ou mesmo deficiente. Ou seja, oportunidade perdida que abre caminho para uma verdadeira obra-prima, algo que esperamos para este ano de 2010.

É na história que podemos encontrar a maior novidade. Curiosamente,

Sherlock Holmes de Guy Ritchie foi também outro bom filme.

Como já várias vezes o disseram, este é um Holmes muito diferente, o que tem provocado afirmações rígidas sobre a sua legitimidade, tanto a favor como contra. O certo é que agora já não precisamos de visualizar um Sherlock velhinho, a caminho de cair da tripeça, ou arrogantemente emproado, cheio da sua própria eloquência, debitando intermináveis dissertações dedutivas a um abúlico e esclerosado Watson.

Em parte, este é de facto Sherlock, o homem de carnes secas e trabalhadas, de quem se gosta mesmo não querendo, destemido, bom de luta, com raciocínios rápidos, certos e totais, esquisito, e que fica muito irrequieto quando não tem um objecto-problema, uma investigação qualquer a efectuar, que a inventa quando ela não surge. Porém, não é o mesmo que Conan Doyle punha a dobrar uma barra de ferro com as próprias mãos, e peca por entrar numa certa depressão que impossível ao original vitoriano; dirão algumas vozes maledicentes que é um Sherlock demasiado Robert Downey Jr., e talvez não estejam longe da razão. O certo é que o resultado é fresco (apesar de um notório desalinho com aspecto de pouco banho), e o próprio cenário londrino ganha mais vida que o habitual, dando movimento e cor onde os tratamentos prévios se ocupavam com um acinzentado nevoeiro londrino. Os fãs do personagem há muito que precisavam de ver um detective empolgante, numa história primeiro misteriosa e depois mirabolante.

É na história que podemos encontrar a maior novidade. Curiosamente,

por ser muito mais fiel aos contos e novelas originais quanto à estrutura utilizada. Há quem se queixe de as “explicações” que no filme surgem para os factos serem cheias de buracos ou estapafúrdias, mas a realidade é que era esse o método de Conan Doyle: quem leu as aventuras do detective de Baker Street sabe ser impossível adivinhar de antemão tais “explicações”, e que quando elas surgiam, também sempre após o apanhar do bandido, iam buscar ideias e factos do arco-da-velha que não passariam pela cabeça de ninguém. A arte do autor era a de veicular isso de uma forma que parecia ser inevitável e “elementar”, mas que cede a alguma dose de raciocínio. Até o “namoro” com a temática do sobrenatural e subsequente desmistificação com recurso a elementos tecnológicos ou de especulação científica, são recursos estilísticos absolutamente típicos da obra original, veiculando uma aura de quase Scientific Romance típico da época, do autor e de vária da importante produção literária inglesa (e não só) da época. E torna-se engraçado pensar que, o mais importante invento tecnológico do filme transforma-o em ficção científica moderna de estética steampunk, algo de que Arthur Conan Doyle teria certamente apreciado. **BANG!**



Nuno Fonseca nasceu no ano de Woodstock e da ida do Homem à Lua, eventos que o condicionaram a uma vida de amor pela literatura do fantástico e em especial da Ficção Científica. Fugindo a uma vida comercial e administrativa, mergulhou de cabeça no género e não se espera que volte a sair. Foi editor da e-zine Nova, escreve regularmente para o site de literatura generalista Orgia Literária e para o internacional World SF News blog.

os livros das minhas vidas

OPINIÃO / João Barreiros

É difícil imaginar, neste multiverso feito de um número incomputável de escolhas possíveis, como teria sido a minha vida, se eu tivesse posto os meus olhos sobre um certo livrinho na altura certa. Se as prateleiras onde se acoitavam os “livros proibidos” da minha família não estivessem acessíveis aos dedinhos pegajosos da criança que então fui. Bastava ter lido em primeiro lugar um Asimov - falo aqui do profundamente entediante e desconexo ciclo da Fundação - em vez de um compacto *Ortog* do Kurt Steiner (1960), André Ruelan de seu verdadeiro nome, para que imediatamente me afastasse de um género que afinal marcou a minha existência. Assim sendo, lembro-me ainda de percorrer as páginas desse livro perdido (e tão fininho que ele era), onde *Ortog*, inocente pastor de megatérios - tornado enfim cavaleito-nauta - partia pelo espaço em busca do remédio capaz de curar a humanidade moribunda. Este livro épico, que foi decerto um marco na ostracizada literatura francesa de FC teve mais tarde uma sequência nunca publicada em Portugal, *Ortog et les ténèbres* (1969), onde o nosso herói, tal moderno Orfeu, descia aos infernos para salvar a “consciência” da sua bem-amada. Livrinho discreto, ao mesmo tempo sinistro e crepuscular, mal foi lido noite escura e com a ajuda de uma lanterna sob os lençóis, logo encheu de sombras e angst existencial os meus pesadelos de infância. Tinha eu sete anitos quando o li pela primeira vez. Assim se corrompem as almas inocentes. Assim se viciam as crianças cuja obrigação seria ler mais uma Enid Blyton e ficar por aí. E como se isso não bastasse, vítima da inevitável e maléfica sincronicidade, enquanto o lia, corria no gira-discos a canção proibida do Zeca Afonso, o *No lago do Bren* - nunca mais me esqueci da imagem

do megacomputador cujos segredos seriam capazes de regenerar a senescente humanidade, afundado num lago de alcatrão e defendido por um exército de morcegos gigantes.

E alguns anos depois, outra pequena epifania...

Lembram-se da colecção da Robert Laffont, Ailleurs et Demain, dirigida por Gerard Klein e cujas capas metálicas brilhavam nas prateleiras das livrarias de Lisboa? Nesses tempos épicos onde Portugal ainda lia em língua estrangeira, encontrei outro dos grandes marcos da FC pós *new wave*, o *Nova* (1968) do Samuel Delany. Só mais tarde vim a descobrir que Delany tinha apenas 26 anitos quando o escreveu. Mas a ideia base era fabulosa. Recolher um metal raríssimo gerado no núcleo de uma estrela em vias de explosão. Mergulhar a nave no coração de uma supernova, com todos os riscos inerentes ao capitão/piloto. Cegar por overdose de luz. Ficar para o resto da vida com uma estrela a explodir-lhe em frente dos olhos. Sem esquecer o triângulo amoroso que forma o núcleo do livro, também ele tão destrutivo como o mergulho no coração de uma estrela moribunda. Um pouco como o *amour fou a la française*. Onde o comandante louco mata por inveja a amada com um beijo. E logo de seguida se suicida num banho de luz. Sem esquecer que o futuro descrito por Delany, não é decerto aquele onde habitam os flashes gordons e os capitães cometa. É um amanhã decadente, dominado pelas famílias típicas de uma Renascença Italiana, de tripulantes neuróticos viciados em todo o tipo de drogas psicotrópicas, de unhas sujas e roupas enxovalhadas, onde o astrogador/poeta está armado de uma espécie de cítara electrónica que pode matar à distância com a intensidade do som. Com os romances *Nova*, *The Fall of*

The Towers, *Babel-17*, *The Einstein Intersection*, e com contos fabulosos como *We*, *In some strange powers employ*, *Move on a rigorous line*, ou o *Time considered as an helix of semiprecious stones*, marcou o nascimento de uma FC literária, escrita com rigor, capaz de colocar o género a anos-luz dos pulp que lhe deram a vida. Claro que nada disto foi publicado em Portugal, a não ser a novela, *Babel-17* no Círculo de Leitores, com uma tradução abominável da velha nemesis das edições portuguesas, Eduardo Saló.

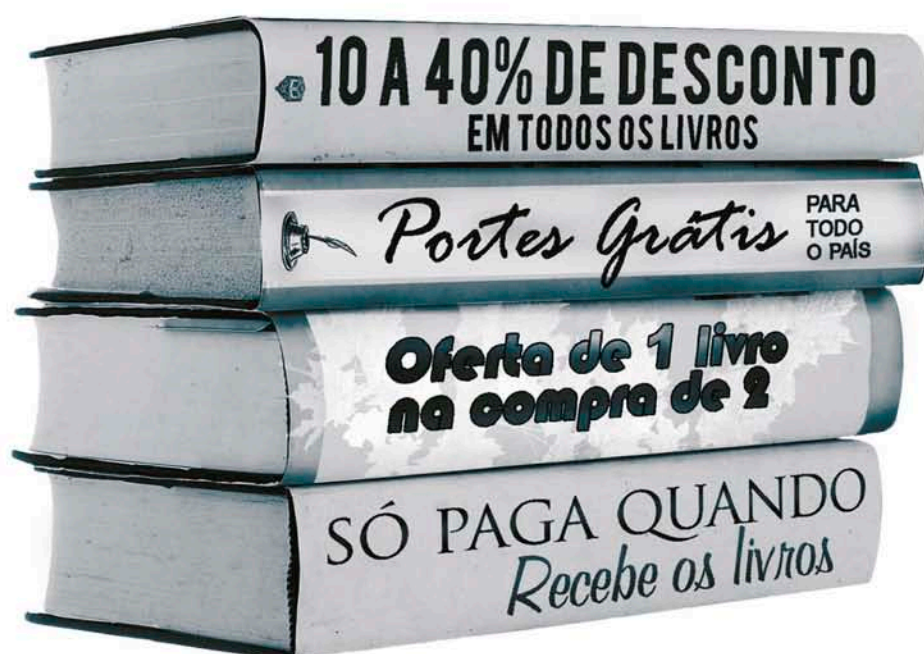
Tristes tristezas.

Pois nesta época mole e soturna onde presentemente vivemos, as prateleiras das livrarias portuguesas continuam a encher-se de intermináveis fantasias infanto-puteris, sem esquecer o vômito do angst adolescente estimulado pelos vampiros bonzinhos e politicamente correctos da Meyers. Aqui já não há possibilidade de escolha a quem queira encontrar a sua própria epifania. Para isso, teria de ler em Inglês ou Francês. Consultar Enciclopédias. Ser um arqueólogo de um passado que resolveu esconder-se ou tornar-se invisível. BANG!



João Barreiros, licenciado em filosofia e professor do ensino Secundário, é tradutor, autor e (até já foi) editor de ficção científica. Os seus livros saíram com as chancelas da Caminho, Livros de Areia, Presença e Saída de Emergência. A sua próxima antologia sairá pela Gailivro. Em Espanha foi publicado pela Bibliopolis.

QUATRO RAZÕES PARA VISITAR A NOSSA PÁGINA!



WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Fala quem sabe:

“Bestsellers, vencedores de prémios, clássicos do género e clássicos do futuro... a Colecção Bang! é uma lista fabulosa dos mais importantes nomes de ficção científica, fantasia e horror.”

—George R.R. Martin



A grande literatura é fantástica
www.saidadeemergencia.com